

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CENTRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM GESTÃO E AVALIAÇÃO
DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

ELIÃ DE MENEZES SALGADO DA LUZ

**ANÁLISE DO ABANDONO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO: A REALIDADE DE
UMA ESCOLA ESTADUAL DE MANAUS/AM**

JUIZ DE FORA

2017

ELIÃ DE MENEZES SALGADO DA LUZ

**ANÁLISE DO ABANDONO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO: A REALIDADE DE
UMA ESCOLA ESTADUAL DE MANAUS/AM**

Dissertação apresentada como requisito
para a defesa do Mestrado Profissional
em Gestão e Avaliação da Educação
Pública, da Faculdade de Educação,
Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Chibebe Nicolella

JUIZ DE FORA

2017

ELIÃ DE MENEZES SALGADO DA LUZ

**ANÁLISE DO ABANDONO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO: A REALIDADE DE
UMA ESCOLA ESTADUAL DE MANAUS/AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública.

Aprovada em:

Prof. Dr. Alexandre Chibebe Nicolella (Orientador)

Prof. Dr. Luiz Flávio Neubert

Prof. Dr. Amaury Patrick Gremaud

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a DEUS, autor da minha fé e da minha conquista, por ter me provido de saúde e ter cuidado da minha família em minha ausência. Sou grata ainda:

Aos meus pais Raíás e Orivete, por acreditarem que eu poderia ir mais longe do que eu imaginava, pelas orações e o apoio incondicional, cuidando de mim e dos meus filhos;

Ao meu amado esposo Jorge, pela paciência e compreensão em minhas ausências viajando, ou mesmo em casa em frente ao computador e por ter sempre cuidado dos nossos filhos;

Aos meus amados filhos Endrick e Edricka, que tiveram que suportar minha ausência durante as viagens e durante longos períodos à frente do computador, essa conquista também é de vocês;

À pedagoga Nilce Couto, que sempre acreditou que eu conseguiria e me ajudou cuidando da escola em minhas ausências;

Ao Secretário da Educação Básica do MEC Msc. Rossieli Soares da Silva, por nos oportunizar esse sonho e torná-lo realidade;

Aos ASAS Mayanna e Vitor, por todo profissionalismo com que me orientaram e me ajudaram em todos os momentos, vocês foram sensacionais!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alexandre Chibebe Nicolella, por toda orientação, paciência e compreensão, sei que não foi fácil me orientar;

À UFJF, uma instituição que realmente democratizou o ensino e levou conhecimento e novos mestres aos municípios mais distantes do Amazonas.

Nos dias atuais, a escola, para cumprir seu papel, deve adaptar-se à diversidade dos alunos que a frequentam, uma vez que essa é a exigência imposta pela sociedade. Cada estudante é um indivíduo e a sua origem socioeconômica e cultural influencia a forma de ser e de estar. A escola precisa ser capaz de prevenir situações que levam à exclusão ou à segregação dos alunos, sobretudo dos que são provenientes de meios sociais problemáticos. (BORJA e MARTINS, 2014, p.95).

RESUMO

A presente dissertação foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação (PPGP) do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF). O caso de gestão estudado discutiu o abandono escolar no ensino médio em uma escola estadual de Manaus/AM. Nesse sentido, o estudo nos remeteu à questão: Quais medidas podem ser implementadas pela gestão da escola para reduzir o problema dos altos índices de abandono escolar? O objetivo geral definido para este estudo de caso consistiu em: identificar e propor ações para as principais causas do abandono escolar na escola em estudo. Os objetivos específicos definidos foram: i) descrever as características físicas e pedagógicas da escola em estudo, levando em consideração informações qualitativas e quantitativas sobre o abandono escolar, por séries e turno; ii) analisar as evidências e as possíveis causas do abandono escolar no contexto socioeconômico da escola e da comunidade escolar; e iii) propor ações para atendimento dos alunos infrequentes e/ou que já abandonaram a escola e retornaram, para que possam permanecer até o fim dos seus estudos. A pesquisa e a discussão teórica sobre o abandono escolar foram fundamentadas nas obras de: Batista (2009), Castelar (2012), Borja e Martins (2014), Oliveira (2015), Soares (2015), Lück (2009, 2012 e 2013) e Paro (2016). A dissertação está estruturada em três capítulos. A metodologia adotada consistiu em uma pesquisa qualitativa, por meio de um estudo de caso. Para isto, utilizamos instrumentos de pesquisa de campo, aplicação de um questionário para dezoito alunos, e entrevistas semiestruturadas, das quais participaram o gestor, a pedagoga e quatro professores. No primeiro capítulo, descrevemos o abandono escolar no Brasil, no Amazonas, na Coordenadoria de Distrital de Educação 03 e na escola em estudo. No segundo capítulo, desenvolvemos o estudo teórico sobre o abandono escolar, a coleta de informações e a apresentação dos dados da pesquisa de campo. No capítulo 3, apresentamos a análise dos dados coletados, e desenvolvemos um plano de ação educacional com intuito de proporcionar subsídios à gestão escolar no enfrentamento da problemática do abandono escolar.

Palavras-Chave: Abandono Escolar. Ensino Médio. Gestão Escolar.

ABSTRACT

This dissertation was developed under the Professional Master in Management and Evaluation of Education (PPGP) of the Center for Public Policies and Education Evaluation, Federal University of Juiz de Fora (CAEd / UFJF). The management case studied discussed school dropout in high school in a state school in Manaus/AM. In this sense, the study referred to the question: What measures can be implemented by school management to reduce the problem of high dropout rates? The general objective defined for this case study was to identify and propose actions for the main causes of school dropout in the school under study. The specific objectives defined were: i) to describe the physical and pedagogical characteristics of the school under study, taking into account qualitative and quantitative information about dropout, by grade and shift; ii) analyze the evidence and possible causes of school dropout in the socioeconomic context of the school and the school community; and iii) propose actions to attend the infrequent students and / or who have already dropped out of school and returned, so that they can remain until the end of their studies. The research and the theoretical discussion about school abandonment were based on the works of Batista (2009), Castelar (2012), Borja e Martins (2014), Oliveira (2015), Soares (2015), Lück (2009, 2012 e 2013) and Paro (2016). The dissertation is structured in three chapters. The methodology adopted consisted of a qualitative research, through a case study. For this, we used field research tools, a questionnaire for eighteen students, and semi-structured interviews, with the participation of the manager, the pedagogue and four teachers. In the first chapter, we describe the dropping out of school in Brazil, in Amazonas, in the District Office of Education 03 and in the school under study. In the second chapter, we developed the theoretical study on school drop-out, the collection of information and the presentation of field research data. In chapter 3, we present the analysis of the collected data, and we developed an educational action plan with the purpose of providing subsidies to the school management in facing the problem of school dropout.

Key words: School Abandonment. High school. School management.

LISTA DE ABREVIATURAS

CAEd	Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação
CDE-03	Coordenadoria Distrital de Educação 03
CEE-AM	Conselho Estadual de Educação do Amazonas
CEMEAM	Centro de Mídias de Educação do Amazonas
CRAE	Coordenador para Redução do Abandono Escolar
DD	Diário Digital
DCNEM	Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
ENCCEJA	Exame Nacional de Certificação de Competência de Jovens e Adultos
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento de Educação
GEPPAE	Gerência de Programas, Projetos e Atendimento ao Escolar
HTP	Horário de Trabalho Pedagógico
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PEE-AM	Plano Estadual de Educação do Amazonas Decênio: 2015-2025
PNE	Plano Nacional de Educação Decênio: 2014-2024
PNEM	Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEDUC	Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino
SIGEAM	Sistema Integrado de Gestão Educacional do Amazonas
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Ações da SEDUC para combater o Abandono Escolar (2012-2016)	27
Quadro 2	Ações da SEDUC para combater o Abandono Escolar.....	28
Organograma 1	Coordenadoria Distrital de Educação 03.....	31
Gráfico 01	Percentual de alunos que abandonaram a escola nos anos 2014, 2015 e 2016 por série e turno	34
Gráfico 02	Comparativo das taxas de abandono escolar no Brasil, no Amazonas, na CDE-03 e na escola em estudo, nos anos de 2014, 2015 e 2016	37
Gráfico 03	Percentual de alunos participantes da pesquisa por série em curso em 2017	93
Gráfico 04	Faixa etária dos alunos que participaram da pesquisa	94
Gráfico 05	Com quem os alunos moram	95
Gráfico 06	Percentual de alunos por atividades remunerada	97
Gráfico 07	Renda familiar dos alunos participantes da pesquisa	98
Gráfico 08	Percentual do número de vezes em que o aluno já abandonou a escola	99
Gráfico 09	Causas do abandono escolar apontadas pelos alunos	100
Gráfico 10	Pretensões dos alunos após a conclusão do Ensino Médio.....	101
Gráfico 11	Percentual de quantos alunos receberam contato da escola quando deixaram de frequentar	102
Gráfico 12	Motivos que levaram os alunos a retornarem para a escola	103
Gráfico 13	Pontos positivos da escola apontados pelos alunos	104
Gráfico 14	Pontos negativos da escola apontados pelos alunos	105
Gráfico 15	A importância da escola para os alunos	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Taxas de rendimento na educação básica (2014-2016)	19
Tabela 2	Taxas de rendimento no ensino médio por ano escolar (2014-2016)	20
Tabela 3	Taxa de abandono escolar na Região Norte do Brasil nos anos de 2014 a 2016	25
Tabela 4	Rendimento escolar do ensino médio nos anos de 2014, 2015 e 2016 no Amazonas.....	26
Tabela 5	Rendimento escolar final do ensino médio da CDE-03 nos anos de 2014, 2015 e 2016.....	33
Tabela 6	Quantitativo de alunos que deixaram de frequentar a escola nos últimos três anos: 2014, 2015 e 2016.....	35
Tabela 7	Resultados do rendimento final por série/ano dos anos de 2014, 2015 e 2016.....	36
Tabela 8	Quantitativo de alunos reprovados e percentual de reprovados por falta, nos anos de 2014, 2015, 2016	38
Tabela 9	Resultados das ligações feitas aos pais/responsáveis dos alunos que deixaram de frequentar a escola até outubro de 2016.....	40
Tabela 10	Tempo no qual os professores entrevistados trabalham na escola.....	74
Tabela 11	Percentual de alunos por ano do primeiro ingresso na escola e a série que estavam cursando	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. O ABANDONO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO	17
1.1. O Abandono Escolar no Brasil	18
1.2. O Abandono Escolar no Amazonas	24
1.3. O Abandono Escolar na Coordenadoria Distrital de Educação 03	30
1.4. O Abandono Escolar em uma Escola Estadual de Manaus/AM	33
1.5. Quais as principais causas do abandono escolar no ensino médio, em uma escola estadual de Manaus/AM?	41
2. O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NO COMBATE AO ABANDONO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO, EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE MANAUS	44
2.1. Eixos de análise	45
2.2. Percurso metodológico	52
2.3. Análise dos dados.....	57
2.4. Achados da pesquisa	106
3. PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL	110
3.1. Formação dos servidores da escola acerca do abandono escolar	111
3.2. Criação do Formulário de frequência	114
3.3. Reunião com pais e/ou responsáveis	116
3.4. Intervenção com alunos infrequentes	117
3.5. Palestras sobre profissões	119
3.6. Criação da brigada de combate ao abandono escolar	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICE A: Roteiro para entrevista do gestor e da pedagoga	129
APÊNDICE B: Roteiro para entrevista dos professores do ensino médio	130
APÊNDICE C: Questionário para os alunos do ensino médio	131
ANEXO A: Meta 3 suas respectivas estratégias – Plano Nacional de Educação, vigência 2014-2024	134
ANEXO B: Plano Estadual de Educação do Amazonas, Meta 3 do Ensino Médio	135

INTRODUÇÃO

O presente estudo de caso apresenta a discussão acerca dos altos índices de abandono escolar em uma escola estadual de Manaus-AM, que atende estudantes do ensino médio regular.

Sendo essa modalidade a última etapa da educação básica, compete aos Estados atender com prioridade e garantir as condições de acesso e permanência do aluno na escola, conforme estabelecido nos artigos 205 e 206, inciso I, da Constituição Brasileira de 1988 e, reiterado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/96, artigo 4º, inciso II “universalização do Ensino Médio gratuito” e artigo 10º, inciso VI “(...) e oferecer, com prioridade, o Ensino Médio a todos que o demandarem” (BRASIL, 1996).

Na observância quanto ao atendimento de matrículas no ensino médio, o Estado do Amazonas tem procurado, a cada ano, ampliar o número de vagas, disponibilizando mais escolas para atender a essa etapa de ensino. O Estado reduziu o número de escolas que atendiam ao Ensino Fundamental anos iniciais, passando, essas escolas, a atender o Ensino Médio, abrindo, assim, um maior número de vagas.

Em nosso Estado, assim como em todo o país, o ensino médio permanece sem uma identidade definida. O currículo atual não consegue atender a todas as finalidades definidas na própria LDB nº 9.394/96, artigo 35, o que possivelmente, deixa de atrair a atenção da juventude, que por vezes abandona essa etapa da escolaridade, sem concluí-la, ou acaba tardando seu término, passando a fazer parte das estatísticas do abandono escolar e da distorção idade-série.

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o “abandono escolar é a condição do aluno que deixa de frequentar a escola durante o andamento do ano letivo” (BRASIL/INEP, 2016), conceito este também usado por Soares *et al*, (2015) e Oliveira *et al* (2015). Assim o abandono difere da evasão, pelo fato de que o aluno que abandonou a escola, retorna no ano seguinte ou nos anos posteriores, ou seja, efetiva a matrícula novamente. Já o aluno que evade não retorna nem para a escola da qual se evadiu, e nem para outra escola da rede de ensino.

Neste estudo de caso de gestão, escolhemos a referida escola pelo fato de a mesma ter apresentado nos últimos três anos altos índices de abandono escolar no ensino médio, anos estes nos quais a pesquisadora atuou como gestora; e analisando os resultados do ano de 2013, anterior a sua gestão, 8,95% (82) dos seus alunos deixaram de frequentar a escola, resultado bem inferior aos anos de 2014 e 2015. Em 2014, 13,77% dos alunos deixaram de frequentar a escola durante o ano letivo. Já em 2015 foram 11,47% e, em 2016, 6,07%. Ao ser comparada com as demais escolas da Coordenadoria Distrital de Educação 03 (CDE-03) que atendem ao ensino médio (um total de 14 escolas em toda a CDE-03) a escola em estudo esteve destacada entre as cinco com maior taxa de abandono, durante os anos em análise.

Outro fator que chamou a atenção foi o número de alunos que retornaram para a escola, sendo sempre inferior ao número de alunos que deixaram de frequentar. Nesse cenário, dos 144 alunos que deixaram de frequentar a escola em 2014, apenas 39 retornaram em 2015; dos 131 que deixaram de frequentar em 2015, apenas 43 retornaram em 2016; e dos 64 que deixaram de frequentar em 2016, apenas 27 retornaram em 2017. Desses, 10 abandonaram os estudos no decorrer deste ano, permanecendo apenas 17. Oliveira *et al* (2015, p. 48) descreve que “a resolução da evasão e/ou abandono escolar, constitui um dos grandes problemas e desafios da educação brasileira em todos os níveis, mas principalmente no Ensino Médio [...]”.

Os dados de abandono escolar da escola em estudo nos levaram a questionamentos acerca das causas que levaram os alunos que iniciaram os últimos anos da educação básica, a interromperem seus estudos sem concluir o ano letivo, retornando somente no ano seguinte ou mais. Podemos caracterizar esse panorama como exemplo de abandono escolar ou, conforme definição utilizada pela Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino (SEDUC/AM): “deixou de frequentar”.

Nessa perspectiva, tivemos como foco de nossa pesquisa os alunos que abandonaram a escola nos anos de 2014 a 2016, retornaram em anos posteriores, e em 2017, permanecem estudando na escola, para identificarmos os principais fatores que os levaram a abandonar a escola, bem como os fatores que os levaram a retornar.

A pesquisadora atuou na gestão da escola em estudo nos anos de 2014 a 2016, foi indicada ao cargo de gestora pela coordenadoria, a qual considerou sua formação em Licenciatura Plena em Pedagogia, pós-graduação em Gestão e Supervisão Escolar, sua experiência como docente e gestora em escolas de outras coordenadorias. A pesquisadora assumiu a primeira gestão no ano de 2009. Nos anos de 2010 e 2011 atuou como apoio pedagógico e administrativo em uma escola de tempo integral; em dezembro de 2011 assumiu a segunda gestão, e em 2014 a terceira gestão, na escola em estudo.

A temática desta dissertação surgiu a partir da análise de dados do rendimento escolar dos anos de 2014 a 2016, conforme discorrido anteriormente. A pesquisadora considerou, também, sua atuação como gestora em outras escolas nas quais os resultados do abandono escolar eram bem abaixo do que se apresentou nessa instituição de ensino.

A instituição está localizada na zona Centro-Oeste da cidade de Manaus, foi criada pelo Decreto nº 24.151, de 2004, possui 13 anos de existência e há sete anos passou a atender somente o ensino médio regular, nos turnos matutino e vespertino. A mesma faz parte do grupo de escolas pertencentes à Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino do Amazonas (SEDUC/AM), e está sob o acompanhamento da CDE-03.

Para melhor compreensão dos resultados das escolas, a SEDUC possui o Sistema Integrado de Gestão Escolar do Amazonas (SIGEAM), o qual define os dados de rendimento das escolas com seguintes denominações: Aprovação, Reprovação e Deixou de Frequentar, este último é entendido como abandono escolar. Os dados do rendimento são coletados do Diário Digital para as escolas da capital, sistema este implementado em 2014, ou direto do SIGEAM, no caso das escolas do interior do Estado, as quais ainda não possuem o sistema do Diário Digital.

Uma prática que tem sido adotada pelas escolas para redução dos índices de abandono e o aumento do índice de aprovação, para, conseqüentemente intervir no resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), é o cancelamento da matrícula dos alunos infrequentes ou que já deixaram de frequentar a escola antes do Censo Escolar. Isso ocorre da seguinte forma: os alunos que deixam de frequentar a escola ainda no primeiro bimestre, e que podem

gerar índice de abandono, são cancelados do SIGEAM (aqueles que não possuem nenhuma frequência).

Até o ano de 2013, os que já tinham frequência eram transferidos sem uma escola de destino, porque na época não se tinha acompanhamento do aluno transferido. Então esse aluno aparecia no sistema sem um destino, mesmo assim não aparecia no resultado do rendimento da escola que emitiu a transferência. A partir de 2014, o Instituto Nacional de Estudos e pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) passou a acompanhar o fluxo das escolas, por meio de registro do destino do aluno que é transferido. É realizado, ainda, o acompanhamento do Censo Escolar em relação à matrícula inicial e final das escolas, o que inibe a continuação desse tipo de prática realizada pelas escolas. Ressaltamos que estas informações sobre transferência e o Censo Escolar já existiam, porém, não tinham caráter obrigatório até a alteração proposta pelo INEP.

Também em 2014, os dados de informações de matrícula inicial para o Censo Escolar passaram a ser retransmitidos direto do SIGEAM, sendo as escolas responsáveis pela alimentação dessas informações, tanto nesse sistema como na plataforma do Censo. Antes o procedimento era outro: as escolas preenchiam o formulário do referido processo, encaminhavam para a SEDUC e os técnicos designados retransmitiam para a plataforma oficial.

Para o acompanhamento do fluxo da escola em estudo, relacionamos os alunos que abandonaram, começando no ano de 2014 até 2016. As mudanças ocorridas no fluxo escolar, nos últimos três anos, caracterizaram um grande desafio para a gestão, uma vez que a escola atende a um só nível da educação básica, o ensino médio, nos turnos matutino e vespertino, tornando a cobrança por melhores resultados uma constante. O abandono escolar continua sendo um agravante para não alcançarmos as metas de aprovação.

A pesquisa desenvolvida neste estudo de caso possibilitou a análise dos dados coletados e permitiu compreender os motivos pelos quais os alunos abandonaram a escola, prolongando, dessa maneira, a conclusão do ensino médio. Essa deveria acontecer em três anos, passando o estudante a demorar quatro ou mais anos para concluir, por ocasião das idas e vindas à escola.

Conforme explicitado anteriormente, a pesquisadora tomou como base de dados para a pesquisa os anos 2014 a 2016. Os dados do ano de 2013, anteriores a

sua gestão, serviram apenas para subsidiar as análises sobre o avanço do abandono escolar.

Não sendo o abandono escolar um assunto novo na educação, os estudos sobre suas causas têm se tornando cada vez mais frequentes nas discussões e debates das novas políticas educacionais e a escola tem a tarefa de identificar e diagnosticar essas causas, buscando formas de enfrentamento dessa problemática.

Nesse sentido, o estudo de caso nos remeteu à questão: Quais medidas podem ser implementadas pela gestão da escola para reduzir os altos índices de abandono escolar? O objetivo geral definido para este estudo de caso foi: identificar e propor ações para as principais causas do abandono escolar no ensino médio em uma escola estadual de Manaus. Os objetivos específicos definidos foram: i) descrever as características físicas e pedagógicas da escola em estudo, levando em consideração informações qualitativas e quantitativas sobre o abandono escolar, por séries e turno; ii) analisar as evidências e as possíveis causas do abandono escolar no contexto socioeconômico da escola e da comunidade escolar; e iii) propor ações para a redução do abandono, e para aqueles alunos infrequentes, os quais representam risco de abandono, para que estes, ao ingressarem na escola, possam permanecer até o fim dos seus estudos.

Para compreendermos melhor o caso, partimos da abordagem qualitativa de pesquisa por meio de um estudo de caso. Para tanto, utilizamos os seguintes instrumentos de coletas de dados: pesquisa documental do rendimento escolar final dos anos de 2014, 2015 e 2016, documento esse emitido por meio do SIGEAM; entrevistas semiestruturadas com o gestor, a pedagoga e quatro professores de Língua Portuguesa da instituição; e a aplicação de questionário para os alunos que abandonaram a escola nos anos de 2014 a 2016, retornaram, e continuam estudando em 2017. No início do ano letivo, constatamos, pela a matrícula inicial (SIGEAM, 2017), o retorno de 27 alunos, porém, ao realizarmos o levantamento nominal desses alunos, constatamos que nove haviam deixado de frequentar novamente e um faleceu; dessa forma, a aplicação do questionário foi realizada com apenas 17 alunos que permanecem estudando, sendo seis alunos do turno matutino e 11 do turno vespertino. Por meio da aplicação do questionário, buscamos compreender os motivos que os fizeram abandonar e os que os fizeram retornar à escola, e o que, na opinião deles, a mesma pode fazer para que permaneçam até a conclusão do ensino.

A escolha e importância da participação do gestor, da pedagoga, dos professores e dos alunos na pesquisa se tornou primordial, por estes serem peças fundamentais na descoberta, na análise e na compreensão das causas do abandono escolar, demonstrando opiniões diferenciadas sobre os fatores que levam o aluno a deixar de frequentar a escola, bem como os fatores que o trazem de volta. Dessa forma, enfatizamos que todos esses sujeitos contribuíram de forma significativa na vinculação dos fatores que causam o abandono escolar, na compreensão da corresponsabilidade pelos resultados de rendimento da escola e na elaboração das ações do Plano de Ação Educacional (PAE).

O trabalho está organizado em três capítulos. No capítulo 1 contextualizamos a problemática do abandono escolar no ensino médio no Brasil, na rede estadual de ensino do Amazonas, na Coordenadoria Distrital de Educação 03 e na escola em estudo, com base na análise das políticas voltadas para o ensino médio. Enfatizamos, ainda, as metas do Plano Nacional de Educação (vigência 2014-2024), que versam sobre o acesso e a permanência do aluno na escola.

No capítulo 2 analisamos as causas do abandono escolar no ensino médio e o papel da gestão escolar frente à problemática, com base nas discussões teóricas sobre o abandono escolar fundamentadas nas obras de: Batista (2009), Castelar (2012), Borja e Martins (2014), Oliveira (2015) e Soares (2015), Lück (2009, 2012 e 2013) e Paro (2016); e nos dados coletados na pesquisa de campo.

No capítulo 3 apresentamos a proposta do Plano de Ação Educacional, o qual consiste em uma ferramenta que sugere ações possíveis de serem realizadas, no contexto da escola pesquisada. Neste sentido, objetivamos a prevenção por meio de estratégias de combate ao abandono, como também o resgate dos alunos que, por algum motivo, já tenham abandonado a instituição escolar.

1. O ABANDONO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO

Este capítulo aborda os altos índices de Abandono Escolar no ensino Médio em uma escola estadual de Manaus, tomando como base os dados do rendimento final dos anos de 2014 a 2016. Sabemos que o abandono escolar é ocasionado por vários fatores, que podem ser internos ou externos a escola.

Neste estudo, buscamos identificar quais fatores presentes na escola em estudo interferiram direta ou indiretamente na decisão do aluno em abandonar a escola, na tentativa de entender a preponderância de cada um sobre o problema, compreender e como a gestão escolar tem agido diante desses fatores. Sendo assim, a pergunta que norteou este estudo foi: quais medidas podem ser implementadas pela gestão da escola para reduzir o problema dos altos índices de abandono escolar no ensino médio da escola em estudo?

O capítulo está estruturado em quatro seções. Na primeira, descrevemos a situação do Abandono Escolar no Brasil, com base nos dados do Ministério da Educação (MEC), do INEP e das políticas educacionais direcionadas para esta problemática, tomando como base as metas do Plano Nacional de Educação (PNE) do decênio 2014-2024, e as ações que já foram implementadas para a redução do abandono escolar.

Na segunda seção deste capítulo, discorremos sobre a situação do Abandono Escolar no Amazonas, observando se no Plano Estadual de Educação (PEE) decênio 2015-2025, foram contempladas ações para a redução do abandono escolar no Estado; descrevemos, ainda, de forma sucinta, os programas e projetos voltados para essa problemática que vem sendo desenvolvidos.

Na terceira seção, apresentamos a composição da CDE-03, os dados do abandono escolar das escolas, sob sua coordenação, que atendem o Ensino Médio, e as ações que estão sendo desenvolvidas para reduzir as taxas de abandono escolar. Fizemos um comparativo dos dados para verificar se a realidade das demais escolas é diferente da analisada.

Por fim, na seção quatro, retratamos de forma crítica o alto índice de abandono escolar no ensino médio da escola foco deste estudo, conforme dados do rendimento escolar dos anos de 2014, 2015 e 2016, considerando suas características físicas e pedagógicas, descrevendo as informações qualitativas e

quantitativas por série e turno, bem como, relatando, de forma sucinta as ações que já foram desenvolvidas e quais foram seus resultados.

1.1. O ABANDONO ESCOLAR NO BRASIL

Nesta seção, descrevemos a situação do abandono escolar no Brasil e o desempenho e fluxo do ensino médio, partindo da perspectiva da problemática no Brasil, com base na análise da Constituição Federal de 1988, da LDBEN 9394/96 e do Plano Nacional de Educação decênio 2014-2024 e o Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio (PNEM¹), para que pudéssemos compreender melhor as metas que estabelecem ações para redução do abandono escolar.

As informações sobre o rendimento escolar a nível nacional foram coletadas por meio do levantamento de dados estatísticos educacionais, denominado Censo Escolar, que é coordenado pelo INEP. O Censo Escolar considera os seguintes fluxos no rendimento escolar: Aprovação, Reprovação e Abandono; e os dados de movimento dos alunos: transferência e falecimento. As taxas de rendimento, juntamente com as notas das avaliações externas realizadas pelo INEP (Saeb e Prova Brasil), são utilizadas para o cálculo do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), indicador que serve de referência para as metas do Plano Nacional da Educação (PNE), do Ministério da Educação (BRASIL/INEP, 2016).

Segundo os dados do Censo Escolar (INEP, 2017), durante os anos de 2014 a 2016, no Brasil, o ensino médio foi a etapa que obteve a maior taxa de abandono escolar, comparada aos anos iniciais e anos finais do Ensino fundamental, ou seja, mesmo tendo concluído o ensino fundamental, muitos alunos têm abandonado o ensino médio, sem terminarem os estudos. Nesse sentido Oliveira *et al* (2015, p. 48) afirma “[...] a saída da escola sem a conclusão impede que milhares de jovens e adultos tenham melhores oportunidades no mercado de trabalho e, por conseguinte, a chance de uma melhor qualidade de vida”. A Tabela 1 apresenta as taxas de abandono escolar na educação básica, nos últimos três anos.

¹ O Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, instituído pela [Portaria nº 1.140, de 22 de novembro de 2013](#), representa a articulação e a coordenação de ações e estratégias entre a União e os governos estaduais e distrital na formulação e implantação de políticas para elevar o padrão de qualidade do Ensino Médio brasileiro, em suas diferentes modalidades, orientado pela perspectiva de inclusão de todos que a ele tem direito. (BRASIL, 2016b).

Tabela 1 - Taxas de rendimento na educação básica (2014-2016).

Etapa escolar	Anos	% Reprovação	% Abandono	% Aprovação
Anos iniciais	2014	5,8	1,0	93,2
	2015	6,2	1,1	92,7
	2016	5,9	0,9	93,2
Anos finais	2014	11,1	3,2	85,7
	2015	11,7	3,5	84,8
	2016	11,4	3,1	85,5
Ensino Médio	2014	12,2	7,6	80,2
	2015	11,6	6,8	81,6
	2016	12,0	6,6	81,5

Fonte: BRASIL (2016) (**destaque em negrito nosso**)

O Ministério da Educação considera taxas de abandono acima de 5% preocupantes, visto que elas demandam a definição de estratégias para conter o avanço da problemática. Caso as taxas alcancem o percentual de 15%, é preciso intervir no trabalho pedagógico, pois muitos estudantes poderão ficar fora da escola (INEP, 2014). Enfatizamos que o percentual de 7,6% de abandono em 2014 representa 620.194 alunos, 6,8% em 2015 representa 545.949 alunos e 6,6% em 2016 representa 498.051 alunos. Esses estudantes, quando retornam à escola, passam a fazer parte das taxas de distorção idade-série. Soares *et al* (2015) descreve que “sendo dramático no Brasil, o abandono escolar no ensino médio é um problema que afeta até mesmo países com alto desenvolvimento econômico” (p. 759).

No que se refere especificamente ao abandono no Ensino Médio, é possível observar na Tabela 2 que a maior concentração de alunos que abandonaram a escola encontra-se no 1º ano, ou seja, os alunos, ao iniciarem a última etapa da educação básica, já a abandonam, o que nos leva aos questionamentos acerca das causas que levaram estes alunos, precocemente, a deixar a escola, e, conseqüentemente, atrasar a conclusão dessa etapa e um possível ingresso no ensino técnico ou superior. Analisando a Sinopse Estatística da Educação Básica 2016 (INEP/2017), observamos o registro de que permanecem, ainda, no 1º ano do Ensino Médio, as maiores taxas de insucesso, causados pelas elevadas taxas de reprovação e de abandono escolar.

As diferenças das taxas de aprovação entre séries no ensino fundamental e médio mantêm-se rígidas, afetando as taxas de distorção idade-série. A taxa de insucesso na 1ª série do Ensino Médio é a maior de todas na educação básica. Apesar dos alunos

das redes pública e privada apresentarem um risco similar de insucesso no primeiro ano do ensino fundamental, nas séries subsequentes o risco na rede pública é consideravelmente superior. (BRASIL/INEP, 2017).

Na Tabela 2, podemos constatar essa informação, observando que o insucesso do aluno no ensino médio, causado pela reprovação e o abandono, persiste no primeiro ano da etapa de escolaridade.

Tabela 2 - Taxas de rendimento no ensino médio por ano escolar (2014-2016).

Ensino Médio	Anos	% Reprovação	% Abandono	% Aprovação
1º ano EM	2014	17,0	9,5	73,5
	2015	16,6	8,8	74,6
	2016	17,3	8,6	74,1
2º ano EM	2014	11,0	7,1	81,9
	2015	10,1	6,3	83,6
	2016	10,7	6,1	83,2
3º ano EM	2014	6,4	5,2	88,4
	2015	5,9	4,6	89,5
	2016	6,0	4,3	89,7

Fonte: BRASIL (2016) (**destaque em negrito nosso**)

Conforme comentado anteriormente, o abandono contribui para o aumento da distorção idade-série, pois uma vez que o aluno abandona a escola por um ano ou mais, quando resolver prosseguir com os estudos, estará com a idade defasada em relação ao ano/série. Em 2014 o Brasil apresentou 14% de distorção idade-série, ou seja, de cada 100 alunos matriculados 14 estavam com atraso escolar; em 2015 apresentou 13% e, em 2016, 12% de distorção. O Estado do Amazonas encontra-se entre os estados com maior número de alunos em distorção idade-série, principalmente no ensino médio, apresentando percentuais de 21% a 50%, ou seja, de cada 100 alunos matriculados, aproximadamente de 21 a 50 deles estão com atraso escolar (Qedu, 2016).

Conforme a lei nº 11.274/06, a criança que ingressa no ensino fundamental na idade certa, 6 anos, se não for reprovada e não abandonar a escola, aos 15 deverá estar cursando a 1ª série do ensino médio, e aos 17 deverá concluí-lo. Isso é preconizado conforme a Emenda Constitucional nº 59/2009, artigo 1º, o qual altera os incisos I e VII do 208 da Constituição Federal de 1988: Art. 208. (...) “I. educação

básica obrigatória e gratuita dos quatro aos dezessete anos de idade (...)” (BRASIL, 2009, p. 01).

Segundo estudo realizado pela Agência Brasil, 1,3 milhão de jovens entre 15 e 17 anos abandonaram a escola no ano de 2015. O mesmo estudo registra que o número de jovens que conclui o ensino médio na idade certa, ou seja, até os 17 anos, cresceu de 5%, em 2004, para 19%, em 2014, conforme dados do IBGE. Essas informações nos levam a duas reflexões, uma acerca do expressivo número de jovens que abandonaram a escola em 2015, estando dentro da faixa etária, e a segunda referente à informação que de 2004 a 2014, num período de dez anos, o número de jovens que concluíram o ensino na idade certa cresceu 14%, porém, no ano seguinte como vimos, muitos jovens voltaram a abandonar os estudos, passando a fazer parte das taxas de distorção idade-série (TOKARNIA, 2016).

Vale ressaltar que o IBGE e o MEC constataram que:

Os estudos feitos com dados do IBGE e do MEC [Ministério da Educação] indicam que há grupos em maior risco. São jovens de baixa renda, em sua maioria negros, que trocam com frequência os estudos por um trabalho precário ou que ficam grávidas já na adolescência, diz o texto, que acrescenta: "Entender o perfil do jovem que evade da escola e identificar os momentos em que esse movimento é mais provável são ações importantes a serem realizadas pelos gestores de escolas e dos sistemas educacionais" (BRASIL, 2016).

Os fatores, acima discriminados nos dados do IBGE e do MEC têm estado entre os principais causadores do abandono escolar no ensino médio no Brasil. Conforme Oliveira *et al* (2015), as causas do abandono escolar vão de fatores internos e externos, à falta de políticas públicas mais eficazes para atrair e manter o aluno na escola. Dentre os fatores internos destacam-se: a falta de motivação do aluno pela escola, a distorção idade-série e o baixo rendimento gerando, conseqüentemente, o insucesso do aluno; dentre os fatores externos estão: a questão da desigualdade social, a necessidade de trabalhar, a falta de apoio familiar, dentre outros. Nesse sentido, Oliveira *et al* (2015), enfatiza:

São vários os fatores que vêm contribuindo para que o número de concluintes da Educação Básica seja bem abaixo do número de ingressantes no Ensino Fundamental: desde a negação dos direitos sociais às famílias à necessidade de ingresso no mercado de trabalho para o autossustento ou da família (p. 48).

Em 2016, o Ministério da Educação anunciou ações para intensificar as políticas de combate ao abandono escolar. Dentre as medidas está a busca dos alunos que abandonaram a escola, por meio de parcerias com os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), que acompanham o Programa Bolsa Família do Governo Federal, além das Secretarias de Assistência Social e da Saúde; mobilização por parte dos governadores e prefeitos, para que também tomem medidas para a redução do abandono escolar. Outra ação, anunciada pelo Ministério, foi o investimento em cursos técnicos profissionalizantes, como uma forma de incentivar os jovens a permanecerem na escola, dando a eles a possibilidade de desenvolvimento profissional.

Previsto na LDBEN, o artigo 35, que define as finalidades do ensino médio, possibilita as mudanças necessárias a esta etapa do ensino:

O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidade:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (BRASIL, 1996).

Essas quatro finalidades garantem a implementação de políticas públicas que atendam às expectativas dos jovens, principalmente no que estabelece o inciso II do presente artigo, que descreve “[...] a preparação básica para o trabalho” (BRASIL, 1996), atendendo àqueles jovens que precisam trabalhar para ajudar suas famílias, mas que também querem concluir a educação básica.

Dentre as políticas públicas para o atendimento à LDBEN está o Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, instituído pela Portaria nº 1.140, de 2013, que representa a articulação e a coordenação de ações e estratégias entre a União e os governos estaduais e distrital, na formulação e implantação de políticas para elevar o padrão de qualidade do Ensino Médio brasileiro, em suas diferentes

modalidades, orientado pela perspectiva de inclusão de todos que a ele têm direito (BRASIL, 2016).

No dia 16 de fevereiro de 2017, o MEC aprovou a reforma do Ensino Médio por meio da Lei nº 13.415/17, que teve como base a Medida Provisória (MP) nº 746 de 2016, e acrescentou o artigo nº 35-A à LDBEN, que trata da “Educação Profissional Técnica de Nível Médio”, com as seguintes propostas de mudança:

§ 2º O Currículo do Ensino Médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos específicos: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e formação técnica e profissional. De acordo com os critérios estabelecidos por cada sistema de ensino;

§ 7º Os currículos do ensino médio deverão contemplar a formação integral do aluno, ajudando-o na construção do seu projeto de vida e nos aspectos cognitivos e socioemocionais (BRASIL, 2017).

A presente lei vem em resposta à meta 3, composta por quatorze estratégias, especificamente à estratégia 3.1, do Plano Nacional de Educação (PNE) decênio 2014-2024 (Anexo A).

No referido PNE não há estratégias voltadas especificamente para a situação do abandono, mas consideremos que as estratégias: 3.5, 3.7, 3.8, 3.9, 3.10, 3.11, 3.12, 3.13 e 3.14, contribuem para redução do abandono escolar.

Até 2016 a estratégia 3.8 estabelecia:

3.8. Utilizar os resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como instrumento de avaliação sistêmica para subsidiar políticas públicas para a educação básica, de avaliação certificadora, possibilitando aferição de conhecimentos e habilidades adquiridas dentro e fora da escola, e de avaliação classificatória, como critério de acesso à educação superior, comparando esses resultados com a avaliação estadual (PNE 2014-2024).

A partir de 2017 a referida estratégia vem sendo implementada por meio do exame denominado ENCCEJA - Exame Nacional de Certificação de Competência de Jovens e Adultos, realizado pelo INEP, o qual havia sido substituído, no ano de 2009, pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que à época passou a certificar os alunos maiores de 18 anos que ainda não tinham concluído o ensino médio. O ENCCEJA oportuniza os jovens e adultos, que não concluíram o ensino fundamental e médio em tempo hábil, a concluí-lo, bastando para isso à pessoa se inscrever no referido programa e fazer as provas conforme data pré-estabelecida.

Assim, o ENCCEJA passa a certificar não só o ensino médio como também o ensino fundamental.

Além disso, a nova Lei nº 13.415/17, traz propostas de mudanças significativas para o ensino médio, as quais poderão contribuir para a redução do abandono escolar, uma vez que possibilitam a flexibilidade do currículo escolar, podendo a escola receber diferentes públicos, atendendo dessa forma, os anseios e objetivos dos jovens, principalmente no que se refere à preparação para o trabalho.

Ainda no PNE 2014-2024, podemos destacar que as metas 10 e 11 fomentam ações para formação técnica a nível médio, ações estas que podem contribuir para a formação do aluno e para que este conclua a educação básica na idade certa:

Meta 10: Educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional - oferecer, no mínimo, vinte e cinco por cento das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional.

Meta 11: Educação profissional técnica de nível médio - triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos cinquenta por cento da expansão no segmento público (BRASIL, 2014, p. 34).

Dessa forma observamos que, por meio do PNE, a oferta de educação profissional será proporcionada aos jovens e adultos em pelo menos 25% das matrículas, atendendo, principalmente, aqueles que já estão fora da faixa etária e precisam de qualificação profissional.

1.2. O Abandono escolar no Amazonas

O Estado do Amazonas, localizado na região norte do país, possui seu sistema de ensino estadual organizado pela Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino (SEDUC-AM) que oferta a educação básica do ensino fundamental anos iniciais ao ensino médio, por meio das modalidades de ensino regular e de Tempo Integral. É ofertada, ainda, a Educação de Jovens e Adultos, por meio do ensino presencial e a distância, esse último mediado por Tecnologia, coordenado pelo Centro de Mídias de Educação do Amazonas (CEMEAM), atendendo a necessidade demandada de alunos das zonas rurais dos municípios, e por intermédio dos programas e projetos de correção de fluxo, como: Projeto Avançar, voltado para correção de fluxo no ensino fundamental.

A SEDUC também oportuniza aos jovens um exame para certificação, tanto do ensino fundamental como do ensino médio, denominado Provão Eletrônico. Ele é realizado por meio de provas eletrônicas, sendo um exame supletivo gratuito para aquelas pessoas que estão fora da faixa etária, ou seja, com 15 anos ou mais para cursar o ensino fundamental, e 18 anos ou mais para cursar o ensino médio, é coordenado pela Gerência de Educação de Jovens e Adultos. O resultado dessas avaliações é imediato, e a pessoa que conclui obtém seu certificado de conclusão do ensino para o qual prestou as avaliações. O Provão é realizado diariamente, atende em média 250 alunos ao dia (SEDUC, 2017), cabendo ao aluno fazer sua inscrição no Sistema Eletrônico de Avaliação e agendar suas avaliações.

Estando o Amazonas entre os seis estados que compõem a Região Norte, a qual é composta também pelo Acre, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, se apresenta como o segundo estado da região em número de matrículas no ensino médio, perdendo apenas para o Estado do Pará, que não só apresenta o maior número de matrículas, como também a maior taxa de abandono escolar da região. Comparado aos demais estados da Região Norte, o Estado do Amazonas tem ficado entre os três com a maior taxa de abandono escolar nos últimos três anos, conforme podemos observar na Tabela 3.

Tabela 3 – Taxa de abandono escolar na Região Norte do Brasil nos anos de 2014 a 2016.

Estado	% Percentual / Anos / Colocação					
	2014	Rank	2015	Rank	2016	Rank
Acre	10,5	4º	9,7	4º	9,0	3º
Amapá	12,7	2º	10,8	3º	9,2	2º
Amazonas	12,2	3º	11,2	2º	9,2	2º
Pará	16,1	1º	16,9	1º	13,7	1º
Rondônia	9,3	5º	9,5	5º	7,2	5º
Roraima	8,4	6º	9,4	6º	7,5	4º
Tocantins	8,1	7º	7,7	7º	6,4	6º

Fonte: Qedu (2017)

De 2014 a 2016, o Estado apresentou uma elevada taxa de abandono escolar no ensino médio, chegando a média de 11,45% de alunos que deixaram de

frequentar a escola. Os índices de abandono escolar são identificados pelo número de alunos que deixaram de frequentar a escola, conforme poderemos observar na Tabela 4, a qual nos apresenta os dados do rendimento escolar final, das escolas estaduais, nos anos de 2014, 2015 e 2016.

Tabela 4 - Rendimento escolar do Ensino Médio nos anos de 2014, 2015 e 2016 no Amazonas.

Indicadores	2014		2015		2016	
	Alunos	%	Alunos	%	Alunos	%
Aprovação	118.743	79,46%	123.229	82,34%	124.861	82,78%
Reprovação	11.029	7,38%	8.492	5,67%	12.098	8,02%
Deixou de Frequentar	19.668	13,16%	17.937	11,99%	13.872	9,20%
Total Matrícula	149.440	100%	149.658	100%	150.831	100%

Fonte: Amazonas (2016) (**Destaque em negrito nosso**)

Analisando os dados da Tabela 1, o ano de 2014 foi o que apresentou a maior taxa de abandono 13,16%, próximo do que o MEC considera (15%) como taxa que necessita de intervenção pedagógica para combater o avanço do abandono, para se evitar o crescimento da distorção idade-série (MEC/INEP, 2016).

Em 2015, a taxa de abandono do Amazonas ficou em 11,99%. Já em 2016, a taxa de abandono foi de 9,20%. As taxas têm reduzido se comparadas, principalmente, ao número de matrículas. A redução das taxas de abandono se deve principalmente, ao cancelamento das matrículas dos alunos que não frequentaram o primeiro bimestre letivo e/ou deixaram de frequentar antes do lançamento dos dados da matrícula inicial no Censo Escolar.

Neste caso, quando o aluno possui apenas uma frequência é solicitado aos professores que se retire a frequência registrada, considerando que possa ter ocorrido algum erro no lançamento dessa frequência, uma vez que o aluno não está frequentando, e após isso, a secretaria da escola realiza o cancelamento. Outros motivos que podemos apresentamos como preponderantes para que tenha havido essa redução das taxas de abandono, foram as ações e projetos promovidos pela GEPPAE e o encaminhamento de alunos, fora da faixa etária, para a realização de exame supletivo no Sistema do Provão Eletrônico.

A rede estadual de ensino do Amazonas, desde 2012, tem adotado medidas para combater o avanço do abandono, por meio da implementação de projetos e ações, conforme poderemos observar no Quadro 1.

Quadro 1 - Ações da SEDUC para combater o Abandono Escolar (2012-2016).

Ano	Ação
2012	Criou o Centro de Atendimento ao Escolar (CAES), com o objetivo de atender ao aluno que abandonava a escola (após sua busca ativa, passava a ser atendido pela equipe pedagógica do CAES, para melhor compreensão dos motivos que o levaram a abandonar, na tentativa de ajudá-lo a permanecer).
2015	O CAES foi extinto e foi criada a Gerência de Programas, Projetos e Atendimento ao Escolar (GEPPAE), com o objetivo de acompanhar as ações de combate ao abandono escolar em todas as escolas da rede estadual.
2016	O GEPPAE criou o Projeto Permanecer, com o objetivo de acompanhar a infrequência dos alunos como forma de combater o abandono, por meio das informações coletadas por um assessor pedagógico, de cada coordenadoria.
2017	A SEDUC implementou, junto às Coordenadorias Distritais, uma equipe multidisciplinar composta por: um assessor pedagógico, uma psicóloga e uma assistente social, para fortalecer e intensificar as ações do Projeto Permanecer.

Fonte: Amazonas (2017).

O CAES era composto por uma equipe interdisciplinar, sendo: um pedagogo, uma assistente social e um psicólogo, equipe esta, que atendia todas as escolas da capital e do interior em parceria com os Conselhos Tutelares. Ela desenvolvia ações preventivas para redução do abandono escolar por meio de palestras e planos de intervenção para os alunos infrequentes, além de visitas domiciliares.

O GEPPAE, além da equipe interdisciplinar, a qual permaneceu responsável pelas mesmas funções do CAES, foi acrescido de uma equipe em cada Coordenadoria Distrital (capital) e Regional (municípios do interior do Estado), tendo como principal articulador das ações junto às escolas, o Coordenador da Redução do Abandono Escolar, sendo este um assessor pedagógico designado pelos Coordenadores Distritais. Além do acompanhamento das ações e projetos de prevenção do abandono escolar, o GEPPAE também passou a acompanhar outros projetos e programas desenvolvidos nas escolas, sendo eles: Programa Bibliotecas Escolares, Projeto Valorizando as Fanfarras Escolares, Programa Bolsa Família, Programa Nacional do Livro Didático, Programa Estadual de Provimento do Fardamento e Kit Escolar, Programa de Educação em Saúde, Programa de Prevenção às Drogas e às Violências, Projeto Jovens Multiplicadores pela Paz no

Trânsito, Projeto Permanecer, e ainda a criação dos Colegiados: Grêmio Estudantil e Conselhos Escolares.

As equipes interdisciplinares das coordenadorias são as responsáveis diretas pelo acompanhamento da frequência dos alunos. Por meio do SIGEAM e do Diário Digital, essas equipes recebem orientações da equipe da GEPPAE quanto às ações que devem ser realizadas pelas escolas na prevenção e redução do abandono escolar. São elaborados ainda relatórios periódicos com os dados do abandono escolar, descrevendo as ações preventivas desenvolvidas pela equipe da Coordenadoria e pelas escolas, e as orientações quanto às providências que as escolas devem tomar para tentar resgatar o aluno que deixou de frequentar; a cada mês é realizada reunião com todas as equipes das Coordenadorias Distritais, juntamente com a equipe da GEPPAE, para apresentação dos relatórios. Vale ressaltar que as reuniões com as equipes das Coordenadorias Regionais nos municípios são realizadas por intermédio de videoconferência, utilizando os recursos tecnológicos do Centro de Mídias da SEDUC, responsável pela transmissão do Ensino Médio Mediado por Tecnologia.

Além das ações da GEPPAE, conforme informamos anteriormente, a SEDUC tem também desenvolvido programas e projetos voltados para correção da distorção idade-série e para conclusão e certificação de ensino, conforme podemos observar no Quadro 2.

Quadro 2 - Programas e Projetos para correção da distorção idade-série.

Programas/Projetos	Finalidade
Projeto Avançar	Projeto Avançar foi implantado pela SEDUC-AM, com o objetivo de corrigir a distorção idade-série dos alunos matriculados no Ensino Fundamental, com até dois anos de atraso escolar, através de uma metodologia diferenciada, baseada na interdisciplinaridade e na aprendizagem significativa. Divide-se em quatro fases: as fases 1 e 2 atendem alunos do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental, e as fases 3 e 4 são destinadas aos alunos do 6º ao 8º ano do mesmo nível de ensino.
Provão Eletrônico	O provão eletrônico é realizado por meio de exames eletrônicos no sistema de supletivo eletrônico, proporcionando aos alunos em distorção idade-série que se inscrevem no programa, a regularização de seu histórico escolar.

Fonte: Amazonas (2016d)

Outra ação implementada pela SEDUC/AM, com vistas ao atendimento ao Ensino Médio, foi o Plano Estadual de Educação (PEE-AM), decênio 2015-2025, que estabeleceu a meta 3, além de 12 estratégias para o atendimento ao ensino médio (Anexo B).

Analisando o PEE/AM, também não há estratégias específicas para a redução do abandono escolar no Amazonas, mas podemos considerar que as estratégias: 3.4, 3.7, 3.10, 3.11 e 3.12, contribuem de forma significativa para tomada de medidas para redução do abandono escolar, pois elas estabelecem as seguintes medidas:

- 3.4. Realizar, em articulação com os órgãos competentes, busca ativa da população de 15 a 17 anos que se encontra fora da escola, a partir da vigência deste PEE;
- 3.7. Realizar acompanhamento individualizado do (a) estudante com rendimento escolar defasado, visando à correção de fluxo do ensino fundamental, por meio de adoção de práticas como reforço escolar no turno complementar, estudos de recuperação e progressão parcial, de forma a reposicionar esse aluno em sua série/ano, compatível com sua idade, até o final da vigência deste PEE;
- 3.10. Redimensionar a oferta de ensino médio nos turnos diurno e noturno, bem como a distribuição territorial das escolas de ensino médio, de forma a atender a toda a demanda, de acordo com as necessidades específicas dos (as) estudantes, a partir do primeiro ano de vigência deste PEE;
- 3.11. Implementar políticas de prevenção à evasão escolar, motivada por quaisquer preconceitos sociais;
- 3.12. Implantar políticas públicas de correção de fluxo que atendam a meta e diminuam consideravelmente essa distorção.

A estratégia 3.4 vem sendo implementada pelo Projeto Permanecer que, conforme descrito anteriormente, é desenvolvido pela GEPPAE e as Coordenadorias Distritais e Regionais de Educação junto às escolas da rede. Esse projeto articula e efetiva parcerias junto ao Conselho Tutelar, Secretaria de Estado da Ação Social, Secretária de Estado da Saúde, Ministério Público, dentre outros. Já a estratégia 3.7 está sendo desenvolvida por meio da implantação e fortalecimento do Projeto Avançar nas escolas.

A estratégia 3.10 vem ocorrendo por meio da ampliação do atendimento ao Ensino Médio, tanto na modalidade regular como em tempo integral e, ainda, o Ensino Médio Mediado por Tecnologia às escolas da zona rural; a estratégia 3.11 também está sendo atendida pelo Projeto Permanecer, o qual promove ações e

palestras contra preconceitos sociais; e a estratégia 3.12 ainda não foi contemplada no ensino médio.

Observamos que as recentes mudanças ocorridas na gestão da SEDUC, nos últimos dois anos, têm interferido diretamente na implementação do referido PEE, considerando que a cada mudança, surge um novo recomeço.

1.3. O Abandono Escolar na Coordenadoria Distrital de Educação 03

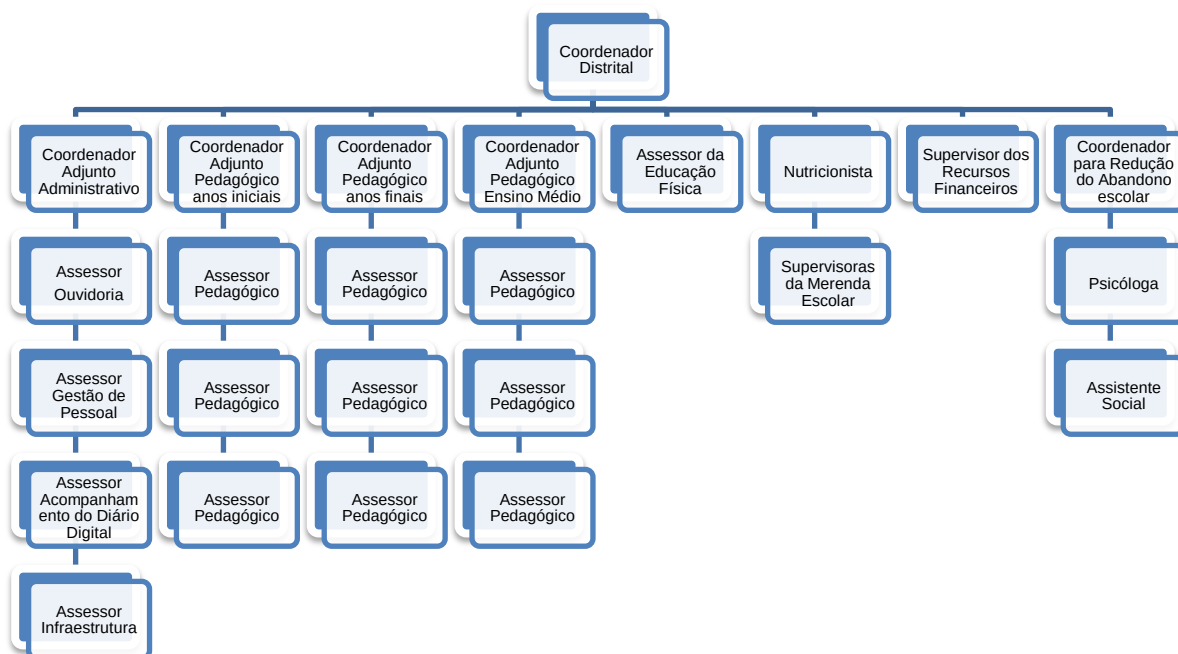
A SEDUC/AM organizou as escolas por zonas ou agrupamento de zonas e por regiões, no caso dos municípios. Para cada zona ou agrupamento em Manaus foi criada uma coordenadoria distrital, num total de 07 (sete), denominadas Coordenadorias Distritais de Educação, numeradas de 1 a 7. Essas coordenadorias representam o elo das escolas com a SEDUC/AM-SEDE, ou seja, são responsáveis pelo encaminhamento das demandas das escolas, de ordem administrativa e pedagógica, fazendo o acompanhamento das escolas em seus avanços e necessidades primeiras, além de promover integração, formação, capacitação e assessoramento.

A escola em estudo faz parte da Coordenadoria Distrital de Educação 03 (CDE-03), que abrange escolas das zonas Centro-Oeste e Centro-Sul da cidade, somando um total de 38 escolas, sendo que 14 delas atendem ao ensino médio regular; dessas, três atendem também o ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos, e uma é voltada ao ensino médio tecnológico.

Cada coordenadoria é composta por um coordenador distrital, um coordenador adjunto administrativo, seis assessores administrativos, três coordenadores adjuntos pedagógicos para cada segmento: um para ensino fundamental anos iniciais, um para os anos finais e um para ensino médio. Cada coordenador pedagógico conta com o suporte de três ou mais assessores pedagógicos, responsáveis pelo acompanhamento das escolas. A coordenadoria dispõe ainda de uma psicóloga, de uma assistente social, de uma nutricionista e de quatro supervisoras da merenda escolar. A distribuição das funções em uma coordenadoria é definida pela SEDUC, sendo de responsabilidade do gabinete da Secretaria Executiva Adjunta da Capital o acompanhamento das mesmas, com o

objetivo de que todas apresentem o mesmo formato e distribuição de tarefas para atendimento às escolas, conforme podemos verificar no organograma 1.

Organograma 1 - Coordenadoria Distrital de Educação 03.



Fonte: Amazonas (2016b)

Dos seis assessores administrativos, uma foi designada para atuar como Coordenadora para Redução do Abandono Escolar (CRAE), e realiza, juntamente com a psicóloga e com a assistente social, o acompanhamento do abandono escolar e das ações desenvolvidas para combater o abandono, por meio dos relatórios emitidos pelas escolas.

Vale ressaltar que essa forma de assessoramento para acompanhamento do abandono teve início na CDE-03 somente a partir de 2015, conforme determinação da SEDUC, por intermédio da GEPPAE. Antes, esse acompanhamento se dava por meio dos registros feitos por um funcionário designado pelo gestor, e repassados para o pedagogo que elaborava o relatório bimestral, emitido pelas escolas. A partir de 2016, o acompanhamento passou a ser mensal e as escolas passaram a encaminhar a relação de alunos infrequentes (alunos que faltam duas ou mais vezes por semana), e os já deixaram de frequentar; os responsáveis por essa solicitação e acompanhamento eram os coordenadores adjuntos pedagógicos das coordenadorias. Ainda em 2016, cada coordenadoria passou a ter um Assessor exclusivamente para fazer esse acompanhamento, juntamente com a psicóloga e a

assistente social. É válido ressaltar que nem todas as CDE possuem em seu quadro de funcionário o assistente social, como é o caso da CDE-03, que no início de 2017 teve, porém, por solicitação de mudança de CDE, pela própria profissional, deixou de ter, pois a mesma não foi substituída.

Para o acompanhamento do abandono escolar nas 38 escolas da coordenadoria, a CRAE responsável, juntamente com a Psicóloga, visita as escolas que apresentam maior número de alunos infrequentes e/ou que já deixaram de frequentar, solicitam da gestão as ações preventivas já realizadas para o resgate desses alunos. A partir do que já foi feito essa equipe passa a fazer a intervenção emergencial, convocando por meio do Conselho Tutelar a família do aluno, considerando que a escola já realizou a intervenção junto à família e não obteve resultados satisfatórios.

Os casos não resolvidos pela escola são encaminhados ao Conselho Tutelar, para as providências cabíveis, do qual se espera a cobrança quanto à responsabilidade da família em manter o aluno frequentando a escola. Já os alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, tais como transtornos de aprendizagem, TDAH, esquizofrenia, dentre outros transtornos psicológicos, a psicóloga faz os encaminhamentos para o Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSI), porém, fica sob a responsabilidade da família levar o aluno e acompanhar o tratamento, devendo esta, também, informar a escola.

Nesse sentido, a partir de 2016, a GEPPAE vem se reunindo com os CRAE's das coordenadorias para a implementação do Projeto Permanecer, com o intuito de fortalecer as ações das CDE junto às escolas. O referido projeto, em 2017, tem abrangido todas as escolas da CDE-03, acompanhando periodicamente as que apresentam elevadas taxas de abandono. As escolas que apresentam taxas baixas, ou não possuem taxas de abandono, são acompanhadas bimestralmente.

Enquanto essas ações não eram desenvolvidas, nos anos de 2014, 2015 e 2016, a CDE-03 apresentou taxas de abandono escolar elevadas, ultrapassando as taxas de reprovação e comprometendo as taxas de aprovação, conforme podemos observar na Tabela 5.

Tabela 5 - Rendimento escolar final do ensino médio da CDE-03 de 2014, 2015 e 2016.

Indicadores	2014		2015		2016	
	Alunos	%	Alunos	%	Alunos	%
Aprovação	9.359	76,14%	9.392	81,29%	10.686	84,55%
Reprovação	1.180	9,60%	932	8,07%	795	6,29%
Deixou de Frequentar	1.753	14,26%	1.230	10,65%	1.158	9,16%
Total Matrícula	12.292	100%	11.554	100%	12.639	100%

Fonte: Amazonas (2016a) (**Destaque em negrito nosso**)

Conforme pudemos observar, as taxas de abandono da CDE-03 estão consoantes à média do Estado. Vale ressaltar que as ações da CDE-03, no acompanhamento das escolas, quanto à situação do abandono escolar, contribuíram de forma significativa para que a redução de 2014 a 2016 chegasse a 5,1%, confirmando que esse acompanhamento é necessário e precisa ser fortalecido para que as ações nas escolas possam acontecer efetivamente.

1.4. O Abandono Escolar em uma escola estadual de Manaus

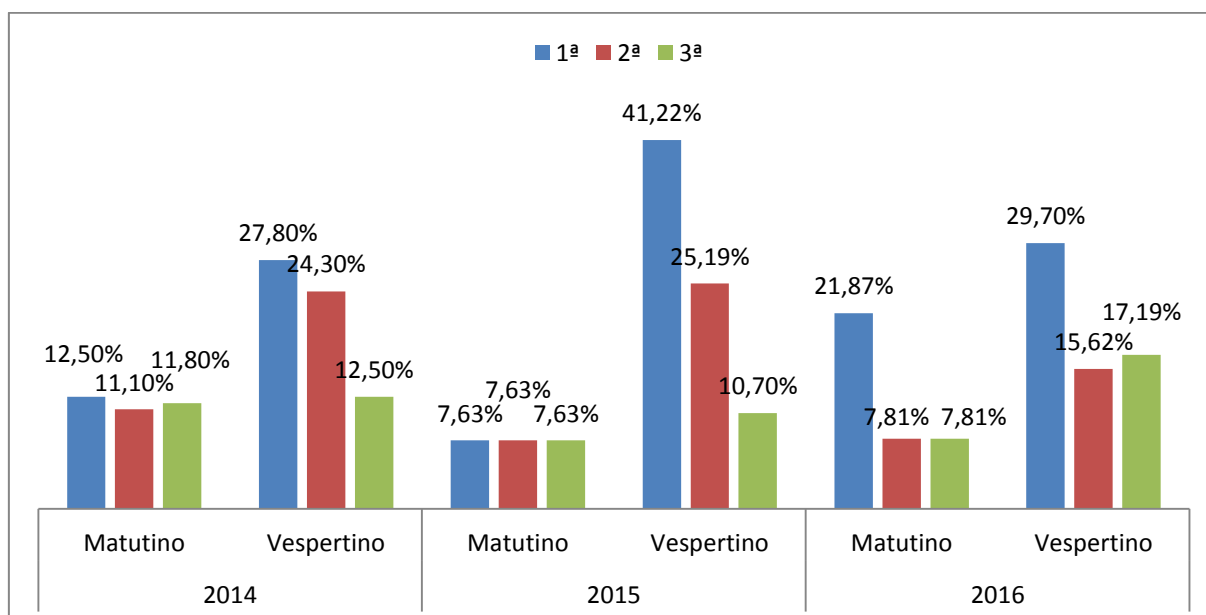
Localizada na zona Centro-Oeste de Manaus, a escola do presente estudo de caso recebe alunos oriundos das classes média e baixa, na faixa etária de 14 a 22 anos. Fundada em 2004, a escola possui 12 (doze) salas de aula, em um prédio de dois pisos, funcionando em dois horários: matutino e vespertino, com capacidade para atender 1.080 (um mil e oitenta) alunos, distribuídos nas séries/anos do ensino médio.

A escola conta com um gestor, uma pedagoga, 36 professores, dos quais 21 são do quadro efetivo da SEDUC e 15 são professores temporários do Processo Seletivo Simplificado (PSS). Há ainda uma secretária, quatro assistentes administrativos (que atuam na secretaria da escola, arquivo e biblioteca), quatro merendeiras, um porteiro e três auxiliares de serviços gerais. As auxiliares de serviços gerais são contratadas por empresa terceirizada pela SEDUC/AM.

A SEDUC/AM é a mantenedora de todas as escolas da rede estadual de ensino, provendo os recursos humanos, materiais, a merenda escolar, dentre outras provisões como, por exemplo: a manutenção predial.

No período de 2014 a 2016, a escola adotou a seguinte distribuição das turmas: no turno matutino foram quatro turmas da 1ª série, quatro turmas da 2ª série e quatro turmas da 3ª série; no turno vespertino foram cinco turmas da 1ª série, quatro da 2ª série e três da 3ª série. A diferença na distribuição das turmas por turno ocorre, primeiramente, pela demanda na matrícula, e depois porque é do turno vespertino o maior índice de alunos que deixam de frequentar a escola, conforme veremos no Gráfico 1, ou seja, há maior movimentação de alunos neste turno, sendo o objetivo dessa divisão, manter um número maior de entrada de alunos no primeiro ano, para se garantir a permanência deles e, assim, haveria a continuidade nas demais séries/ano. No turno matutino a movimentação de alunos é menor e, conseqüentemente, os resultados de rendimento são mais alinhados, conforme o gráfico 1.

Gráfico 1 - Percentual de alunos que abandonaram a escola nos anos de 2014, 2015 e 2016, por série e turno



Fonte: Amazonas (2016a).

Dentre tantos desafios que enfrentamos na gestão escolar, consideramos como um dos maiores e mais preocupantes o rendimento final, que consiste no

resultado de cada aluno, ao final do ano letivo. Baseados nesse pensamento, veremos que o resultado do rendimento do ano de 2014 chama a atenção, pois, com menos de um ano na gestão, não havíamos percebido a saída constante dos alunos durante o ano letivo e, chegamos ao índice de 13,77% de alunos que deixaram de frequentar a escola, conforme resultado do rendimento divulgado pelo SIGEAM. Começamos, então, a analisar a situação, e constatamos que esse percentual era referente a 144 alunos que deixaram de frequentar a escola sem apresentar um motivo, uma causa.

Conforme podemos depreender ainda do gráfico 1, o percentual de alunos do turno vespertino que deixaram de frequentar a escola é maior que o do turno matutino. É importante destacar também o número de alunos da 1ª série do Ensino Médio que abandonaram a escola: em 2014 foram - 58 alunos, em 2015 - 64 alunos e em 2016 - 33 alunos.

Em 2015 esse índice reduziu, porém, ainda permanecemos com muitos alunos deixando de frequentar a escola. Chegamos ao quantitativo de 131 alunos, o que equivale a 11,47% do total de alunos, comprometendo o rendimento da escola, o qual naquele ano obteve 85,03% de aprovação e 3,5% de reprovação. Em 2016, esse índice decresceu mais ainda, e 64 alunos deixaram de frequentar, com percentual de 6,07% de abandono, conforme podemos constatar na Tabela 6:

Tabela 6 - Quantitativo de alunos que deixaram de frequentar a escola de 2014 a 2016.

Ano	Matrícula inicial	Quantidade de alunos que deixaram de frequentar	% Deixaram de frequentar
2014	1.046	144	13,77
2015	1.142	131	11,47
2016	1.055	64	6,07

Fonte: Amazonas (2016a)

Registramos que, dos 64 alunos que deixaram de frequentar a escola em 2016, 27 retornaram para a escola em 2017, ou seja, 42,19% do total de alunos. Este consistiu em nosso melhor resultado, pois o número de alunos que deixou de frequentar a escola em 2014 e retornou em 2015 foi 39, ou seja, 27,08% do total de alunos que havia se evadido, e o número de alunos que deixou de frequentar em 2015 e retornou em 2016 também foi 39, ou seja, 32,82% do total de alunos.

Tal cenário indica que não só houve redução da taxa de alunos que deixaram de frequentar em 2016, como aumentou o percentual dos alunos que retornaram. Outro dado relevante a ser registrado é o número de 15 alunos, 10,82% do total que deixaram de frequentar a escola em 2014, retornaram somente em 2016, ou seja, passaram a ter uma distorção idade/série de dois anos. Assim, ao invés de esses alunos cursarem o ensino médio em três anos, acabam cursando em quatro, cinco ou mais anos.

Registramos, ainda, que as escolas adotam uma prática para redução do número de alunos que deixam de frequentar, para que não sejam contabilizados nas taxas de abandono. Antes de iniciar o registro de informações de matrícula no portal do Educa Censo, as escolas fazem o cancelamento da matrícula dos alunos que nunca frequentaram ou deixaram de frequentar ainda no primeiro bimestre letivo, ou seja, antes de completar 50 dias letivos. Dessa forma, em vez de migrar o número de alunos que foram matriculados no início do ano, o que as escolas informam para o Censo Escolar é a matrícula real, o número de alunos que de fato permanecem estudando; não sendo, portanto, computados os alunos que tiveram sua matrícula cancelada. Essa prática tem ocasionado uma redução significativa da taxa de abandono das escolas, porém, não a redução do problema real.

A partir dessas informações, passamos a analisar os dados por série/ano e constatamos que nas duas primeiras séries do ensino médio tem ocorrido um número maior de alunos que deixam de frequentar. Tivemos, tanto no turno matutino como no vespertino, turmas de primeiros anos que iniciaram com 45 alunos matriculados e terminaram o ano letivo com uma média de 30 alunos por turma. No ano de 2015, a escola em estudo teve uma turma a mais de primeiro ano e o número de alunos foi maior que no ano de 2014 e 2016, pelo motivo de uma escola da CDE-03 ter sido fechada para reforma, retomando suas atividades somente a partir de 2017, conforme poderemos verificar na Tabela 6, que apresenta os dados dos resultados obtidos por série/ano, nos anos de 2014, 2015 e 2016:

Tabela 7 - Resultados do Rendimento final por séries/anos dos anos de 2014, 2015 e 2016.

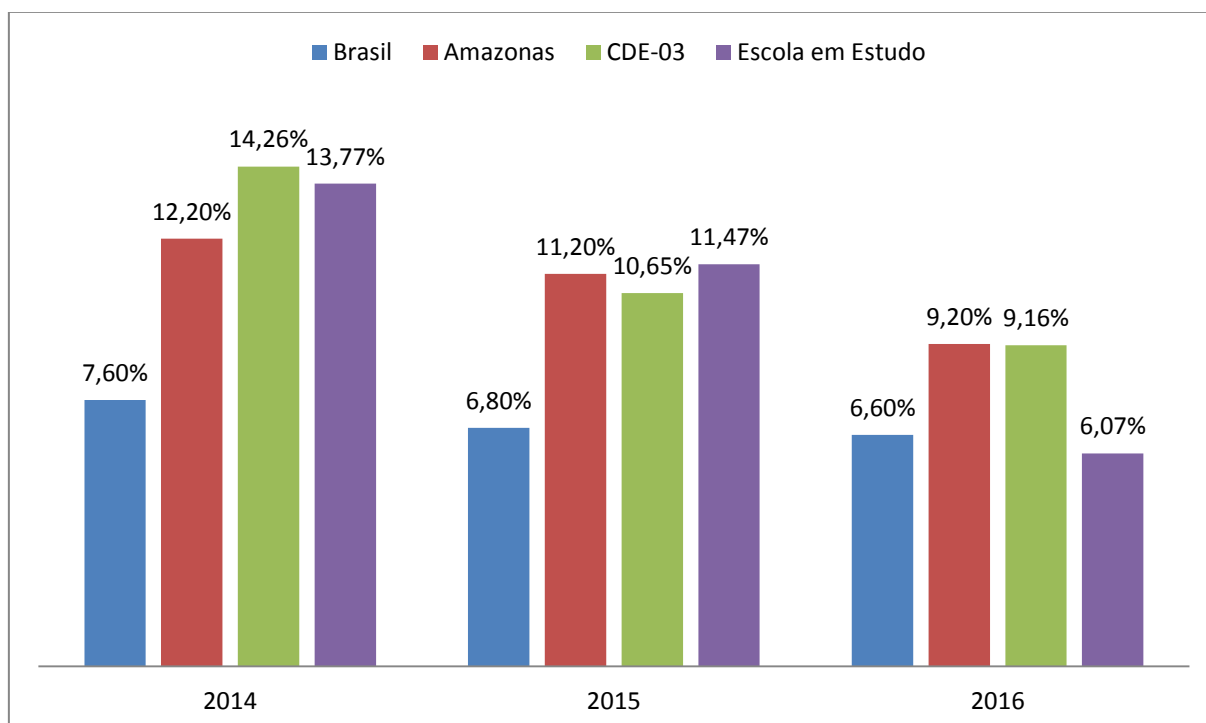
Indicadores	2014		2015		2016	
Ensino Médio	10 Turmas		11 Turmas		09 Turmas	
1ª Séries	Nº de alunos	%	Nº de alunos	%	Nº de alunos	%

Aprovação	287	66,59%	375	80,82%	336	83,79%
Reprovação	86	19,95%	25	5,39%	32	7,98%
Deixou de frequentar	58	13,46%	64	13,79%	33	8,23%
Total	431	100%	464	100%	401	100%
2ª Séries	08 Turmas		08 Turmas		08 Turmas	
Aprovação	265	73,61%	301	85,51%	310	87,57%
Reprovação	44	12,22%	8	2,27%	29	8,19%
Deixou de frequentar	51	14,17%	43	12,22%	15	4,24%
Total	360	100%	352	100%	354	100%
3ª Séries	06 Turmas		07 Turmas		07 Turmas	
Aprovação	202	79,22%	296	90,80%	266	88,67%
Reprovação	18	7,06%	6	1,84%	18	6,0%
Deixou de frequentar	35	13,73%	24	7,36%	16	5,33%
Total	255	100%	326	100%	300	100%

Fonte: Amazonas (2016a).

Quando fizemos um comparativo da situação do abandono escolar em relação ao Brasil, Amazonas, CDE-03 e a escola em estudo, observamos que, tanto o Amazonas, como a CDE-03 e a escola, apresentaram taxas mais elevadas que o cenário nacional, conforme podemos analisar no gráfico 2:

Gráfico 2 - Comparativo das Taxas de abandono escolar do Brasil, do Amazonas, da CDE-03 e da Escola em estudo nos anos de 2014, 2015 e 2016.



Fonte: Brasil (2016).

Observamos que, em 2016, a escola em estudo apresentou uma taxa bem mais baixa que o Amazonas e a CDE-03, e obteve um decréscimo de 5,4% de seu

percentual, no que se refere ao abandono escolar. As taxas do Brasil decresceram apenas 0,20%, no Amazonas 2,79%, e na CDE-03 1,49%.

Enfatizamos que a escola não possui um projeto voltado para esse problema. A justificativa para essa inexistência é que falta pessoal no quadro funcional que acompanhar e desenvolver ações, de forma periódica, através do levantamento das situações de alunos infrequentes e que deixam de frequentar, o que impossibilita a busca ativa desses alunos infrequentes e os que já deixaram de frequentar.

Em reunião pedagógica e administrativa, no início de cada o ano letivo, com a presença do gestor (a), da pedagoga, dos professores e funcionários administrativos, são apresentados os resultados do rendimento do ano anterior, e discutidas ações pedagógicas e administrativas, visando a redução do número de alunos que deixam de frequentar e dos que reprovam por excessivo número de faltas. Conforme podemos observar na Tabela 7, é importante destacar que o número de alunos reprovados por falta teve uma queda de 2014 para 2016.

Tabela 8 – Quantitativo de alunos reprovados e percentual reprovado por falta, nos anos de 2014, 2015, 2016.

Anos	Reprovados	% Reprovados por falta
2014	148	68,14
2015	40	61,53
2016	79	44,30

Fonte: Amazonas (2016a).

Dessa forma, observamos que os alunos reprovados por falta poderiam ser considerados como casos de abandono escolar, uma vez que apresentam um quantitativo de mais de 251 horas/faltas do total de 800 horas, sem justificativa; dos 79 alunos reprovados, em 2016, 35 foram em decorrência de faltas. O total de dias letivos está estabelecido pelo artigo 5º do Regimento Geral das Escolas Estaduais do Amazonas: “A Educação Básica nos níveis, fundamental e médio, será organizada sob a carga horária mínima anual de 800 (oitocentas) horas, distribuídas por no mínimo de 200 (duzentos) dias de efetivo trabalho escolar” (AMAZONAS, 2009, p. 12). O artigo 67 estabelece o limite de faltas dos alunos:

Será exigida a frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) do total de horas letivas para a aprovação do aluno, independentemente dos resultados obtidos nos demais instrumentos de avaliação aplicados ao longo do período letivo (AMAZONAS, 2009, p. 28).

Mesmo considerando a possibilidade de os alunos infrequentes abandonarem a escola, o foco das ações visa o aluno que já a abandonou. Na reunião pedagógica e administrativa, a partir das sugestões levantadas, foi criado, em 2016, um formulário no qual constam questões sobre os motivos que levam o aluno a abandonar a escola, inclusive mensurando questões socioeconômicas.

No ato da matrícula solicitamos que a ficha seja preenchida e anexada ao processo do aluno. As justificativas e/ou alegações praticamente eram as mesmas: haviam conseguido o primeiro emprego, passaram a ficar sem tempo para estudar, e algumas alunas que já tinham filho(s) não tinham quem cuidasse dessas crianças para que pudessem frequentar a escola. Mas, além dessas situações, observei que muitos alunos deixaram de frequentar por falta de acompanhamento da família, ou porque estavam envolvidos com uso de drogas ilícitas. Este caso provocava a ausência constante dos alunos, muitas vezes entramos em contato com as famílias, mas nem todas aceitavam a condição de o aluno ser usuário de drogas e não procuravam ajudar a escola a resolver a situação e, quando esses alunos percebiam que não teriam mais condições de passar, deixavam de frequentar.

Ainda em relação às ações desenvolvidas no combate ao abandono, a equipe gestora, composta pelo (a) diretor (a), pela pedagoga e pela secretária da escola, passou a fazer o levantamento e o acompanhamento dos alunos que deixaram de frequentar a escola em 2014 e retornaram. Convocamos os pais e responsáveis para reunião e assinatura de um termo de compromisso de acompanhamento escolar. Dos 97 alunos, compareceram apenas os familiares de 22, mas conseguimos o apoio e o comprometimento no acompanhamento da vida escolar desses discentes.

Após a reunião, 14 alunos nos procuraram para informar que moram sozinhos, mesmo sendo menores de idade; outros 17 moram com parentes e/ou pessoas desconhecidas, são alunos oriundos de outros municípios do interior do Amazonas, onde não há escolas que atendam o ensino médio, e outros porque precisam ajudar os pais nas despesas da família e passam a trabalhar na casa de outras pessoas para garantir moradia, alimentação e a continuação dos estudos.

Para dar continuidade a essa ação, em 2016 nos reunimos, enquanto equipe gestora (composta pelo gestor, pedagoga, secretária e uma professora de reforço escolar), e elaboramos uma relação com nomes dos alunos, por série/ano, com colunas em branco para o preenchimento dos números de telefones e a informação

do grau de parentesco do responsável, pois muitos de nossos alunos não moram com seus pais. Na primeira reunião com os pais e responsáveis, coletamos os dados na referida relação. Mensalmente, realizamos o levantamento da frequência dos alunos, junto aos professores.

Durante todo ano de 2016, realizamos os contatos telefônicos, mas infelizmente não conseguimos obter sucesso, pois em muitas das ligações efetuadas os números foram anotados errados, estavam desatualizados ou bloqueados. Nas poucas ligações atendidas, o responsável respondia que o aluno não retornaria para a escola, conforme podemos constatar na Tabela 9.

Tabela 9 - Resultados das ligações feitas aos pais/responsáveis pelos alunos que deixaram de frequentar a escola até outubro de 2016.

Número de alunos que deixaram de frequentar	Ligações efetuadas	Ligações atendidas	Números inexistentes	Ligações não atendidas	Número de alunos que retornaram
45	45	24	16	05	00

Fonte: Amazonas (2016c).

Das vinte e quatro ligações atendidas, seis afirmaram que os alunos iriam fazer supletivo e por isso não retornariam para escola, 12 informaram que estariam mudando de município ou estado e lá dariam continuidade aos estudos, e os outros seis informaram que retornariam no ano seguinte para tentar novamente. Enfatizamos que em nenhuma das cinco ligações não atendidas houve retorno, visando saber o motivo da ligação.

Consideramos, como maior obstáculo para o sucesso desse trabalho, a resistência, por parte dos professores, na aceitação do retorno do aluno para a escola. Mesmo não tendo alcançado um resultado positivo quanto ao retorno dos alunos, os professores manifestaram opinião contrária a tal ação, principalmente daqueles que passam de três semanas a um mês sem ir para a escola. Os docentes alegam o fato de esses alunos serem desinteressados, que irão ter trabalho “em vão” fazendo a reposição de conteúdos e avaliações, de nada vai adiantar porque os alunos que deixam de frequentar não querem estudar. Esta situação desmotivou a equipe gestora em dar continuidade ao trabalho.

Observamos que as famílias pouco participam da vida escolar de seus filhos. Chegamos a esta constatação devido ao pequeno percentual de assinaturas dos

pais e/ou responsáveis no Livro de Ata das Reuniões de Pais e Mestres, que chega a ter a presença de, no máximo 180 responsáveis por reunião. Analisando o quantitativo de alunos matriculados (cerca de 1.080) esse número deveria compreender pelo menos a metade do número de alunos, atualmente só representa 16,66%.

Outro fato que comprova essa baixa participação familiar é demonstrado na Tabela 9, ao observarmos o quantitativo de ligações feitas pela escola, em busca ativa dos alunos infrequentes e dos que já haviam abandonado, e o resultado advindo das famílias foi negativo, pois nenhum aluno retornou à escola. Acreditávamos que se a escola demonstrasse preocupação com a frequência dos alunos, as famílias corresponderiam trazendo seus filhos de volta à escola, e passariam a acompanhá-los.

Outra situação observada na escola e que contribui para o abandono são as ausências constantes dos professores. Há registro de que em um dia chegam a faltar, em média, cinco professores, ou seja, cerca de 14% do total de professores da escola. Isso ocasiona a suspensão de tempos de aula; os alunos ficam ociosos em sala de aula ou nos corredores, gerando aquela sensação posterior de que eles irão à escola, mas não terão aula. Essa situação ocorre com mais frequência no turno vespertino.

Acreditamos que muito ainda precisa ser feito e em forma de projeto escolar contínuo, para que possamos garantir a parceria dos professores e o envolvimento de toda a comunidade escolar.

Consideramos que as investigações deste caso de gestão somente iniciaram, e que as evidências surgirão à medida que os dados coletados forem sendo contextualizados.

1.5. Quais as principais causas do abandono escolar no ensino médio, em uma escola estadual de Manaus?

Tendo apresentado no ano de 2013 um índice de 8,95% de abandono escolar (representado por 82 alunos que deixaram de frequentar), a escola deste estudo de caso de gestão, nos anos posteriores: 2014 e 2015, obteve um crescimento preocupante nos índices de abandono escolar, chegando em 2014 a 13,77% (representado por 144 alunos que deixaram de frequentar) e em 2015 11,47%

(representado por 131 alunos que deixaram de frequentar). Em 2016, a escola obteve um decréscimo significativo e chegou a 6,07% referente a 64 alunos, conforme vimos no Gráfico 2 da seção 1.4. Mesmo que índice de abandono escolar tenha reduzido, para o MEC permanece elevado, considerando que em taxas acima de 5% há a necessidade de se definir estratégias para conter o avanço. Neste sentido, o presente estudo de caso de gestão tem como objetivo investigar as possíveis causas dos elevados índices de abandono escolar nos anos de 2014, 2015 e 2016.

Ressaltamos que os alunos matriculados na escola em estudo são oriundos principalmente de bairros especificamente próximos: Alvorada, Bairro da Paz e Redenção, bairros estes considerados de classe baixa, ou seja, sua população, na grande maioria, possui renda familiar equivalente a dois salários mínimos, com base nas informações obtidas no banco de dados do IBGE 2010. Outra situação recorrente ao histórico desses bairros tem sido o tráfico de drogas, bem como o aliciamento de adolescentes para o consumo. Observamos que há alunos envolvidos nessa situação, o que pode ou não estar relacionado aos fatores que causam abandono na escola.

Enfatizamos que no turno vespertino essa situação é mais frequente e ocorre algumas vezes de alunos, usuários de drogas, deixarem de assistir o primeiro e os dois últimos tempos de aula, ficando fora da escola para o consumo das drogas, e, conforme dados demonstrados no Gráfico 1, o turno vespertino apresenta maior número de alunos que abandonam.

A gestão escolar, por sua vez, não possui um projeto voltado especificamente para a redução do abandono escolar, houve em 2016 as seguintes ações: acompanhamento da frequência dos alunos, relação dos alunos infrequentes e/ou que já deixaram de frequentar, contato telefônico com pais e responsáveis, até então desenvolvidas pela a equipe gestora, não obtiveram êxito e não tiveram uma continuidade, ou seja, foram realizadas somente no ano letivo de 2016. Uma ação que consideramos importante foi a busca ativa dos alunos infrequentes e/ou que já haviam deixado de frequentar a escola, relacionando os alunos por série, turno, e identificando o número de telefone para o contato, porém a escola não obteve êxito, conforme podemos analisar nos resultados das ligações na Tabela 9.

Mesmo a escola tendo o compromisso de atingir metas elevadas de aprovação, os projetos e ações desenvolvidos em favor da melhoria da qualidade do

ensino em nada têm colaborado para que de fato isso aconteça, e o abandono escolar continua persistindo, ficando as taxas sempre acima de 5%, o que para o MEC demanda uma intervenção da escola no sentido de redução desse percentual. Talvez falte mais participação dos professores, alunos e da comunidade escolar na elaboração e execução dos projetos, os quais até então são elaborados por um grupo de professores, distribuídos por área ou componente curricular.

Os desafios para a efetivação de uma gestão democrática e participativa são muitos, e cabe a todos os membros da comunidade escolar preconizar isso, professores, funcionários e a família dos alunos.

A família tem um papel primordial no ingresso e na permanência do aluno na escola, não bastando somente ao Estado esse dever. Quando tratamos o problema do abandono escolar, mesmo que no ensino médio, última etapa da educação básica, e etapa onde percebemos a menor participação dos pais e/ou responsáveis na vida escolar de seus filhos, a família é fundamental para que o Estado e a escola possam desempenhar seu papel no processo de ensino-aprendizagem.

Conhecer a realidade socioeconômica, cultural, e as características peculiares da escola, ou seja, seu perfil, sua identidade, serão aspectos necessários na pesquisa das principais causas que levaram os alunos a abandonarem seus estudos. Consideramos que estes pontos podem envolver fatores internos e externos à escola, os quais podem ou não estar diretamente ligados à problemática aqui aventada.

Neste sentido todas as questões até o momento apresentadas, consistiram em subsídio da pesquisa no capítulo 2, o qual apresenta o percurso metodológico e análise do caso, e está dividido em quatro seções, conforme apresentado: 2.1. Eixos de análise, no qual descrevemos o referencial teórico da pesquisa, onde constam as discussões dos conceitos centrais que embasam o caso de gestão, tais como abandono escolar; fatores internos e externos à escola que se relacionam a ele; 2.2. Percurso metodológico em que se definem os caminhos da pesquisa; 2.3. Análise dos dados apresentados e dos dados coletados a partir da pesquisa, na qual se buscou uma articulação entre os dados coletados ao longo da pesquisa realizada e a discussão teórica que embasa essa dissertação; 2.4. Achados da pesquisa, onde descrevemos de forma clara a relação dos sujeitos com o objeto de estudo, e a apresentação de uma síntese dos principais elementos que estão relacionados ao

caso de gestão em questão. Dessa forma, buscamos esclarecer o que é abandono escolar e o papel da gestão escolar frente a essa problemática.

2. O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NO COMBATE AO ABANDONO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO, EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE MANAUS.

Neste capítulo analisamos o caso de gestão em estudo, apresentando alguns conceitos fundamentais sobre o assunto em análise, nos baseando em textos de Batista (2009), Castelar (2012), Borja e Martins (2014), Oliveira (2015), Soares (2015), Lück (2009, 2012 e 2013) e Paro (2016), que tratam da problemática, no contexto da escola pública, em especial no ensino médio, e o papel da gestão escolar no enfrentamento das situações. Além disso, explicitaremos os passos metodológicos que nortearam a pesquisa.

No capítulo 1, contextualizamos a problemática do abandono escolar no ensino médio: no Brasil, na rede estadual de ensino do Amazonas, na Coordenadoria Distrital de Educação 03 e na escola em estudo, com base nos dados do rendimento escolar dos anos de 2014, 2015 e 2016.

Conforme definição do INEP, “abandono escolar é a condição do aluno que deixa de frequentar a escola durante o andamento do ano letivo” (BRASIL/INEP, 2016). Considerado como uma taxa de rendimento, o abandono escolar cada vez mais tem interferido nas taxas de aprovação das escolas, principalmente do ensino médio, conforme apresentado no capítulo 1. Isso ocorre porque além da aprovação e reprovação, o abandono também surge como um balizador da aprendizagem escolar, ora, se o estudante deixou de frequentar a escola ao longo do ano letivo, isso significa que houve uma defasagem da aprendizagem daquele estudante, o que demonstra um problema no cerne do objetivo escolar: a aprendizagem do aluno, que leva à consequente aprovação para a série posterior.

Neste sentido, o foco deste capítulo consistiu no estudo das principais causas do abandono escolar no ensino médio e o papel da gestão escolar frente à problemática. Diante disso, buscamos analisar os seguintes eixos temáticos: i. Abandono escolar x evasão escolar; ii. Fatores internos e externos à escola que interferem na redução do abandono escolar; e iii. A gestão escolar e o abandono escolar.

O caminho metodológico adotado foi a pesquisa qualitativa, por meio de estudo de caso. Para tanto, utilizamos os seguintes instrumentos para coleta de dados: entrevistas semiestruturadas e questionários. As entrevistas foram direcionadas ao gestor, à pedagoga e aos professores, com o propósito de conhecer a percepção desses sujeitos quanto à problemática do abandono escolar. O questionário foi aplicado aos alunos que abandonaram a escola e retornaram, ou seja, os casos considerados abandono escolar, com o intuito de identificar as causas que os levaram a deixar de frequentar a escola sem concluir o ano letivo e os motivos que os fizeram retornar.

Na seção 2.1 tratamos do referencial teórico a partir dos eixos de análise que permeiam este estudo de caso, descrevendo sua relação com o objeto de estudo.

2.1. Eixos de análise

Nesta seção buscamos esclarecer o que é abandono escolar e o papel da gestão escolar frente a essa problemática. Baseados nos estudos propostos, pudemos observar e identificar o que a gestão pode fazer para redução do abandono. Analisamos os eixos temáticos discriminados na seção 2 deste capítulo, pois eles representam os aspectos vinculados ao problema e nos ajudaram a pensar a proposta de intervenção.

Por se tratar de um estudo de caso sobre o abandono escolar no ensino médio, tomamos como referencial teórico: Batista *et al* (2009) que, em seu artigo, trata da Evasão Escolar no ensino médio: um estudo de caso, em um Colégio Estadual de Ilhéus; Castelar *et al* (2012) que nos fala das causas do abandono nas escolas públicas de ensino médio no Estado do Ceará; Borja e Martins (2014) que abordam a evasão escolar no contexto da desigualdade e da exclusão social; Oliveira *et al* (2015) que versa sobre evasão e abandono escolar, buscando compreender quais fatores, se internos ou externos à escola, estariam vinculados as causas que levam as pessoas a deixarem de estudar sem concluir o ensino médio; Soares *et al* (2015) tratando dos fatores internos e externos à escola, associados ao abandono escolar no ensino médio público de Minas Gerais; Lück (2009, 2012 e 2013) pensando na importância da atuação da gestão escolar frente ao sucesso da escola; e Paro trazendo conceitos sobre a gestão democrática da escola pública.

Partindo da compreensão de que o abandono escolar se tornou cada vez mais presente nas discussões governamentais, surge a necessidade de aprofundar ainda mais a pesquisa, na tentativa de diagnosticar as principais causas, as quais temos ciência de que não se esgotam, conforme afirma Castelar (2012):

Na literatura sobre o assunto, encontram-se diversas causas para o abandono escolar, que podem estar relacionadas a aspectos socioeconômicos, causas relativas ao professor, causas relativas ao aluno, e causas relativas às práticas pedagógicas e institucionais (p. 03).

Nesse sentido, Soares *et al* (2015), analisando os “principais fatores que influenciam o abandono escolar no ensino médio” (p. 01), procurou apontar a “correlação entre fatores intra e extraescolares com o abandono precoce” (p. 01), ou seja, tanto pode haver fatores internos como alheios ao ambiente escolar, que influenciam direta ou indiretamente na decisão do aluno em deixar de frequentar a instituição de ensino, cabendo, por meio da pesquisa, identificar se de fato esses fatores estão presentes na realidade da escola em estudo.

Dentre os fatores internos, podemos relacionar: baixa autoestima, a falta de incentivo por parte dos professores, ausência destes nas aulas, aulas monótonas, baixo rendimento, defasagem idade-série, falta de projetos que envolvam os alunos ocupando a ociosidade e o baixo rendimento. Neste sentido, Oliveira *et al* (2015) enfatiza:

[...] está associado ao fato da escola estar pouco preocupada em possibilitar aos alunos e professores a experiência do acontecer das ideias, na sua produção, em consonância aos desafios concretos da vida.

[...] sucessivas reprovações e a consequente defasagem idade-série, que têm significativo peso na decisão de continuar ou não os estudos, pois, geralmente, a repetência é seguida pelo abandono (apud, LOPEZ; MENEZES, 2002, p.49 e 50).

Consideramos como fatores externos à escola: o ingresso no mundo do trabalho, ou seja, o primeiro emprego, a falta de acompanhamento familiar, gravidez precoce e/ou não planejada (este último no caso das alunas já casadas), problemas de saúde e, não deixando de observar, o envolvimento com o tráfico e uso de drogas. Para Oliveira *et al* (2015) esses fatores são considerados como obstáculos que tornam a conclusão da educação básica uma barreira intransponível, nesse sentido enfatiza:

[...] necessidade de trabalhar para ajudar a família e, também, para seu próprio sustento; o ingresso no mundo da criminalidade e da violência – muitas das vezes mais atrativo que os bancos escolares – o convívio familiar conflituoso e sem estímulo aos estudos (p. 49).

No Brasil, Soares *et al* (2015) reforça que os fatores que exercem forte influência sobre os jovens para que abandonem a escola no ensino médio é a necessidade de trabalhar, seja para ajudar na renda da família, seja para seu próprio sustento, outro fator consiste na falta de interesse pelos estudos.

Para Batista (2009), os fatores que influenciam a decisão do aluno em deixar de estudar estão relacionados ao seu nível socioeconômico mais baixo que o dos demais alunos, o que causa a falta de uma alimentação adequada e problemas de saúde. Estão presentes também no contexto da problemática do abandono escolar, dimensões de ordem política, econômica, cultural e de caráter social, que exercem uma ação mútua e ao mesmo tempo conflitante na vida dos alunos, ocasionando desânimo, desinteresse e conseqüentemente a vontade de abandonar os estudos, como aponta:

Dessa maneira, o abandono escolar não pode ser compreendido, analisado de forma isolada. Isto porque, as dimensões socioeconômicas, culturais, educacionais, históricas e sociais entre outras, influenciam na decisão tomada pela pessoa em abandonar a escola (p. 05).

Analisando a dimensão política, podemos pensar nas mudanças que ocorreram ao longo dos vinte anos da LDB nº 9.394/96. Tais mudanças refletiram diretamente na escola, principalmente quanto ao pacto interfederativo, o qual definiu a responsabilidade de cada ente federado, ficando os estados responsáveis em atender, com prioridade, o ensino médio, conforme artigo 10, inciso VI da LDB. Com o advento do PNE, decênio 2014-2024, que estabelece a Meta 3 e suas estratégias, para melhoria do ensino médio, surgiu a Lei nº 13.415/17 que estabelece o Novo Ensino Médio, caracterizando mais mudanças para esta etapa de ensino.

Quanto à dimensão econômica, Soares (2015) *apud* Arroyo (1993), menciona fatores externos como: dificuldades financeiras, o desemprego; o primeiro emprego para ajudar na renda familiar ou para o próprio sustento; e as diferenças sociais que estão relacionados direta e indiretamente com o abandono escolar.

Nas dimensões cultural e social, está o papel social da escola, que em sua prática pedagógica deve promover condições não somente de acesso ao aluno, mas também de permanência, criando projetos de socialização e integração entre eles, pois cada um traz em sua personalidade as características culturais e sociais adquiridas ao longo de sua vida, seja oriunda da família ou da comunidade onde vive, o que pode interferir em sua continuidade ou não na escola, para isso dependerá da receptividade dela. Para Batista (2009), *apud* Krawczyk (2009):

[...] cursar o ensino médio é algo tão natural quanto comer, tomar banho etc. E, muitas vezes, sua motivação está bastante associada à possibilidade de recompensa (seja por parte dos pais ou pelo ingresso na universidade). A questão está naquele grupo social para o qual o ensino médio não faz parte nem de seu capital cultural nem de sua experiência familiar e, por isso, o jovem desse grupo, geralmente não é cobrado para continuar estudando. É aí que está o desafio de criar a motivação pela escola (KRAWCZYK, 2009, p. 09).

Na perspectiva de se garantir uma escola que atenda os anseios e expectativas dos alunos, entra o papel da gestão escolar. Para melhor compreendermos a função do gestor na escola, tomamos como referenciais os conceitos, ideias e opiniões de Lück (2009, 2012 e 2013), ao esclarecer que a gestão escolar não é exercida somente por um gestor(a) mas, por uma equipe de pessoas comprometidas com o processo de aprendizagem e de formação do aluno. Porém, cabe ao gestor: orientar, liderar, descentralizar as ações e agir de forma articulada e dinâmica, promovendo a participação, desprendida de obrigações, de todos os membros da comunidade escolar interna.

Neste sentido, Lück (2012, p. 17) comenta:

Aliás, é importante reconhecer que todo trabalho em educação, dada a sua natureza formadora, implica ação de liderança, que se constitui na capacidade de influenciar positivamente pessoas, para que, em conjunto, aprendam, construam conhecimento, desenvolvam competências, realizem projetos, promovam melhorias em alguma condição [...]. Dessa forma, realizam todos como profissionais, pessoas e seres sociais, desenvolvem seu potencial e promovem o desenvolvimento do capital cultural da escola em geral e dos grupos sociais de que participam, promovendo, de modo articulado e consciente, a aprendizagem e formação de seus alunos.

Além das opiniões acerca do papel da gestão, abordamos também as opiniões de Lück (2009) acerca do papel dos professores, sendo estes responsáveis diretos do processo ensino e aprendizagem dos alunos, seja pelo acompanhamento

da frequência, ou influenciando, de forma positiva ou negativa, a vida deles. Esta influência depende da conduta do docente em sala de aula, da metodologia de ensino adotada, do apoio e incentivo aos estudos, entre outros. Nessa perspectiva Lück (2009, p. 21), pontua:

Os professores são profissionais que influem diretamente na formação dos alunos, a partir de seu desempenho baseado em conhecimentos, habilidades e atitudes e, sobretudo por seus horizontes pessoais, profissionais e culturais. De sua postura diante da vida, dos desafios, da educação e das dificuldades do dia a dia depende a qualidade de seu trabalho. Professores bem informados e bem formados são fundamentais para a orientação competente de seus alunos. Sua atuação junto de seus alunos deve ser aberta, com forte liderança e perspectivas positivas orientadas para o sucesso.

Ainda sobre a gestão escolar e o papel dos professores, nos embasamos também, no trabalho de Paro (2016), em que o autor traz a discussão sobre a gestão democrática da escola pública, enfatizando sua organização, funcionamento e o desenvolvimento das atividades de ensino em seu interior. Em vista disso, o autor enfatiza:

Se estamos convencidos da relevância social da escola, é preciso afirmar seu compromisso com a qualidade dos serviços que presta, ou seja, com a eficiência com que ela alcança seu fim específico (p. 137).

De acordo com Paro (2016), a finalidade da escola não se resume apenas a resultados de rendimento, o gestor e sua equipe precisam também considerar a qualidade dos serviços prestados a comunidade, ou seja, além de avaliar o desempenho de seus alunos, precisa avaliar também o desempenho de todos que dela fazem parte, por meio desta ação, todos passam a se sentir corresponsáveis pelos resultados da escola.

Além disso, os autores aqui apresentados, também nos remeteram à compreensão da influência dos fatores internos e externos à escola no abandono escolar, considerando pertinentes à problemática os aspectos individuais, institucionais, políticos, sociais e pedagógicos necessários à pesquisa. Nesta compreensão Borja e Martins (2014, p. 95), esclarecem ainda:

Nos dias atuais, a escola, para cumprir seu papel, deve adaptar-se à diversidade dos alunos que a frequenta, uma vez que essa é a exigência imposta pela sociedade. Cada estudante é um indivíduo e a sua origem socioeconômica e cultural influencia a forma de ser e

de estar. A escola precisa ser capaz de prevenir situações que levam à exclusão ou à segregação dos alunos, sobretudo dos que são provenientes de meios sociais problemáticos. [...] A nível macro, é de se realçar a influência do sistema educacional, do funcionamento das escolas e do estilo de ensino dos professores.

Enfatizamos que a compreensão das causas do abandono escolar consistiu em um importante passo para pudéssemos sugerir à gestão escolar, a possibilidade da criação de mecanismos que garantam a permanência dos alunos na escola, fortalecendo sua liderança, mostrando que é possível ter o controle das situações, como também o controle das informações, conforme Lück afirma:

O trabalho dos gestores escolares se assenta sobre sua capacidade de liderança, isto é, de influenciar a atuação de pessoas para o trabalho, a aprendizagem e construção de conhecimentos, e tem em vista que a gestão se constitui em processo de mobilização e organização do talento humano para atuar de forma compartilhada na promoção dos objetivos educacionais (2012, p. 23).

Outro importante fator identificado nas causas do abandono escolar consiste na questão familiar. Conforme descrevemos no Capítulo 1, há pouca participação da família no acompanhamento da vida escolar dos alunos que já estão cursando o ensino médio, contrariando o que a LDB nº 9.394/1996 preconiza em seu artigo 2º “A educação, dever da família [...]”, ou seja, antes de ser dever do Estado é, em primeiro lugar, dever da família. Desta feita, abordamos os estudos de Batista *et al* (2009), que descreve a importância da família para redução do abandono escolar “[...] a família exerce um papel fundamental na permanência do aluno na escola, assim, quando não há um apoio adequado desta, o aluno não se sente motivado para os estudos” (p. 12).

Porém, identificamos que há fatores que surgem ao longo do ano letivo, que concorrem para que o abandono não seja identificado de forma preventiva. Nessa perspectiva, a pesquisa nos proporcionou conhecer esses fatores, os quais realmente estão intrínsecos à problemática, e nos forneceram subsídios para reflexão acerca das situações e possíveis soluções que contribuíram para a elaboração do plano de ações educacionais.

Além da compreensão das principais causas do abandono escolar, precisávamos compreender também a diferença entre abandono e evasão escolar, pois, apesar de serem conceitos parecidos, diferem quando discriminados nas taxas de rendimento e de fluxo escolar. No entanto, ambos têm causado à educação

básica, crescimento nas taxas de distorção idade-série. A evasão escolar torna esse crescimento mais evidente, porque o aluno que evade não tem pretensão de retornar, passando a fazer parte, também, das estatísticas dos alunos fora da escola. No caso do abandono escolar, mesmo que demore um ano ou mais, em algum momento o aluno retorna para dar continuidade aos seus estudos, porém, sua idade já não é mais compatível para série em que estiver matriculado, ocasionando o que comumente denominamos distorção idade-série.

Presente também no ensino médio, a evasão escolar representa uma constante preocupação da educação básica, uma vez que o aluno evadido não retorna para escola, segundo Oliveira *et al* (2015, p. 49):

A evasão escolar no Brasil é um problema antigo que perdura até os dias de hoje e, infelizmente, sem uma perspectiva de, a curto ou médio prazo, ser resolvido. Apesar dessa situação ainda existir em todos os níveis da Educação Básica, é a quantidade de alunos que deixam as classes escolares no Ensino Médio que chama atenção.

De fato, o número de alunos que deixa de frequentar a escola na última etapa da educação básica, que é o ensino médio, tem causado preocupação aos gestores escolares e aos sistemas de ensino, conforme descreve Oliveira (2015) *apud* Marun (2008):

[...] os alunos prestes a abandonar os estudos normalmente o farão sem qualquer tipo de pronunciamento dos responsáveis pelo processo educativo [...]. Não é menos comum, no entanto, vê-los retornar à instituição da mesma forma que a deixaram, sem justificativas plausíveis para sua ausência temporária (p. 50).

Tanto o MEC quanto a SEDUC definem suas taxas de rendimento embasadas nos seguintes dados: aprovação, reprovação e abandono, se tratando de situações concretas ocorridas no decorrer do ano letivo e de onde se obtém os resultados. A origem do processo é a matrícula inicial, concluindo-se na matrícula final, não tendo, portanto, como prever este problema no início, durante e até mesmo ao final do ano letivo, constatando somente após a emissão do resultado final.

No entanto, no transcorrer da pesquisa, constatamos que é possível prevenir o avanço do abandono, por meio dos resultados bimestrais, bastando para isso a análise bimestral. Esta deve ser feita pelo gestor, pedagoga e os professores,

levando em consideração a necessidade de compreensão dessas causas que levaram os alunos a abandonarem a escola, com vistas a oportunizar o retorno desses alunos, ainda no decorrer do ano letivo.

Observamos que a análise real dos resultados bimestrais contribui de forma significativa para definição das ações que a gestão escolar deve desenvolver para a redução das taxas de abandono, mobilizando e envolvendo todos os sujeitos que fazem parte da escola.

Diante do exposto, apresentamos na seção 2.3 deste capítulo, os resultados da pesquisa, bem como as contribuições que a mesma forneceu a este estudo de caso, as quais estão presentes também, no capítulo 3, que trata do plano de ações educacionais, com vistas à redução do abandono escolar na escola.

Na próxima seção, descrevemos o percurso metodológico desenvolvimento na pesquisa.

2.2. Percurso metodológico

Sendo um caminho necessário para a pesquisa, não podendo, portanto, ficar de lado, nem tampouco, ser considerada irrelevante, a metodologia, segundo Minayo *et al* (2007, p. 14) “[...] inclui simultaneamente a teoria da abordagem (método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade”. Neste sentido, o percurso metodológico adotado foi o da pesquisa qualitativa, por meio de um estudo de caso, pois conforme André (2013, p. 96):

Na perspectiva das abordagens qualitativas, não é a atribuição de um nome que estabelece o rigor metodológico da pesquisa, mas a explicitação dos passos seguidos na realização da pesquisa, ou seja, a descrição clara e pormenorizada do caminho percorrido para alcançar os objetivos, com a justificativa de cada opção feita.

Considerando, ainda, que por meio da pesquisa qualitativa foi possível identificarmos os sujeitos envolvidos e a relação destes com o objeto de estudo. Oliveira (2011) *apud* Gil (1999) esclarece:

[...] o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas

permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos (p. 24).

Para melhor compreensão da problemática do abandono escolar no ensino médio em uma escola estadual de Manaus, partimos dos conceitos definidos por Micarello *et al* (2015) de que o estudo de caso é o tipo de metodologia que permite estudar um problema, analisando suas possíveis causas (hipóteses) e propor soluções viáveis a partir dos fatores identificados.

Enfatizamos, aqui, as características e os passos que foram utilizados, percorridos e obtidos (pesquisa bibliográfica, pesquisa teórica e de campo, e análise dos dados), tomando como embasamento as leituras propostas e a coleta de informações por meio de entrevistas e questionários.

Neste sentido, utilizei os seguintes instrumentos para coleta de dados: roteiro de entrevistas semiestruturadas, as quais foram direcionadas para o gestor da escola, a pedagoga e os professores de Língua Portuguesa. Com os alunos, realizamos a aplicação de questionário, participando deste os alunos que deixaram de frequentar a escola nos anos de 2013, 2014, 2015 e 2016 e retornaram no ano seguinte ou mais, porém, ainda estão estudando na escola.

O uso da entrevista na pesquisa, além de ser um dos instrumentos mais usados pelos pesquisadores, nos proporcionou a aquisição de informações de forma mais clara e precisa. Isso ocorreu pelo fato de os entrevistados responderem aquilo que de fato conhecem ou compreendem, mesmo que, para isso, em alguns momentos fosse necessário adequar as perguntas para melhor compreensão do entrevistado, sendo possível essa adequação conforme afirma Oliveira (2011), *apud* GIL (1999):

[...] é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas nas pesquisas sociais. Esta técnica de coleta de dados é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam e desejam, assim como suas razões para cada resposta (p. 35).

O uso das entrevistas semiestruturadas nos possibilitou a aproximação dos sujeitos entrevistados, os quais fazem parte de um público específico, e nos permite definir o tipo de informação que precisávamos adquirir, ocorrendo, como já havíamos relatado anteriormente, até mesmo a mudança na ordem das perguntas, a partir da percepção de cada sujeito entrevistado, conforme descreve Oliveira (2011, p. 36):

As entrevistas semiestruturadas podem ser definidas como uma lista das informações que se deseja de cada entrevistado, mas a forma de perguntar (a estrutura da pergunta) e a ordem em que as questões são feitas irão variar de acordo com as características de cada entrevistado.

Neste sentido, participaram das entrevistas, ressaltado, de livre e espontânea vontade: o gestor, a pedagoga e os professores de Língua Portuguesa. Quanto aos professores, escolhemos quatro de Língua Portuguesa, três de cada turno (duas professoras trabalham na escola nos dois turnos), uma vez que estão distribuídos por série/ano, ou seja, há um professor para as 1ª séries, outro para as 2ª séries e outro para as 3ª séries. Escolhemos essa disciplina por sua densa carga horária, estando esses docentes mais presentes em sala de aula. Por esse motivo, eles podem ajudar a gestão escolar na identificação dos alunos infrequentes e/ou que já deixaram de frequentar a escola, garantindo, dessa forma, a veracidade das informações. Outro ponto importante a ser considerado, quanto à escolha da entrevista aos professores, é saber qual a compreensão deles acerca do abandono escolar e de que forma podem contribuir com a gestão para a redução das taxas de abandono.

Quanto à aplicação do questionário, o referido instrumento nos permitiu mensurar um número necessário de participantes, estabelecer uma uniformização das questões, de forma que permitiu a leitura e análise das respostas, as quais foram tabuladas, transcritas para gráficos e contextualizadas, não apresentando nominalmente os participantes, preservando, dessa forma, a identidade de cada um, conforme Oliveira (2011) *apud* Marconi e Lakatos (1996, p. 88), o questionário é:

[...] série ordenada de perguntas, respondidas por escrito sem a presença do pesquisador. Dentre as vantagens do questionário, destacam-se as seguintes: ele permite alcançar um maior número de pessoas; é mais econômico; a padronização das questões possibilita uma interpretação mais uniforme dos respondentes, o que facilita a compilação e comparação das respostas escolhidas, além de assegurar o anonimato ao interrogado.

O questionário foi elaborado com questões objetivas, voltadas para a identificação das causas que levaram esses alunos a deixarem de frequentar a escola e os motivos que os fizeram retornar, considerando fatores internos e externos à instituição, tais como: a família, trabalho, gravidez, falta de interesse

pelos estudos, dificuldades de aprendizagem (o que pode ocasionar baixo rendimento nos estudos) e problemas envolvendo a relação interpessoal professor e aluno, ou ainda a relação com outros servidores da escola.

A princípio, a participação dos alunos estava delimitada aos que deixaram de frequentar a escola nos anos de 2014, 2015 e 2016 e retornaram no ano seguinte ou mais e ainda estão estudando na escola, conforme dados da matrícula do ano letivo de 2017 (SIGEAM, 2017), sendo um total de 17 (dezesete) alunos, 06 (seis) do turno matutino e 11 (onze) do turno vespertino. No entanto, durante a busca dos alunos, fomos procurados por um aluno, que abandonou a escola em 2013, interessado em participar, o mesmo está com 22 anos, retornou à escola em 2017 para cursar a 1ª série. Autorizamos a inserção deste estudante, aumentando para 18 o número de alunos participantes da aplicação do questionário.

Por se tratar de apenas 18 alunos, não houve restrições para aplicação do questionário, sendo permitida a participação de todos, considerando a autorização dos pais/responsáveis de quatro, dos 17 alunos, por serem menores de idade. Os demais assinaram o termo de consentimento por serem maiores de idade. Enfatizamos que todos participaram, mesmo aqueles que precisavam do assentimento dos pais ou responsáveis.

A realização das entrevistas e dos questionários foi importante na pesquisa para a compreensão da relação dos sujeitos com o problema do abandono escolar. Conforme Borja e Martins (2014), para melhor compreensão da problemática “[...] é preciso analisar as causas do fracasso e do abandono escolar, tendo em conta a história do sujeito, de sua construção e de suas transformações” (p. 94).

Por meio da pesquisa, tivemos oportunidade de analisar as consequências desse problema para os índices do rendimento da escola e para os alunos, em relação ao atraso na conclusão da educação básica. Em ambos os casos, pudemos não somente conhecer as causas do abandono, como também o papel dos sujeitos e a forma como eles podem contribuir para evitarmos o abandono dos estudos.

A participação dos alunos foi relevante à pesquisa, considerando o número de alunos que retornaram para escola no ano seguinte ou posterior ao seu abandono, sendo eles o foco principal do estudo. Os estudantes nos descreveram o que os levou a deixar de frequentar a escola e o que os levou a retornar para ela. Soares *et al* (2015) enfatiza:

O desinteresse, mesmo com os altos retornos à educação, também aparece como forte motivo que influencia a decisão de abandonar a escola, e entendê-lo torna-se de suma importância tanto para uma melhor compreensão do estado de fragilidade em que esses jovens se encontram, quanto para a produção de um indicador importante na orientação de políticas educacionais que visam a reverter tal quadro (p. 3).

A aplicação do questionário aos alunos foi realizada na própria escola, obedecendo o horário de aula dos mesmos. O questionário foi estruturado com 15 questões, visando conhecer o perfil social dos alunos, a visão deles acerca das características físicas e pedagógicas da escola e os fatores existentes na relação com o abandono escolar.

As entrevistas com o gestor e os professores foram realizadas de forma direta, também na escola. Somente a entrevista com a pedagoga precisou ser realizada de forma indireta, pois a mesma encontrava-se de licença especial, porém, mesmo não estando na escola, não se negou a participar, solicitou o roteiro das perguntas para responder em sua residência. Após responder a todas as perguntas, por meio de gravação em áudio, encaminhou para a pesquisadora.

O roteiro da entrevista semiestruturada para o gestor e a pedagoga foi elaborado com 15 perguntas, objetivando conhecer o entendimento dos mesmos quanto as suas funções, sendo eles os principais responsáveis pelo encaminhamento das ações dentro da escola. São elas: o acompanhamento dos lançamentos no Diário Digital (planejamento, conteúdos, frequências e notas), na análise dos resultados bimestrais - destacando principalmente a frequência e as notas dos alunos, demonstrando aqueles que estão infrequentes e, portanto, propensos a deixar de frequentar a escola; a análise dos resultados finais que direcionam para ações para o ano letivo seguinte; o acompanhamento nominal dos alunos que deixaram de frequentar para verificação do seu possível retorno; as ações desenvolvidas pela escola e pela CDE-03 para a redução das taxas de abandono.

Estando entre os sujeitos da pesquisa, o gestor não se intimidou em participar e reconhecer que pouco ou quase nada sabe respeito da problemática, pois está na função há apenas seis meses, sendo essa sua primeira experiência como gestor escolar. Ele reconheceu, também, que seu papel está diretamente relacionado com a mediação dos resultados do rendimento, principalmente quanto à redução dos índices de abandono escolar.

Consideramos que a participação da pedagoga foi fundamental na desmistificação da problemática, pois sua experiência e seu tempo de serviço na escola enriqueceram as informações e nos transmitiram mais clareza acerca das principais causas existente na escola que têm ocasionado a saída dos alunos.

O roteiro da entrevista semiestruturada para os professores foi elaborado com 13 perguntas, visando conhecer, primeiramente, a funcionalidade do Diário Digital, sendo esta a ferramenta usada pelos mesmos para o lançamento do planejamento, dos conteúdos programáticos, das frequências e notas dos alunos. Questionamos também os docentes sobre: a diferença entre abandono e evasão escolar; além da participação na análise dos resultados bimestrais e finais, o acompanhamento do aluno infrequente, as ações propostas pela escola para o resgate dos alunos que deixaram de frequentar, o atendimento dado ao aluno que retorna à escola; a indicação quanto aos motivos que levaram o aluno a deixar de frequentar, e a sugestão de ideias e propostas de ações para a redução das taxas de abandono.

Quanto à participação dos professores, registramos que todos o fizeram espontaneamente, responderam às perguntas de forma clara e objetiva, sem ressalvas, conforme podemos constatar na seção 2.3, contribuindo, dessa maneira, para que alcançássemos os objetivos da pesquisa.

Os instrumentos utilizados para a pesquisa, além dos modelos dos roteiros das entrevistas e do questionário, encontram-se nos apêndices desta dissertação.

Na seção 2.3 apresentamos, conforme já havíamos dito, os resultados da pesquisa e sua contextualização.

2.3. Análise dos dados

Nesta seção, apresentamos os dados obtidos através da pesquisa e a análise, a qual se baseia nos eixos temáticos adotados, a partir da visão dos autores acerca da problemática. Estando, dessa maneira, em consonância com que fora encontrado de fragilidade para que estivesse na proposta de intervenção do capítulo 3, no Plano de Ação Educacional, sendo, portanto, a mais adequada ao contexto no qual a escola está inserida.

Na pesquisa, conforme descrevemos na seção anterior, fizemos uso de instrumentos para a coleta de dados, os quais foram: roteiros de entrevistas semiestruturadas realizadas com o gestor, a pedagoga e os professores de Língua

Portuguesa, todos da escola em estudo; e o questionário aplicado aos alunos que abandonaram e retornaram posteriormente e continuam estudando na escola pesquisada.

A escolha dos professores foi definida pelo fato de os mesmos possuírem maior carga horária no ensino médio, logo estando mais presentes em sala de aula, podendo, dessa maneira, contribuir com informações, principalmente quanto à frequência dos alunos e a indicação daqueles que já deixaram de frequentar.

Iniciamos nossa coleta de dados com a realização das entrevistas. As perguntas feitas ao gestor também foram abordadas com a pedagoga. Já as perguntas dirigidas aos professores seguiram outro roteiro, mais direcionado para o acompanhamento dos alunos por meio da utilização da ferramenta denominada Diário Digital. Após a realização das entrevistas, procedemos a transcrição das mesmas para análise, pois segundo Borja e Martins (2014, p. 96) *apud* Bardin (2004):

As entrevistas, depois de realizadas e transcritas, foram analisadas, a fim de se constituírem as categorias que, segundo Bardin (2004, p. 119), têm o objetivo de “fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” [...].

Por ser tratar do mesmo roteiro de entrevista para o gestor e a pedagoga, apresentaremos primeiramente a análise das respostas deles, no entanto, enfatizamos, conforme descrito na seção anterior, que a entrevista a pedagoga foi realizada de forma indireta, porém, consideramos suas respostas conforme gravadas em áudio e transcritas neste estudo.

Na entrevista, procuramos identificar a relação deles com a problemática. Nesse sentido, direcionamos as perguntas para a rotina de trabalho de ambos, para o tempo que já trabalham na escola, para o conhecimento acerca dos resultados do rendimento final dos últimos três anos: 2014, 2015 e 2016, e quanto ao problema do abandono escolar. Para resguardamos a identidade dos entrevistados, decidimos identificá-los pela função/cargo que exercem, neste caso, gestor e pedagoga.

Perguntamos aos entrevistados há quanto tempo trabalham na escola e qual sua formação: o gestor respondeu que está há seis meses na função, e que já trabalhou na escola antes, em 2013, no cargo de professor de geografia; é Licenciado em Geografia, possui especialização em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável. Já a pedagoga, trabalha na escola há 13 anos, e

participou de sua inauguração, ou seja, seu tempo de serviço corresponde ao mesmo tempo de existência da escola, sendo que na função, a mesma possui experiências anteriores, desempenhadas em outras escolas; é Licenciada em Pedagogia e Bacharel em Direito, com especialização nas duas áreas, na pedagogia possui especialização em Gestão Escolar.

Perguntados sobre o tempo que passam dentro da escola, o gestor respondeu que chega a ficar 10 horas por dia; e a pedagoga 8 horas diárias. Ambos possuem carga horária de 40 horas semanais, sendo ele professor de geografia e ela pedagoga, pertencentes ao quadro efetivo da SEDUC.

Quando perguntados acerca do papel que devem exercer na escola, o gestor e a pedagoga, responderam:

Dar condições para que a escola tenha seu pleno funcionamento, aplicar o regimento da escola e das escolas estaduais, bem como proporcionar que os professores tenham as condições mínimas para que a escola caminhe dentro de sua normalidade (GESTOR ESCOLAR, Entrevista realizada em 28/08/2017).

A atribuição do pedagogo está definida em Regimento Geral das escolas do Estado e vai das atividades burocráticas como: elaboração de relatórios, de documentos pedagógicos, análise de documentos, e etc., ao atendimento e acompanhamento pedagógico dos professores, alunos e atendimento aos pais. Na maioria das escolas, a equipe gestora se restringe ao gestor e ao pedagogo, e as atribuições dessas duas figuras se integram, são bem abrangentes dentro da escola, tornando o dia a dia do pedagogo e do gestor bem (PEDAGOGA, Entrevista realizada em 31/08/17).

Observamos que a resposta do gestor se limitou à recente experiência que possui na função, pois, como já mencionado, o mesmo só está no cargo há seis meses, sendo este período de tempo reduzido para que ele conheça todas suas atribuições. Borja e Martins pontuam um papel muito maior da escola, que se entrelaça ao papel da gestão:

Nos dias atuais, a escola, para cumprir seu papel, deve adaptar-se à diversidade dos alunos que a frequentam, uma vez que essa é a exigência imposta pela sociedade. Cada estudante é um indivíduo e a sua origem socioeconômica e cultural influencia a forma de ser e de estar. A escola precisa ser capaz de prevenir situações que levam à exclusão ou à segregação dos alunos, sobretudo dos que são provenientes de meios sociais problemáticos (2014, p. 95).

Através da resposta do gestor, podemos perceber que o mesmo visa o bem-estar e a estrutura para o trabalho docente, mas deixa de mencionar que o estudante é o centro do processo escolar e que precisamos enxergá-lo e entendê-lo como sujeito, dando condições para que sua permanência na escola traga a ele conforto físico e emocional. Talvez a falta do pensamento voltado ao aluno seja um dos fatores que contribui para que haja problemas de evasão e abandono na instituição de ensino.

A resposta da pedagoga demonstra que a mesma conhece os Regimentos, tanto o da escola, como o geral das escolas estaduais, segue suas orientações, principalmente, quanto se trata de desenvolver suas atribuições; contudo, enfatiza, acerca das múltiplas tarefas que precisa desempenhar no cotidiano. Segundo ela, isso tem ocasionado sobrecarga de serviços, pois a mesma relata que a equipe gestora se resume a ela e ao gestor, o que acaba por deixá-los cansados e sem poder planejar suas ações, muito menos possuir uma agenda de sua rotina escolar. Através da resposta dessa profissional, podemos ver que a mesma também não está centrada na subjetividade dos alunos e nas suas necessidades primordiais. Possivelmente, a rotina exacerbada de demandas burocráticas esteja fazendo com que gestor e pedagoga deixem de ter o olhar focado nos estudantes.

Perguntamos aos entrevistados, como eles avaliam a ferramenta do Diário Digital, apontando os pontos positivos e negativos. O gestor avalia que o Diário Digital é uma ferramenta necessária para o trabalho do professor, a qual facilita o lançamento do planejamento, dos conteúdos, da frequência e das notas avaliativas dos alunos, possibilitando, após o encerramento de cada bimestre, a análise dos resultados em tempo real, conforme afirma:

O Diário Digital (DD) é muito bom, é uma ferramenta tecnológica necessária, essencial, fundamental ao trabalho do professor, positivamente é uma ferramenta que possibilita o fechamento mais rápido do sistema, onde você consegue visualizar os problemas de cada disciplina de forma mais acelerada, que te pode dar um diagnóstico a ponto de você conseguir resolver isso in loco, dentro de sala de aula (GESTOR ESCOLAR, Entrevista realizada em 28/08/17).

A pedagoga considera, também, além dos pontos positivos apontados pelo gestor, que o Diário Digital:

[...] facilita o trabalho do professor, do pedagogo, do gestor e da secretaria da escola, porque é uma ferramenta de armazenamento de dados, de onde os operadores podem se apropriar das informações, planejar, desenvolver suas atividades laborativas na escola (PEDAGOGA, Entrevista realizada em 31/08/17).

Ambos enfatizam como ponto negativo principal a falta de internet de qualidade, pois, essa situação inviabiliza o lançamento diário de todas as informações pertinentes ao trabalho docente. Outro ponto apontado pelos entrevistados diz respeito à inconsistência de dados, às paralisações do sistema em pleno dia letivo, para a realização de manutenção e a impossibilidade de se fazer qualquer tipo de alteração no planejamento, pois o Diário Digital já vem com dados das atividades informados conforme o Calendário da SEDUC, não podendo, a escola, incluir suas atividades e projetos, conforme podemos analisar nas respostas:

[...] os pontos negativos, está na base de dados da empresa, onde fica situado o site, pois, várias vezes não conseguimos fazer os lançamentos, isso acontece todo o fechamento de bimestre. Esses problemas também, muitas das vezes, apresentam-se na inconsistente com os dados lançados pelos professores; em outros momentos só aparecem mensagens de tela dizendo que o sistema está com problema; enfatizo que são problemas que desde sua criação até hoje não conseguiram resolver (GESTOR ESCOLAR, Entrevista realizada em 28/08/2017).

[...] O negativo que vejo no DD, além das paralisações, para a manutenção, que são necessárias, como ele está vinculado a um banco de dados, portanto um sistema, a parte operacional falha, porque exige conexão de internet de qualidade; outro ponto negativo, que deve ser ajustado no DD, são as situações que ocorrem na rotina da escola, que por não estarem programadas no digital, interferem nos lançamentos (PEDAGOGA, Entrevista realizada em 31/08/17).

Conforme descrito no capítulo 1, o Diário Digital é uma ferramenta de uso dos professores para lançamento de todo seu trabalho docente e pedagógico, cabendo ao gestor e à pedagoga o acompanhamento desses lançamentos, os quais devem acontecer diariamente, com informações de cada bimestre. Observa-se, no exposto pelos entrevistados, que ambos reconhecem a importância da implantação da ferramenta Diário Digital para o acompanhamento dos resultados bimestralmente, o que possibilita planejar ações para melhoria dos resultados. Porém, ambos destacam, que o principal ponto negativo dessa ferramenta é o fato de a mesma só funcionar online, e que a escola não dispõe de internet de qualidade,

consequentemente não possibilitando aos professores as condições para lançamento diário de suas atividades.

Nesse sentido, cabe ao Estado dar as condições necessárias para o pleno desenvolvimento do trabalho docente, conforme afirma Paro (2016, p. 45): “Na escola pública, o empregador é o Estado”, ou seja, é o empregador que tem que prover todas as condições necessárias para que o trabalhador exerça sua função.

Perguntados sobre o preenchimento do Diário Digital, os entrevistados responderam que se trata de uma tarefa exclusiva dos professores, conforme dito anteriormente. No entanto, a pedagoga enfatiza que há situações que ocorrem quanto ao não lançamento das informações no Diário Digital, que comprometem todo o trabalho pedagógico e administrativo, conforme relata:

O DD é uma ferramenta que para ter dados atualizados, necessita ser alimentado diariamente pelo professor com o lançamento da frequência dos alunos, conteúdos desenvolvidos na sala de aula e as atividades avaliativas; porém, quando essas informações não são programadas, e portanto, não são lançadas, dentro do período que tem que ser lançado, engessa o pedagógico da escola e os outros serviços burocráticos que dependem das informações contidas no DD, as quais estão vinculadas ao SIGEAM. A secretaria da escola precisa de informações que partem do DD, para que consiga desenvolver atividades relacionadas ao aluno, como por exemplo: programa bolsa família, informações de notas, pedidos de transferência (PEDAGOGA, Entrevista realizada em 31/08/17).

Com base no exposto, consideramos que para o bom funcionamento da ferramenta, a SEDUC, precisa garantir uma internet de qualidade que possibilite aos docentes acessar diariamente e em sala de aula o Diário Digital. Dessa maneira eles poderão cumprir suas atribuições, considerando que, até o momento, as informações não possuem, a rigor, um lançamento diário, podendo ocorrer de o professor deixar de lançar a frequência de seus alunos, e até mesmo suas notas, de forma correta, uma vez que tem feito isso posteriormente.

O Conselho Estadual de Educação (CEE/AM) homologou, em 2011, o Regimento Geral das Escolas Estaduais do Amazonas. No referido documento constam as normas e procedimentos a serem adotados pelas escolas no que diz respeito ao seu pleno funcionamento; em seu artigo nº 172, trata da utilização e preenchimento do Diário de Classe, sendo este substituído pelo Diário Digital, porém, por orientação do CEE/AM, permanece obedecendo as mesmas orientações

deste artigo; no inciso VII estabelece “a chamada dos alunos será feita diariamente, registrando-se no final de cada mês o total de faltas de cada aluno” (p. 53).

Perguntamos ao gestor e à pedagoga qual o papel deles quanto ao uso do Diário Digital. Ambos disseram que é o de acompanhar e analisar os lançamentos, porém, a pedagoga considera também que seu papel é o de fiscalizadora, uma vez que precisa acompanhar todos os lançamentos feitos pelos professores.

O DD serve pra gente acompanhar justamente os lançamentos próprios de um diário de classe: frequência, conteúdos, avaliações, planejamento, e podemos observar em tempo hábil a questão do rendimento, acompanhar o rendimento individual de cada aluno, por disciplina, possibilitando, dentro do bimestre, fazer a intervenção pedagógica, para que possamos ajudar os alunos a melhorarem suas notas, e com isso o rendimento da escola (GESTOR ESCOLAR, Entrevista realizada em 28/08/2017).

O papel de analista e de fiscalizador, pois cabe ao pedagogo o acompanhamento diário dos lançamentos das atividades realizadas pelo professor. Desse modo, se o diário estiver todo atualizado, se evita o engessamento do trabalho pedagógico, como falei antes o DD tem que estar atualizado, é importante para que a escola consiga caminhar, ter seus dados, consultar, evitar pendências de lançamento (PEDAGOGA, Entrevista realizada em 31/08/17).

Com base nessas respostas, nós voltamos novamente ao Regimento Geral das Escolas Estaduais do Amazonas, o qual estabelece em seus artigos nº 118 as atribuições da pedagoga, e o artigo 142 as atribuições do gestor, em ambos artigos trata sobre o acompanhamento do preenchimento do Diário, devendo, portanto, o gestor e a pedagoga acompanharem os lançamentos, periodicamente, do Diário Digital.

Para conhecermos a respeito da compreensão que os entrevistados têm sobre a problemática pesquisada nesse estudo, perguntamos qual diferença entre abandono e evasão escolar, as respostas foram bem diferentes. O gestor apresentou seu ponto de vista, enquanto a pedagoga conceituou cada situação de forma esclarecedora, conforme podemos observar:

No meu ponto de vista, não sou tão especialista nesse assunto, mas vejo que o abandono é a desistência involuntária, por algum motivo externo, ou seja, ele abandona por questões familiares, por não ter condições de estar presente na escola, condição financeira; e a evasão é quando o aluno realmente desiste de ir para a escola, ele realmente se evade da escola, não vem, tá matriculado, sai de casa, simplesmente não aparece, e quando aparece já é tarde demais (GESTOR ESCOLAR, Entrevista realizada em 28/08/17).

A diferença conceitual que vejo faz parte do contexto das literaturas que tratam desse assunto, que definem o abandono escolar quando ocorre durante o ano letivo, o aluno faz a matrícula, frequenta e depois desaparece da escola; já a evasão escolar vem como um resultado desse abandono, quando o aluno não faz a matrícula no ano subsequente ao ano que ele abandonou, ou seja, o aluno não retorna para a rede escolar, ficamos sem informações dele (PEDAGOGA, Entrevista realizada em 31/08/17).

Ao analisarmos a resposta do gestor, constatamos que ele desconhece os conceitos de abandono e evasão escolar. Com base nesse relato, reconhecemos que o conceito da problemática deste estudo de caso, tem provocado dúvidas quanto a sua definição nos resultados das escolas, ou seja, não há uma análise que diferencie os alunos caracterizados como abandono, dos alunos evadidos.

Esse desconhecimento dos profissionais da educação acerca do abandono e evasão gera, muitas vezes, um descompromisso por parte da escola com a problemática em questão, fazendo com que a equipe gestora se centre apenas nos cenários de reprovação, desenvolvendo projetos e ações que visem sanar as conhecidas “notas abaixo da média” e deixando de lado os alunos que, pelos mais diversos motivos, deixam o cenário escolar.

Quanto ao acompanhamento do rendimento da escola, perguntamos ao gestor e a pedagoga em que momento eles o fazem, se os professores são avisados acerca dos resultados e como é feita essa informação. Tanto o gestor quanto a pedagoga responderam que o acompanhamento é feito bimestralmente, por meio da verificação das notas lançadas no Diário Digital, observando o resultado de cada disciplina/professor, em reunião pedagógica, onde todos os professores participam para juntos, analisarem os resultados, ao mesmo tempo em que discutem as propostas de intervenção pedagógica, com o objetivo de melhorar os resultados das disciplinas que apresentarem baixo rendimento. Conforme esclarecido pela pedagoga, em sua resposta:

O rendimento escolar é bimestral, por regra da própria SEDUC, então o acompanhamento, o levantamento de dados, análise, fecha de acordo com o fechamento do bimestre. Porém, para que se tenha obtenção de resultados satisfatórios, o acompanhamento deve ser contínuo, um trabalho integrado entre professor, pedagogo e gestor. O gestor deve cobrar direto do professor, que por sua vez, quando detectar o problema de nota e de infrequência do aluno, deve repassar para a equipe gestora, para que as providências sejam tomadas. Após o fechamento do bimestre temos acesso a dados

estatísticos do rendimento, os quais migram do DD para o SIGEAM/WEB, de onde podemos também, analisar o resultado de cada o componente curricular, e identificar o que apresentou maior número de reprovação, e acompanhar também a frequência dos alunos; partindo daí, o pedagogo e o gestor fazem as intervenções junto ao professor, para melhorar o rendimento para o bimestre seguinte (PEDAGOGA, Entrevista realizada em 31/08/17).

Observamos que a pedagoga relata, mais uma vez, a necessidade de os professores fazerem os lançamentos. Dessa maneira, ela e o gestor têm condições de identificar, em tempo hábil, os alunos infrequentes e com baixo rendimento, e já iniciar as intervenções pedagógicas junto aos professores. Como a equipe gestora só teria acesso aos dados ao final do bimestre, seria interessante que a escola organizasse um documento mensal, onde gestor e pedagoga tivessem acesso às ausências dos alunos, o que proporemos no PAE.

Buscando conhecer as principais causas do abandono escolar e das possíveis ações a serem elaboradas no PAE, perguntamos ao gestor e a pedagoga, com base nos resultados dos últimos três anos (nos quais a escola tem apresentado elevadas taxas de abandono, mas, a cada ano, observa-se que essas taxas vêm sofrendo redução) quais foram, na opinião deles, as ações desenvolvidas pela escola para que isso acontecesse. O gestor, por estar há pouco tempo na gestão, não soube responder, uma vez que ainda não teve tempo para analisar os resultados dos anos anteriores. A pedagoga, por sua vez, nos relatou:

O abandono escolar ele está vinculado a questões sociais, isso é fato, o papel da escola frente a esse fenômeno, é de convencimento, ou seja, convencer o aluno e sua família, fazendo-os entender da necessidade do retorno e permanência na escola, essa tarefa é árdua. Apesar das ações de prevenção, palestras, grupos relacionados a essa questão do abandono, fazemos todo um trabalho de base mesmo, pra tentar fazer com que esse aluno permaneça na escola, mas como já foi dito, a questão do abandono escolar está mesmo ligada a questões sociais, o que foge da competência da escola em intervir, a escola não tem esse alcance (PEDAGOGA, Entrevista realizada em 31/08/17).

A resposta da pedagoga demonstra que a mesma atribui as várias situações sociais que ocorrem com os alunos em ambientes extraescolares como fatores predominantes para o abandono escolar. De certa forma, esse pensamento exige a escola de responsabilidades sobre a problemática, o que sabemos que não deve ocorrer, pois mesmo que o aluno tenha questões familiares ou sociais que o

distanciem do ambiente escolar, é dever da instituição de ensino buscá-lo, motivá-lo e criar condições para sua permanência na escola.

Borja e Martins (2014, p. 95) elucidam:

A escola precisa ser capaz de prevenir situações que levam à exclusão ou à segregação dos alunos, sobretudo dos que são provenientes de meios sociais problemáticos. Esses, na maioria dos casos, já manifestam desinteresse, mau comportamento e agressividade. Tais comportamentos e atitudes levam-nos ao insucesso escolar e, conseqüentemente, muitas vezes, à evasão. Em acréscimo, são de assinalar fatores vinculados às motivações, às heranças genéticas e aos conhecimentos prévios dos alunos. Há ainda fatores sociais e culturais, que se intensificam em comunidades socialmente desfavorecidas.

Nesse cerne, percebemos que, conforme as autoras mencionam, a escola deve tomar para si a responsabilidade de analisar seus alunos, verificando como inseri-los em seu ambiente, de forma que se sintam bem recebidos e integrados à comunidade escolar. Uma simples nota abaixo da média pode demonstrar desinteresse pela disciplina que, futuramente, poderia culminar em um abandono e posterior evasão. A pedagoga menciona que são realizadas palestras e criação de grupos relacionados ao abandono como formas de prevenir a problemática.

O grande problema destas ações que a pedagoga julga como preventivas é que elas não atingem o aluno enquanto sujeito, enquanto indivíduo social, em suas situações de conflito que o atrapalham a frequentar a escola. Palestras são genéricas, atingem plateias, que muitas vezes estão distraídas pensando em suas questões pessoais.

Para compreendermos o que leva um aluno a abandonar os estudos, principalmente no ensino médio, quando esse estudante já é dotado de capacidade crítica e de reflexão, precisamos compreender a cada aluno, conversando com ele e questionando-o sobre suas limitações e dificuldades em frequentar a escola, precisamos ver em algumas notas abaixo da média uma futura possibilidade de evasão “de fato existe uma relação positiva e significativa entre notas acima da média e permanência na escola. Quanto menores as notas do aluno, aumenta sua probabilidade de abandonar os estudos” (CASTELAR, 2012, p. 07).

A pedagoga relata ainda que as ações por ela desenvolvidas se limitam a conversas com os alunos e seus familiares, porém, muitas das situações não podem

ser resolvidas, porque a escola não tem o alcance da solução desses fatores. Nessa perspectiva, Batista *et al* (2009, p. 04) enfatiza que o abandono é multicausal:

O abandono à escola é composto então pela conjugação de várias dimensões que interagem e se conflitam no interior dessa problemática. Dimensões estas de ordem política, econômica, cultural e de caráter social. Dessa maneira, o abandono escolar não pode ser compreendido, analisado de forma isolada.

Para verificar se a equipe gestora da escola tinha conhecimento da realidade da instituição, no que se refere aos alunos que abandonaram a escola em 2016, perguntamos aos entrevistados se eles sabem quantos alunos deixaram de frequentar a escola em 2016; ao gestor foi perguntado também, se ele sabe qual a ferramenta, disponibilizada pela SEDUC, para conseguir essa informação.

A primeira pergunta, ambos tiveram dificuldades em responder com exatidão. O gestor respondeu que seria aproximadamente 6,7%, não sabendo responder a quantos alunos corresponderia essa porcentagem; e a pedagoga respondeu em números que seria em torno de 70 alunos, porém, enfatiza ser esse o quantitativo médio de alunos que abandonam a escola por ano. Quanto a resposta à outra pergunta feita ao gestor, o mesmo respondeu que a ferramenta é o SIGEAM/WEB, porém ainda não teve tempo de consultar os dados de rendimento da escola:

Em quantitativo não tenho essa informação, mas em percentual sei que foi em torno de 6,7% de alunos que deixaram de frequentar a escola no ano de 2016, não sei quanto isso representa no quantitativo.

Sim, por meio do SIGEAM/WEB a gente consegue visualizar a quantidade de alunos que deixaram de frequentar, o rendimento anual, ainda não parei para ver essas questões (GESTOR ESCOLAR, Entrevista realizada em 28/08/17).

Acredito que entorno de 70 alunos, pode até ser um pouquinho mais, mas a média é mais ou menos isso (PEDAGOGA, Entrevista realizada em 31/08/17).

Sabemos que para se fazer um trabalho de prevenção e até mesmo projeção da problemática do abandono e evasão, para o ano seguinte, devemos conhecer os dados do ano anterior, para que possamos compreender e mensurar o tamanho do problema que devemos nos planejar para resolver. Borja e Martins (2014, p. 100) pontuam que “para colmatar as possíveis causas da evasão escolar, é preciso melhorar as condições socioeconômicas, culturais e geográficas, através da elaboração de projetos de longo prazo”. Ora, se precisamos estruturar ações com

antecedência para tentarmos resolver essa questão, estudar os números dos anos anteriores seria uma ação primordial.

Com base na pergunta anterior, perguntei ao gestor e à pedagoga se eles sabem quantos alunos, dos que abandonaram a escola no ano de 2016, retornaram em 2017. Ambos tentaram responder, porém, conforme suas respostas desconhecem essa informação:

Efetivamente, precisamente, não sei dizer se voltaram ou não, mas, tendo como experiência, acredito que alguns deles sim, podem estar aqui conosco ainda esse ano (GESTOR ESCOLAR, Entrevista realizada em 28/08/17).

Aproximadamente 10% desse quantitativo que abandonou, não tenho certeza, teria que fazer uma consulta para confirmar, mas poucos retornaram (PEDAGOGA, Entrevista realizada em 31/08/17).

Com o intuito de nos aprofundarmos quanto ao conhecimento das causas que levaram os alunos a abandonarem a escola, perguntamos aos entrevistados quais os motivos que levam os alunos a deixarem de frequentar a escola e os mesmos responderam de forma diferente. O gestor enfatizou como fator interno, a proposta curricular do ensino médio, como sendo muito sobrecarregada de conteúdo, e que deixa de atrair a atenção dos alunos, considera que os fatores externos exercem influência sobre a decisão do aluno em abandonar e chama atenção para o descumprimento da obrigação dos pais e responsáveis em acompanhar a vida escolar do aluno, porém, acredita que os fatores internos se sobressaem aos externos.

Soares *et al* (2015, p. 771) menciona que existe “a necessidade de um currículo mais inovador, autêntico e intelectualmente estimulante para os alunos em situação de risco de abandono”. O pensamento dos autores está consonante com o que pensa o gestor a respeito do currículo. Principalmente no ensino médio, onde os alunos possuem várias distrações, inclusive cibernéticas, que os distanciam do foco nos estudos, se torna necessária essa mudança curricular. Hoje temos o prenúncio do que pode vir a ser o currículo, com a Reforma do Ensino Médio.

A pedagoga elencou outros motivos, destacando as seguintes situações: alunas que ficam grávidas e depois que têm o bebê não conseguem, muitas delas, retornar, porque não têm com quem deixar os filhos; alunos com necessidades educacionais especiais; alunos que seguem para o serviço militar; casos de alunos que realizam mudança de domicílio e depois não conseguem vaga em uma escola

próximo de suas casas; alunos com transtornos psicológicos e de aprendizagem; alunos envolvidos e/ou usuários de drogas; e, por último, alunos que estão sob medida judicial, respondendo por algum ato infracional que cometeram: “o mundo da criminalidade, infelizmente, também absorve muitos desses jovens, seja pelo envolvimento com drogas ou outras atividades ilícitas” (CASTELAR, 2012, p. 19). Dessa maneira, observamos que a pedagoga procurou atribuir aos diversos fatores em que os alunos são vítimas, como fatores em decorrência dos quais eles decidem abandonar a escola. Conforme podemos verificar em suas respostas:

Acredito que o currículo hoje é pesado, não tem um atrativo para o aluno, o que causa a falta de interesse; muitas das vezes, o aluno desiste porque está saturado. Os fatores externos, como a falta de uma estrutura familiar; a escola não tem como ir até casa do aluno, se a escola tivesse como fazer esse controle na casa do aluno, com certeza ia constatar uma realidade muito dura, o que leva muitos deles a desistirem por falta de estrutura familiar, sem apoio do pai, da mãe, total desinteresse da família, descumprindo uma determinação da lei contida no Estatuto da Criança e do Adolescente (GESTOR ESCOLAR, Entrevista realizada em 28/08/17).

Vários são os motivos: primeiro a maternidade, a aluna quando entra de licença maternidade, mesmo tendo amparo legal (que possibilita ser assistida com atividades domiciliares), quando termina a licença, não retornam para a escola por não terem com quem deixar seu bebê; outro motivo é o serviço militar, também amparado por lei, porém, o aluno que começa a prestar serviço, passa a ter uma rotina exaustiva, que não lhe possibilita conciliar com os estudos; há ainda os motivos de: mudança de domicílio, problemas financeiros, problemas de saúde, alunos com necessidades especiais, consumo de drogas ilícitas (esse tem sido um problema que está se alastrando cada vez mais, e a escola não é preparada pra lidar com essa situação, por ser um ambiente de educação, preparado para trabalhar o aprendizado do aluno e não o controle de traficantes ou dos consumidores), a maneira que encontramos de manter esses alunos na escola é buscando ajuda do Conselho Tutelar, da Polícia Militar, com intuito de segurar esses alunos e não perdê-los para as drogas; e por último é quando o aluno está sob medida judicial, estando sob custódia do Estado, dependendo da pena, ele deixa de ir para a escola e fica um mês ou mais, e quando é solto não retorna (PEDAGOGA, Entrevista realizada em 31/08/17).

Com o intuito de saber quais as possíveis alternativas que os entrevistados têm para minimizar o problema do abandono na escola pesquisada, perguntamos o que a escola pode fazer para ajudar a gestão no combate ao abandono escolar. Em suas respostas, chamam a atenção para o trabalho coletivo, envolvendo todos os membros que fazem parte da escola:

Um trabalho conjunto: professores, pedagogia, tentando aplicar novas metodologias dentro de sala de aula, atividades que façam com que o aluno se sinta bem dentro da escola, diminuindo um pouco, talvez, dentro das limitações que a escola tem essa questão do conteúdo, tentando trabalhar de forma lúdica, usando os laboratórios de ciências, de informática, usando um recurso de vídeo, saindo daquela questão: o professor fala o aluno escuta (GESTOR ESCOLAR, Entrevista realizada em 28/08/17).

A gestão de uma escola é a composição de todos os segmentos da comunidade escolar, portanto, as ações são conjuntas, desde o vigia ou porteiro, até o gestor que é a pessoa que gerencia a escola. Sendo, portanto, as ações de controle coletivas em prol da permanência do aluno. Penso, também, que nós, enquanto escola, temos que oferecer um ambiente acolhedor, de modo que possa conquistar o interesse do aluno em querer ficar e fazer parte desse grupo social. Tentamos de todas as formas, junto aos professores com a inovação das atividades pedagógicas, nos programas que a própria secretaria solicita (temos o programa federal PROEMI) dentre outros projetos, por meio do esporte que é uma atividade muito atrativa, fazer com que o aluno se sinta bem, tenha gosto pela escola e vontade de estar e permanecer nela, participando das atividades, dessa forma a gente evita o abandono escolar (PEDAGOGA, Entrevista realizada em 31/08/17).

Diante da resposta do gestor da escola, podemos ver que este acredita em metodologias diferenciadas, usando o lúdico e os laboratórios de ciências e informática, além de vídeos, como recursos que estimulam o aluno a permanecer motivado na instituição em que estuda. Soares et al (2015, p. 770) elucidam esse cenário:

É preciso haver programas e projetos específicos que aumentem o interesse e a motivação desses jovens em situação de risco e, consequentemente, a participação nas atividades acadêmicas e sociais da escola ainda nas classes iniciais, antes que essa situação de risco se torne irremediável. Diversos autores tendem a concordar que o abandono é um processo que começa ainda no primeiro ano escolar.

Conforme o pensamento dos autores, vemos que se a escola não buscar ações que visem a motivação constante dos alunos, aqueles que por algum motivo tiverem uma tendência ao abandono, estarão mais suscetíveis a realizar essa prática. Isso ocorre devido ao esquecimento da escola de que estimular seu aluno a participar das aulas diariamente, consiste em prática de prevenção ao abandono.

[...] a escola necessita inovar e adotar como subsídio à proposta pedagógica e curricular, a troca múltipla de experiências num processo criativo e isso, por conseguinte, poderá nortear as experiências por meio mútuo dos conhecimentos compartilhados. Nesse sentido, acompanhar o aluno em todo o seu aprendizado, enquanto sujeito individual e social ainda constitui uma prática válida no sistema educacional (BATISTA, SOUZA, OLIVEIRA, 2009, p. 02).

Apesar de não ser uma prática explícita, esse estímulo constante evita que o aluno se sobrecarregue de apatia e desinteresse que podem culminar, no decurso do ensino médio, no abandono, ou até mesmo na evasão. Isso ocorre por haver intrínseca “relação entre fracasso escolar com currículo inadequado na escola, recursos materiais e humanos insuficientes, métodos de ensino inapropriados e o fato dos estudantes passarem pouco tempo na escola” (CASTELAR, 2012, p. 05). Nesse ínterim, conforme os autores, percebemos que a escola precisa estar consciente de suas ações e dos métodos que tem utilizado para criar mecanismos de prevenção ao abandono.

A pedagoga cita uma série de outros motivos que levam os alunos à evasão ou abandono. Como ações visando prevenir essa problemática, ela cita a união da equipe administrativa e pedagógica da escola, no sentido de uns avisarem aos outros, caso o aluno se ausente das aulas. Essa é uma postura relevante, pois precisamos observar os alunos individualmente, só assim entenderemos em que sentido a escola está deixando a desejar para ele, no sentido de fazê-lo ter prazer em estudar e frequentar as aulas.

Nossa última pergunta teve como objetivo analisar as ações da Coordenadoria Distrital de Educação 03 no enfrentamento da problemática. Com esse foco, perguntamos aos entrevistados quais as ações são desenvolvidas pela CDE-03 para ajudar a escola no combate ao abandono escolar. Perguntei ainda ao gestor se ele conseguiu identificar se este ano já houve abandono e, conforme descrito anteriormente, o mesmo respondeu que sim, relatando que em virtude da transição da gestão e da ausência da pedagoga, não tem como fazer o acompanhamento dos alunos que estão com muitas faltas, conforme podemos observar em sua resposta:

Nesses quatro meses que estou aqui, já tive o contato com a coordenadora do abandono escolar da Coordenadoria, ela veio conversar comigo para repassar os informes sobre a questão do abandono e da evasão, a legislação que compete essa área, mas

efetivamente ainda não houve um trabalho direto com a escola, o que houve foi uma conversa sobre como deveríamos tratar o assunto e o momento de agir, mas acredito que talvez pela sobrecarga e por outras escolas terem um índice de abandono muito mais elevado do que nossa escola teve nos últimos anos, tenha deixado a Coordenadoria tranquila com relação ao abandono em nossa escola; acabaram, talvez, indo buscar fazer esse trabalho em outras escolas que precisassem mais, mas a Coordenadoria sempre que possível está presente nessas ações sim.

Sim, houve, e provavelmente o índice de abandono escolar deve aumentar, a escola passa por uma fase de transição, onde nesse momento estamos sem o auxílio da pedagoga, que está de licença, implicando na falta de controle quanto a frequência dos alunos, tornando uma dificuldade tamanha da gestão da escola, pois demanda tempo para identificar e trabalhar com esses alunos, procurar saber no mínimo o motivo da ausência deles na escola. Isso demanda pessoas na pedagogia, que possam tirar um momento para focar nesse trabalho, que é cauteloso (GESTOR ESCOLAR, Entrevista realizada em 28/08/17).

A SEDUC criou uma equipe multiprofissional distrital, composta por pedagoga, psicóloga e assistente social, integrada ao Conselho Tutelar, para dar suporte às escolas, tanto na prevenção quanto no controle do abandono escolar; essa equipe tem que medir esforços, juntamente com os segmentos da escola, com os pais e responsáveis pelos alunos, para que possamos conseguir fazer o trabalho preventivo; quando já passou dessa linha da prevenção, quando já está no patamar do resgate, ou seja, o aluno já está fora da escola, entraria o acompanhamento desses profissionais, dessa equipe multiprofissional e do Conselho Tutelar para fazer a visita domiciliar, para saber o que está acontecendo, já que a escola fez todas as tentativas pra trazer de volta esse aluno e não está conseguindo. Porém, devido à demanda, são muitas escolas, o apoio dessa equipe não está chegando à escola, não estamos tendo apoio como deveríamos ter, estamos trabalhando muito só. Este projeto é interessante, inovador, nós não tínhamos assistente social na equipe, a SEDUC providenciou, penso que poderá apresentar bons resultados, mas, para isso, devem se organizar com cronograma de atendimento mais frequente, contribuir com ações planejadas que englobam palestras em parceria com a Polícia Militar, Ministério Público, sendo, dessa forma, é possível prevenir e resgatar os alunos (PEDAGOGA, Entrevista realizada em 28/08/17).

Por meio das respostas, tanto do gestor quanto da pedagoga, analisamos que que por ser uma equipe reduzida nas Coordenadorias Distritais de Educação, o trabalho de prevenção e combate ao abandono escolar não é realizado como deveria. Ambos consideram ainda que falta mais empenho da equipe responsável pelo acompanhamento do abandono escolar, principalmente quanto à prevenção, a qual deveria ser feita por meio de palestras em parceria com o Conselho Tutelar, Polícia Militar, Ministério Público e outros órgãos competentes. E quanto às ações de

resgate aos alunos que já deixaram de frequentar, observamos na fala da pedagoga que não houve nenhuma ação.

Nesse cenário, o acesso, sobretudo a permanência dos estudantes nas escolas a fim concluírem seus estudos, não vem sendo alvo de políticas públicas efetivas do Estado. Nessa perspectiva, o Estado tem se mostrado incapaz de promover mudanças verticais na sua estrutura (BATISTA, SOUZA, OLIVEIRA, 2009, p. 02).

O contexto apresentado pelo gestor e pela pedagoga, onde as Coordenadorias de Educação não possuem estrutura de pessoal para promover ações eficazes e de prevenção ao abandono e à evasão, corrobora o que dizem os autores supracitados, pois o Estado vem delegando e cobrando cada vez mais responsabilidade das instituições escolares, mas a contrapartida que ele oferece não permite à escola se prover dos meios necessários para desenvolver suas competências e responsabilidades. No que tange ao abandono, isso ocorre de forma ainda mais latente, visto que obtermos, em nossa Coordenadoria, um coordenador de abandono que é responsável por 38 escolas das zonas Centro-Oeste e Centro-Sul de Manaus, consiste em um número inexpressivo e ineficaz.

Dando continuidade à análise das entrevistas e, conforme informado anteriormente, o roteiro de entrevista dos professores foi o mesmo para todos os docentes. Dessa maneira, fizemos a análise das respostas seguindo a ordem das perguntas, mesmo que durante a pesquisa, em alguns momentos, precisássemos modificar esta ordem. Ressaltamos, porém, que não houve alteração no formato das perguntas.

Entrevistamos quatro professores de Língua Portuguesa, sendo três do sexo feminino e um do sexo masculino. Como forma de resguardamos a identidade dos entrevistados, decidimos identificá-los pela função, sendo que por se tratar de três professoras, denominamos: Professora 1; Professora 2 e Professora 3.

Informamos que as entrevistas foram realizadas de forma direta, também na escola, em dois dias, para podermos aproveitar o horário de trabalho pedagógico (HTP), respeitando, dessa forma, o horário de trabalho de cada professor, e a individualidade de cada um em suas respostas.

Iniciamos a entrevista perguntando há quanto tempo os professores trabalham na escola e tabulamos as respostas na Tabela 10.

Tabela 10 – Tempo em que os professores entrevistados trabalham na escola.

Professores	Tempo de trabalho na escola
Professora 1	5 anos
Professora 2	5 anos
Professora 3	4 anos
Professor	3 anos

Fonte: Elaborado com base na Entrevista realizada com os professores.

Com base nas respostas, verificamos que os todos os professores já possuem mais de dois anos na escola, ou seja, estiveram presentes no período em que a escola apresentou altos índices de abandono escolar, o que consideramos relevante para a pesquisa, no que diz respeito, principalmente, ao conhecimento das causas do abandono.

Com o intuito de sabermos a respeito da funcionalidade da ferramenta Diário Digital, na opinião dos professores, perguntamos aos entrevistados quais foram às melhorias que aconteceram com a sua implantação, e obtivemos as seguintes respostas:

O DD é uma ideia boa com uma execução complicada, primeiro porque é desenvolvido por pessoas que não trabalham na área da educação, é desenvolvido pelo pessoal da área de informática, então, são realidades que eles desconhecem, mas ele vem melhorando com o tempo, porque a gente armazena na nuvem quantidades significativas de informações.

O DD mesmo sendo, tecnicamente, uma coisa muito boa, o problema é que não temos condições de desenvolvê-lo plenamente, não temos internet para alimentar continuamente, fazer a frequência diariamente, eu preciso ter uma planilha de papel para preencher esse diário depois. Então, por mais que a intenção seja boa, as condições não são (PROFESSORA 1, Entrevista realizada em 29/08/17).

O DD é uma excelente ideia, porém precisam melhorar muitas coisas, por exemplo: a internet, nem sempre está disponível na escola. Vou dar um exemplo, meu HTP na terça-feira, em muitos dias simplesmente não havia internet na escola ou o diário não estava funcionando, então eu não tive como alimentar o sistema colocar os dados de frequência, nota, isso daí enrijece um pouco nosso trabalho. Outro ponto negativo: ele é muito cheio de links, ele tinha que ser mais resumido, mais prático, por exemplo: tabela de frequência, lá ele te dá por dia, poderia haver uma planilha com todos os dias do mês e a gente ia preenchendo que ficava mais prático; a nota também você tem que ir para muitos caminhos para

fazer o lançamento de uma nota, e tudo isso daí é desperdício de tempo é uma ideia muito boa, mas precisa ser mais eficaz (PROFESSORA 2, Entrevista realizada em 29/08/17).

Ponto positivo é o acesso sem precisar ficar perguntando se o aluno saiu ou não saiu, a gente tem acesso ao nome, a entrada e saída do aluno; os pontos negativos é a questão do suporte de internet para que funcione a contento (PROFESSORA 3, Entrevista realizada em 29/08/17).

A implantação do DD resultou na velocidade das informações, na praticidade de levar essas informações, sobretudo com relação a frequência do aluno, com relação ao rendimento do aluno, hoje nós estamos trabalhando de maneira online direto com a SEDUC, com sistema gerencial, então acredito que foi muito promissor (PROFESSOR, Entrevista realizada em 28/08/17).

Cada um apresentou uma resposta que representa seu ponto de vista, porém, as Professoras, além de pontuar as melhorias trazidas pela ferramenta, apontaram também pontos negativos relevantes, os quais prejudicam o pleno funcionamento do Diário Digital. Conforme descrito em suas respostas, há fatores-problema, como a falta de uma internet de qualidade, baixo número de computadores, dificuldades de acesso, problemas quanto à configuração da plataforma. De acordo com a Professora 2, há muitos links para o preenchimento de frequência e para o lançamento de notas, o que acaba ocupando muito o tempo do professor; enfatizamos o relato da Professora 1 de que o Diário Digital foi construído por pessoas que trabalham somente com informática e desconhecem a rotina pedagógica em sala de aula, tornando a ferramenta muito técnica e menos didática.

Perguntamos aos entrevistados em que momento eles realizam o preenchimento do Diário Digital. As Professoras responderam que fazem o preenchimento no horário de trabalho pedagógico (HTP), ou seja, apenas uma vez na semana, e que as anotações quanto à frequência dos alunos são feitas em uma folha avulsa, ou no diário impresso do SIGEAM, que elas chamam de “folhinha”; já o professor disse que faz no seu horário de aula, no início ou no final da aula.

Quanto à verificação da frequência dos alunos, perguntamos aos entrevistados como é feito esse acompanhamento e se é possível fazer o levantamento dos alunos infrequentes e informar à pedagoga ou ao gestor. As Professoras responderam de forma muito parecida, pois, mesmo que não façam o preenchimento do Diário Digital diariamente, elas têm a preocupação de verificar

quando o aluno começa a faltar muito às aulas e repassam logo a informação à pedagoga ou ao gestor.

O professor respondeu que faz seu acompanhamento pelo mapa do Diário Digital e quando constata que algum aluno está faltando muito, informa logo ao gestor, para que sejam tomadas todas as medidas cabíveis. Ele considera que o Diário Digital é uma ferramenta muito prática para obter essa informação e que, independentemente de o professor repassar ou não as informações acerca da frequência dos alunos, é solicitado pela gestão, periodicamente, esse acompanhamento, conforme podemos observar em suas respostas:

É possível, porque ainda que eu não consiga fazer no digital eu tenho a minha planilha para fazer a frequência diariamente, então a gente verifica os alunos que estão sumindo, que estão saindo da escola, mas ainda assim a gente consegue ter um controle para poder passar para a gestão e notificar que este ou aquele aluno estão parando de frequentar, sinalizando que tem algo de errado com o aluno que não está mais frequentando (PROFESSORA 1, Entrevista realizada em 29/08/17).

Tenho controle na folhinha, que tem como a gente ver e ter uma ideia de quantas faltas o menino tem e o DD também, depois de alimentado, você tem como ver a situação do aluno em porcentagem tanto a frequência como a infrequência (PROFESSORA 2, Entrevista realizada em 29/08/17).

Sim, o diário ele é diário, então o acompanhamento deve ser feito em sala de aula, como já é feito, e depois constatado semana a semana a frequência do aluno e comunicando, quando o aluno é ausente, ou inexistente, o mais rápido possível (PROFESSORA 3, Entrevista realizada em 29/08/17).

Através dos mapas do DD nos oferece nós podemos obter todas as informações, fica bem mais prático de nós identificarmos aqueles alunos que são infrequentes, portanto ter uma maior rapidez e uma maior praticidade nessa informação. Periodicamente é solicitado aos professores que eles possam listar aqueles alunos que estão com um número excessivo de faltas, e que estão realmente infrequentes para que a escola possa tomar as providências cabíveis (PROFESSOR, Entrevista realizada em 28/08/17).

Procurando compreender melhor a utilização do Diário Digital, perguntamos aos entrevistados como é feito esse preenchimento dessa ferramenta. Conforme respostas, constatamos que o Diário Digital só pode ser preenchido online, ou seja, não tem como fazer seu preenchimento sem internet. Outro ponto relatado pelos professores trata da sequência na qual o sistema deve ser preenchido, devendo-se

primeiramente realizar a frequência dos alunos, para depois lançar os conteúdos e outras ações.

Os docentes enfatizam que quando não conseguem lançar a frequência, o restante dos lançamentos fica comprometido. O Relato da Professora 1, referente à dificuldade de lançar a frequência, acontece quando o professor troca de tempo com outro professor, e essa mudança não é alterada no sistema, ambos os professores não terão acesso ao tempo de aula na plataforma, e essa correção deve ser feita pela secretaria da escola ou pelo gestor.

Ele é totalmente online, a gente tem que cadastrar primeiro as frequências para depois cadastrar os conteúdos, porque se não tiver a frequência, não temos como lançar conteúdos, são elementos interdependentes; às vezes quando falha a frequência não tem como lançar, por exemplo: uma colega estava tentando lançar frequência de um dia que ela tinha aula e o diário simplesmente recusava (PROFESSORA 1, Entrevista realizada em 29/08/17).

O preenchimento é feito primeiramente numa folha de controle, por que não há condições de eu levar em todas as aulas o meu computador ou o tablet, porque se perde muito tempo para acessar, para encontrar a internet, é complicado para fazer tudo isso, é meia hora do tempo que a gente perde em sala de aula; então, faço impressão das folhas de controle através do SIGEAM, vou preenchendo a mão e depois repasso para o DD (PROFESSORA 2, Entrevista realizada em 29/08/17).

Utilizo as folhas de papel físico, onde faço o preenchimento da frequência para poder passar para o diário digital no dia da minha HTP (PROFESSORA 3, Entrevista realizada em 29/08/17).

Ele é feito no computador na plataforma online, e nós utilizamos o notebook; infelizmente nós não temos ainda, a possibilidade de atuar de forma off-line; porque muitas vezes temos um problema muito sério com internet, o sinal de internet é muito difícil aqui na nossa região e isso atrasa nosso trabalho. Acredito que se fosse off-line poderíamos estar registrando e, depois, só transmitir as informações, ações, periodicamente ou até semanalmente, fora do horário de aula (PROFESSOR, Entrevista realizada em 28/08/17).

Diante das respostas dos docentes, vemos que eles têm interesse de atualizar a plataforma do Diário Digital, mas esbarram em entraves de conectividade, inclusive sugerindo que o sistema funcione off-line para melhorar a frequência dos lançamentos. Afinal, se os professores não dependerem de sinal de internet, poderão alimentar o sistema realmente em todos os dias letivos.

Procuramos compreender, na visão dos entrevistados, qual a diferença entre abandono e evasão escolar e, conforme suas respostas, constatamos que as Professoras 1 e 2 não souberam responder; já a Professora 3 respondeu conforme seu entendimento, demonstrando que sabe a diferença entre os dois conceitos pois, mesmo que sejam situações parecidas, soube definir a diferença entre elas; e o Professor também tentou responder na forma como entende, mesmo não vendo diferença entre os conceitos, considera que há fatores que causam ambas as situações.

Não faço a menor ideia, francamente sempre ouvi muito mais a relação do abandono escolar até pela escola onde eu trabalho a gente tem esse termo muito recorrente, mas evasão escolar eu acho que nunca ouvi uma diferença concreta entre os dois (PROFESSORA 1, Entrevista realizada em 29/08/17).

Eu não sei (PROFESSORA 2, Entrevista realizada em 29/08/17).

A nomenclatura é parecida, a evasão é quando o aluno deixa de frequentar e não se matricula em nenhuma outra escola; e o abandono é quando ele passa vários anos sem frequentar escola e retorna (PROFESSORA 3, Entrevista realizada em 29/08/17).

Não vejo diferença entre as duas palavras, acredito que a evasão e o abandono vão culminar no mesmo sentido; o aluno evadido no meu entendimento, ele pode ser o aluno que abandonou a escola, agora é certo que existe muitas situações que levam acontecer exatamente a evasão ou abandono escolar (PROFESSOR, Entrevista realizada em 28/08/17).

Diante das respostas dos docentes, sabemos que a situação da escola é preocupante, visto que qualquer professor deveria ter tido acesso a formações continuadas, palestras, ou mesmo reuniões que tratassem da problemática desta pesquisa, visto que somente conhecendo o problema, poderemos trabalhar no sentido de resolvê-lo.

Quando o corpo docente não é qualificado técnica e politicamente, geralmente isso afeta os alunos, de forma que estes se desestimulam a continuarem na escola. Assim, o investimento em infraestrutura e qualificação do corpo docente também é importante para a diminuição da evasão e do abandono escolar (CASTELAR, 2012, p. 09).

Vemos, diante da explanação dos autores, que os professores precisam estar capacitados tanto no sentido pedagógico, quanto nos aspectos que permeiam a

educação, como a política. Somente detendo esses conhecimentos, os docentes compreenderão que a questão aqui discutida é um problema da escola, mas também demanda políticas públicas que os apoiem, além dos pedagogos, gestores e demais servidores das instituições de ensino.

Os profissionais da educação precisam cobrar que o Estado demande subsídios e mão de obra especializada para que a escola possa realizar um panorama do abandono e da evasão, criando mecanismos (de prevenção, projetos, ações, de combate) que propiciem a resolução, se não total, mas ao menos garantindo que grande parte dos alunos possa estar frequentando a sala de aula.

Procurando conhecer o posicionamento dos professores a respeito da possibilidade de retorno do aluno que deixou de frequentar durante o período letivo, perguntamos aos entrevistados quais as dificuldades eles encontram ao lidar com o aluno que abandona e depois retorna à escola. Em suas respostas, constatamos que os professores não aceitam o retorno do aluno, pois consideram que uma vez que o aluno abandona a escola e retorna depois, não conseguirá acompanhar os conteúdos e, conseqüentemente, não poderá recuperar as notas perdidas.

É uma bagunça, porque os alunos infrequentes perdem os conteúdos, apesar de eles pensarem somente na questão da presença, ignoram o fato do conteúdo que eles perdem, então quando voltam já perderam o fio da meada, perdem a continuidade do assunto, chegam menos preparados para fazer as avaliações, acabam criando um vácuo em termos de nota e isso acaba afetando o nosso rendimento geral. Se não assistem aula logo não houve aquisição de conteúdos suficientes para desenvolver uma boa avaliação. Esses alunos são um pesinho que puxa a gente para baixo, porque não acrescentam, não representam o funcionamento da escola, na verdade são somente criaturas que passam e tiram notas baixas (PROFESSORA 1, Entrevista realizada em 29/08/17).

A dificuldade é porque às vezes o aluno falta dois ou três meses, ele simplesmente retorna à escola sem dar nenhuma justificativa do por que das faltas, isso prejudica o aprendizado dele, porque perdeu o conteúdo, perdeu avaliação e, como temos prazos para as coisas, não temos como retornar para dar uma aula particular para ele, passar todo conteúdo e refazer as avaliações, não tem como fazer isso, fica muito complicado (PROFESSORA 2, Entrevista realizada em 29/08/17).

Quando o aluno abandona, ele tem algum motivo específico, seja econômico ou geográfico, de mudança de escola, e quando ele volta não consegue acompanhar os demais colegas, ele se sente retraído, e depois não consegue boas notas e isso o leva de novamente a abandonar a escola (PROFESSORA 3, Entrevista realizada em 29/08/17).

A dificuldade que encontramos com esse alunado, é exatamente porque os conteúdos ficam de certa forma, intermitente. Então, o aluno vai, some e volta, e o aprendizado fica realmente prejudicado. Ele acaba ficando confuso, o rendimento cai bastante, é realmente um problema muito sério que temos hoje na escola pública do nosso país. Não podemos deixar também de vislumbrar as questões sociais que influenciam na infrequência do aluno, no abandono e na evasão; no final das contas o aluno que perde. Sabemos que os conteúdos são sequenciais, se o aluno perde as aulas, por exemplo, de língua portuguesa, perde os estudos de Literatura, causa um grande prejuízo, porque trabalhamos com ensino médio, sobretudo nos 3º anos, os alunos que vão participar do ENEM, do SIS, do PSC, e etc, ficam prejudicados com relação à disciplina por conta disso (PROFESSOR, Entrevista realizada em 28/08/17).

Analizamos, nestas respostas, que não há uma preocupação unânime quanto ao sucesso escolar do aluno, pois todos alegaram a inviabilidade de rever os conteúdos, ou fazer um plano de intervenção para que estes alunos voltem e permaneçam; mesmo considerando que em muitos casos houve fatores alheios à vontade do aluno para que ele deixasse de frequentar a escola.

Os discursos dos docentes e discentes refletem o descompasso entre a forma como a escola percebe alguns dos motivos que conduzem à evasão e aqueles pontuados por seus discentes. O discurso e as práticas são antigas, por um lado a escola continua a não responder aos anseios dos jovens e adultos que nela estão; por outro lado, o Estado não efetiva políticas públicas que possam possibilitar a melhoria das condições de trabalho dos docentes que atuam nesse espaço educativo. Desse modo, talvez seja o momento de se buscar alternativas as quais propiciem que escola, família e o indivíduo consigam compreender as relações internas e externas que nesse espaço se estabelecem, que interferem de forma significativa no processo ensino-aprendizagem e que acabam por conduzir o abandono da escola por uma parcela jovem da população, o que, conseqüentemente, impacta na vida socioeconômica e cultural das futuras gerações (BATISTA, SOUZA, OLIVEIRA, 2009, p. 17).

O discurso dos autores demonstra que realmente não há uma sintonia entre a escola, os professores e os estudantes. Estes, ao não se sentirem acolhidos pela instituição de ensino, podem até retornar à sala de aula, mas, ao encontrarem professores como os entrevistados, que acreditam que esses alunos só irão baixar o rendimento e não irão acompanhar as atividades e avaliações, tendem a largar novamente os estudos.

Sabemos que em muitos aspectos os professores têm razão, pois não há tempo hábil para que eles resgatem, junto aos alunos que abandonaram a escola,

os conteúdos que foram apresentados. Porém, os docentes não devem e não podem se eximir da responsabilidade de acolhê-los e tentar auxiliá-los para que permaneçam na estudando. Assim como os autores mencionam, é relevante que se busque alternativas para equalizar esse descompasso entre os atores escolares, pois se o resgate do aluno que abandonou já é algo complicado de se conseguir, todos os responsáveis pelo setor pedagógico da escola devem compreender que o seu papel é fundamental para que o aluno continue frequentando e não abandone novamente, virando uma possível evasão futura.

Com base nos resultados de rendimento dos últimos três anos da escola, mesmo ela apresentando elevadas taxas de abandono escolar, a cada ano essas taxas têm sofrido redução. Foi questionado aos entrevistados, na opinião deles, quais ações foram desenvolvidas pela escola para que isso acontecesse:

Tivemos por um tempo um apoio pedagógico, exercido por uma professora, que ligava para cada um dos alunos que estavam ausentes, ou que já estavam sumidos; não sei se a secretaria desenvolve algum trabalho semelhante, francamente não tenho acesso a esse tipo de informação, mas posso dizer que em sala, a gente tenta prender esse aluno, chama atenção quanto a importância do aprendizado, conscientizando ser algo significativo; sabemos que não é só o fator escola, tem a questão familiar, social; tenho uma aluna que sumiu por uma semana e o pai dela veio me dizer que é porque ela não tinha dinheiro para passagem de ônibus, por exemplo. Então, os fatores são múltiplos. Mas, acho que enquanto professores, temos que tentar fazer a nossa parte; sei que a escola, por um tempo, tem esse acompanhamento de ligar para o aluno, tentar resgatar, mas, agora, não sei exatamente como está funcionando isso (PROFESSORA 1, Entrevista realizada em 29/08/17).

Primeiramente foi feito um levantamento desses alunos, identificamos através das frequências, (é importante o professor ter o seu diário atualizado, fazer uma frequência verdadeira, não uma frequência maquiada), a equipe gestora faz esse levantamento, verifica quais alunos têm uma determinada quantidade de faltas, e tenta entrar em contato, chama até a escola para verificar qual é o problema, verifica a possibilidade de ele continuar; e a gente tenta fazer a conscientização; já aconteceu de eu conversar com alguns alunos e perguntar o porquê das faltas? Eles explicam: às vezes é problema familiar, falta de dinheiro, não tem como vir para a escola. Tento conscientizar para que não falte, para que volte a frequentar as aulas (PROFESSORA 2, Entrevista realizada em 29/08/17).

O acompanhamento do gestor é saber se esse aluno realmente vai para outra escola, entra em contato com a outra escola para saber se ele se matriculou, e isso fez com que a escola obtivesse um índice

menor no ano anterior (PROFESSORA 3, Entrevista realizada em 29/08/17).

É um acompanhamento, que diria ser casado, em parceria da escola através dos seus professores, mas sobretudo a direção da escola junto também com órgão da SEDUC, que é, se não me falha a memória o PRAE, aquele que hoje é o GEPPAE, responsável de ir ao encontro desses alunos que estão com problema de infrequência, que estão evadidos; mas, penso que ainda está muito tímido esse trabalho, poderia ser bem mais arrojado no que tange à própria SEDUC poder assumir todas as ações e não deixar só para a escola, porque aqui na escola nós não temos condições de fazer muito, há a necessidade realmente de ampliação desse trabalho, investir mais nesse serviço que é muito importante, ir ao encontro do aluno, in loco, e ver o que está acontecendo com ele, com a família (PROFESSOR, Entrevista realizada em 28/08/17).

Ao analisarmos as respostas, constatamos que cada professor apresenta um ponto de vista que considera ter sido a ação desenvolvida para redução do abandono nos últimos três anos. A Professora 1 descreve o importante papel do apoio pedagógico, em determinado momento da ação; se refere também, ao papel da secretaria da escola, apesar de não saber o que tem sido feito, mas sabe que algo foi feito, e o papel dos professores em conscientizar esses alunos a permanecerem estudando; reconhece também que os fatores que causam o abandono são múltiplos, pois, envolvem questões familiares, sociais e financeiras. Assim como a Professora 1, os teóricos também percebem diversos motivos que levam os alunos a abandonar a escola:

[...] muito mais que procurar a quem atribuir à culpa, é preciso compreender que existem fatores exteriores que determinam na tomada de decisão dos discentes em abandonar a escola, que envolvem: as condições sociais, culturais, econômicas, históricas, que permeiam a problemática da evasão escolar (BATISTA, SOUZA, OLIVEIRA, 2009, p. 16-17).

Traçando outros fatores relevantes, a Professora 2 relata que foi feito o levantamento dos alunos faltosos, porém, enfatiza, que para desenvolver a ação é necessário que os todos os professores mantenham seu Diário atualizado, principalmente a frequência dos alunos, não podendo esta ser feita sem cuidado. Conforme a fala da professora, há muitas vezes “uma frequência maquiada”, dessa maneira, a equipe gestora não tem como fazer a busca desses alunos e identificar as causas que os levaram a deixar de frequentar a escola, possibilitando seu retorno

e permanência; a referida professora informa ainda que há fatores, como o financeiro, que também pode ser um causador do abandono.

Conforme Castelar *et al* (2012, p. 05): “um ambiente familiar estável e acesso a recursos sociais e financeiros influenciam de forma significativa a probabilidade do estudante completar seus estudos”. Sabemos que muitas vezes os alunos deixam de frequentar as aulas em virtude de falta de recursos financeiros em casa, como, por exemplo, o recurso da passagem de transporte coletivo. Infelizmente essa é a realidade de muitos de nossos jovens do ensino médio no Estado do Amazonas.

A Professora 3 respondeu, de forma sucinta, que a ação que culminou na melhoria das taxas de abandono foi o acompanhamento por parte do gestor em verificar, após o aluno já ter deixado de frequentar, se ele se matriculou em outra escola. Já o Professor respondeu que as ações foram feitas em parceria com a equipe da SEDUC/GEPPAE, porém, enfatiza que as ações ainda são muito “tímidas”, considerando que a equipe do GEPPAE precisa tornar suas ações mais efetivas, tirando a responsabilidade um pouco da escola, a qual não possui condições para fazer busca ativa desses alunos:

A escola, a família, os jovens, os adultos não podem assumir toda responsabilidade nessa questão. Percebemos que o Estado tem cada vez mais recuado na assunção dos seus compromissos com a educação. Afirmar que esta parcela da população está na escola, não implica dizer que foram criadas as condições necessárias para que ela aí permaneça (BATISTA, SOUZA, OLIVEIRA, 2009, p. 17).

Diante disso, compreendemos que o Estado não tem cumprido efetivamente o seu papel, criando condições para a escola desempenhar suas atividades a contento. Na verdade, ele tem responsabilizado sempre mais a escola, tirando de si uma atribuição que é conjunta entre Governo, Secretarias de Educação e escolas.

Com base na pergunta anterior, indagamos aos entrevistados quais ações ainda precisam ser feitas, visando prevenir e combater o abandono e a evasão. Obtivemos as seguintes respostas:

Por ser um problema muito abstrato, isso é um processo de conscientização, porque o aluno da escola pública é um jovem com a mentalidade de que essa escola não é um ambiente de estudo, ambiente propício ao estudo é o da escola particular. Ele vem porque joga futebol muito bem, por causa da internet da escola, é uma promoção de coisas. Acho que a partir do momento que a gente conscientiza esse aluno de que a escola é um ambiente de estudo e, mais que isso, que o conhecimento é o que vai gerar a diferença lá

na frente, quanto isso vai afetar a vida dele profissional, talvez tivéssemos melhores resultados, tem que ser uma ação conjunta com a família (PROFESSORA 1, Entrevista realizada em 29/08/17).

Tínhamos que ter um trabalho melhor da pedagogia casada com a gestão, mas isso já não é um problema nosso, e sim dos superiores, é uma questão administrativa, já foi solicitado o pessoal para que ajudasse a escola, nós não temos pessoas para ajudar, pessoas capacitadas, não temos um quadro efetivo que possa olhar com mais calma essa situação, por que isso demanda tempo para sentar, analisar, chamar de um por um, conversar, verificar o que está acontecendo, verificar se há problema familiar, se é problema com drogas, se é problema financeiro, ou outra situação. O que está ao nosso alcance, fazemos (PROFESSORA 2, Entrevista realizada em 29/08/17).

Continuar a ação anterior, que é acompanhar se esse aluno não vai retornar à escola, se ele foi matriculado em outro lugar, acompanhar mais de perto, por que é uma das soluções mais possíveis, saber se ele está em algum lugar, que ambiente escolar, e depois ele mudou de município, o que é uma das causas também, a mudança deles é muito constante (PROFESSORA 3, Entrevista realizada em 29/08/17).

Buscando através do diálogo, do acompanhamento com aluno, não só a gente falar da gestão, a gestão não é só o gestor, mas somos todos nós que estamos na escola e que podemos fazer alguma coisa. Porém, podemos fazer pouco, porque a escola realmente não recebe tantos recursos para fazer e desenvolver esse trabalho; o que podemos fazer é estar acompanhando o aluno na medida do possível. Aqui o gestor telefona para a casa do aluno, para falar com os pais, na tentativa de reduzir o abandono. Porém, esse trabalho deveria ser mais arrojado, o Governo deveria ampliar mais, fazer o resgate, seria o termo correto, fazer um verdadeiro resgate dos alunos que se evadiram, do aluno que abandona. E esses alunos ao retornarem não podem ter o mesmo acompanhamento que têm aqueles que são frequentes, o acompanhamento tem que ser diferenciado, com uma recepção adequada para que possam voltar às suas atividades, por que são inúmeros os problemas que levam ao abandono: drogas, problemas familiares, econômicos; o Estado tem por dever, dar uma resposta a isso (PROFESSOR, Entrevista realizada em 28/08/17).

As respostas dos professores a essa pergunta foram divergentes. A Professora 1 acredita que os alunos não veem na escola um ambiente de estudo, onde eles estão para aprender, para galgar o futuro. Na opinião dela os alunos frequentam mais para jogar bola e utilizar o wi-fi (sinal de internet) da escola: “o modelo de escola da atualidade, já não desperta o interesse do aluno” (BATISTA, 2009, p. 02). Conforme os teóricos, a escola precisa criar um ambiente que instigue o estudante a pensar, refletir:

[...] o fenômeno da evasão escolar associado ao fato da escola estar pouco preocupada em possibilitar aos alunos e professores a experiência do acontecer das ideias, na sua produção, em consonância aos desafios concretos da vida, contribui conseqüentemente ao abandono da escola, caminho que parece mais certo (BATISTA, *apud* LARA, 2009, p. 02).

Essa visão dos teóricos se aproxima do que disse a Professora 1, os alunos precisam ver na escola um ambiente de aprendizagem e, para isso, a escola precisa tornar-se um local onde se aprenda em todos os espaços. Ela menciona ainda que a participação da família nessa ressignificação da escola é fundamental, pois muitas vezes a escola tenta modificar a forma como os alunos a veem, mas a própria família despreza o papel da instituição de ensino:

[...] a influência da família e amigos da família no engajamento nas atividades escolares, destacando que essa influência repercute nas aspirações do jovem [...] pela intenção de cursar uma faculdade e na percepção de melhores oportunidades de trabalho ou emprego. Naturalmente, essas aspirações aumentam o engajamento escolar desse jovem, que, para alcançá-las, desenvolve maiores objetivos educacionais do que os que não as possuem (SOARES et al, 2015, p. 765).

Diante das palavras dos autores, compreendemos que o engajamento da família nas ações da escola, conforme mencionou a Professora 1, é preponderante até mesmo para as aspirações dos alunos, para que eles almejem alcançar determinados resultados acadêmicos e profissionais em sua vida adulta. No ensino médio, esse acompanhamento dos responsáveis é ainda mais relevante, pois os estudantes estão na fase de foco nos estudos visando o vestibular e o interesse das famílias pelo ingresso dos alunos na universidade, ou mesmo em cursos técnicos, deve ser constante.

A Professora 2 apresenta uma resposta distinta da Professora 1, pois aquela acredita que a responsabilidade pelas ações de prevenção e combate ao abandono e à evasão escolares, deve ser atribuída ao gestor e ao pedagogo. A Professora 2 pensa, ainda, que a problemática do abandono seja uma questão administrativa e não pedagógica. Tal pensamento da professora corrobora o que pensam muitos docentes, que as ações para estimular o aluno a frequentar a escola devem ser uma iniciativa apenas da equipe gestora. O grande problema desse entendimento é que,

na gestão democrática, todos somos (comunidade escolar) responsáveis pela escola e pela aprendizagem dos alunos.

Já a resposta da Professora 3 nos traz outra preocupação, para ela, sanar a problemática do abandono consiste em analisar se o aluno que deixou a escola se matriculou em alguma outra instituição de ensino. Ora, sabemos que muitos desses alunos que simplesmente “desaparecem” da escola não passam a frequentar outra escola, pois se o interesse deles fosse exclusivamente esse, eles pediriam a transferência na secretaria. Este documento é simples e rápido de ser emitido, ainda mais nos dias de hoje, onde as escolas da Rede Estadual estão interligadas pelo SIGEAM e qualquer escola pode ver a existência ou não de vagas em outra escola, onde o aluno pretenderia cursar a série em que estivesse matriculado. A Professora 3 cita ainda outro fator: a mudança constante de endereço. Essa situação é realmente frequente em nossas escolas, pelos mais diversos motivos os alunos mudam de domicílio e, conseqüentemente, de escola.

O Professor, ao responder à questão, demonstra compreender o significado de gestão democrática, quando afirma que todos aqueles que estão na escola podem fazer algo para evitar o abandono e a evasão. Ele acrescenta ainda que o poder dos professores, mesmo que estes possuam boa vontade, é restrito, pois a escola precisa de recursos para realizar as ações preventivas da problemática. O Professor salienta ainda que a escola busca os alunos que deixaram a abandonaram, faz telefonemas, na tentativa de resgatá-los, mas que uma ação do Estado, com recursos visando garantir o retorno e o devido resgate desse aluno de forma, a ele se sentir bem recebido na volta à escola, seria imprescindível para resultados mais eficazes.

Com o intuito de analisar a relação professor x aluno, perguntamos aos entrevistados se eles sabem quantos alunos deixaram de frequentar a escola em 2016 e retornaram em 2017. A Professora 1 não soube responder porque, segundo ela “[...] estava fora de sala no passado, então não tinha controle desses alunos, eles não eram meus alunos” (PROFESSORA 1, Entrevista realizada em 29/08/17). Já os demais professores nos concederam as seguintes respostas:

Quantidade exata não, sei de alguns. Tem uma turma que é primeiro ano, que eu trabalho com primeiro ano, de alguns meninos mais velhos, em mente eu tenho pelo menos uns 5 alunos que retornaram, porém, hoje na atual data, eles já não estão mais vindo para a escola (PROFESSORA 2, Entrevista realizada em 29/08/17).

No terceiro não notei nenhum retorno dos anteriores, mas tem alunos que estavam parados há mais de dois anos e retornaram agora, no caso dois alunos (PROFESSORA 3, Entrevista realizada em 29/08/17).

Não tenho esse número, mas aqui na escola, graças a Deus, nós tivemos assim pouquíssimos casos de abandono com relação a outras escolas, nós tivemos um trabalho muito efetivo, um acompanhamento muito apertado com esses alunos de forma que nós garantimos uma taxa baixa com relação a evasão escolar (PROFESSOR, Entrevista realizada em 28/08/17).

Vemos, diante das respostas dos docentes, que a escola não vem realizando e socializando uma análise dos alunos que abandonaram e depois retornaram à escola. Essa reflexão seria fundamental para que os professores, pedagoga e gestão conhecessem as possibilidades de abandono, visto que a prática de deixar de frequentar os estudos costuma se repetir. Cientes disso, os profissionais da Educação poderiam traçar um plano, verificando de perto o rendimento e a frequência desses alunos e criando atividades que os instigassem a permanecer na escola.

Visando identificar as principais causas do abandono escolar, as quais tomamos como subsídio para elaboração do PAE, perguntamos aos entrevistados, na opinião deles, quais os motivos levam os alunos a deixarem de frequentar a escola.

Os motivos que levam os alunos a deixar de frequentar a escola são: questão social, familiar, desinteresse, falta de perspectiva, falta de planejamento para o futuro, assim do que ele pretende ser, de que etapa ele deve estabelecer para poder cumpri-las, por exemplo: quer ser médico, mas, não quer estudar. Não entendo o que eles vão ter, precisam de um plano, de uma meta diária para bater, eles acabam entendendo que o ambiente escolar é ausência da compreensão do significado real (PROFESSORA 1, Entrevista realizada em 29/08/17).

Temos os motivos de doença, financeiros, gravidez, depois quando a criança nasce não têm com quem deixar, por isso, não conseguem frequentar as aulas, até tentam, trazem as crianças, mas fica inviável estudar tendo um recém-nascido no colo. Outro motivo também que acontece é o envolvimento de alguns alunos com as drogas, se envolvem também com outras coisas ilícitas e deixam de frequentar (PROFESSORA 2, Entrevista realizada em 29/08/17).

Primeiro econômico, a maioria procura trabalho e não consegue conciliar; o segundo é a mudança dos pais, aqueles que são menores de idade precisam acompanhá-los, e às vezes não conseguem escola, ou simplesmente desiste porque não querem

mais perder tempo mudando tanto de escola. Outro fator também, que leva principalmente as meninas a abandonar a escola, é a gravidez precoce, mesmo com acompanhamento da escola, sabendo dos direitos que têm em retornar, não conseguem conciliar maternidade com a escola (PROFESSORA 3, Entrevista realizada em 29/08/17).

Conforme falei anteriormente, são vários motivos, mas, sobretudo a questão da droga, a questão social, falta de estrutura familiar, gera muitos problemas que refletem na escola, a questão social econômica e o desemprego a falta de recursos para a família se manter e isso daí vai levando uma grande escala de alunos a abandonar e/ou se evadir (PROFESSOR, Entrevista realizada em 28/08/17).

Com base na resposta dos entrevistados, constatamos como principais causas que levaram os alunos a deixarem de frequentar a escola: na opinião da Professora 1 - questões sociais, familiares (falta de apoio da família), falta de perspectivas e de planejamento para o futuro, principalmente quanto à sua formação acadêmica e profissional, falta de entendimento acerca do seu papel dentro do ambiente escolar; na opinião da Professora 2 – por motivos de doença, gravidez, não ter com quem deixar a criança, problemas financeiros e o envolvimento com as drogas; a Professora 3 respondeu – problemas econômicos, primeiro emprego que não possibilita ao aluno conciliar trabalho e estudo, mudança de domicílio da família e os filhos precisam acompanhar e, comungou da mesma opinião da Professora 2 quanto à situação das alunas grávidas, que mesmo tendo seus direitos garantidos por lei, não conseguem retornar e conciliar maternidade com os estudos; na opinião do Professor, conforme relatado anteriormente, há vários motivos que levam o aluno a abandonar a escola, porém, enfatiza a questão do envolvimento com as drogas, questão social, falta de uma estrutura familiar e o desemprego.

Este último fator, citado pelo Professor, tem sido recorrente e consiste, inclusive, em tema de discussão dos teóricos:

A inserção do jovem ao mercado de trabalho passa a ser uma exigência contínua e, esses jovens e adultos são chamados cedo, considerando suas restrições financeiras, a ingressarem nesse mundo. Muitos destes tentam conciliar o estudo com o trabalho, na perspectiva de adquirirem um melhor emprego e, conseqüentemente, maior remuneração. Entretanto, o cansaço físico, as exigências do trabalho, entre outros motivos, terminam por influenciar fortemente a decisão de abandonar a escola (BATISTA, 2009, p. 13).

Conforme esse cenário, diante de tantas dificuldades financeiras dentro da estrutura familiar, quando um jovem consegue obter o tão desejado emprego, ele costuma priorizá-lo, relegando a escola a um segundo plano. Afinal, na mentalidade desse estudante, a escola sempre estará disponível a ele (o que não deixa de ser uma verdade), entretanto, o emprego pode ser uma chance única que deve ser foco do interesse desse indivíduo. O abandono e a consequente evasão passam a ser, portanto, a solução mais viável. O que ocorre, normalmente, no futuro, é que esse aluno evadido retorne à escola quando, por algum motivo, não dispuser mais de um trabalho.

Perguntamos aos professores entrevistados, se em algum momento a escola solicitou a ajuda deles visando à redução do abandono escolar.

Acho que diretamente assim: Oi! Bom dia! Precisamos reduzir o abandono escolar! Não. O que temos são ações coletivas, temos reuniões onde essas questões são debatidas e a gente tem que pensar coletivamente, para saber como resolvê-las, mas, ação pontual, comigo, não (PROFESSORA 1, Entrevista realizada em 29/08/17).

Sim, quando a equipe gestora chega com professor e solicita ajuda para verificar a quantidade de alunos infrequentes, isso já é uma participação do professor, também quando a gente chega em sala de aula e conversa com os alunos, faz a conscientização de que eles precisam estudar, de que eles precisam frequentar, e que isso vai ser bom para o futuro deles, isso daí o professor também já está ajudando (PROFESSORA 2, Entrevista realizada em 29/08/17).

Sim, com conselho escolar, com controle do diário, e com a observação bimestre a bimestre da quantidade de falta dos alunos (PROFESSORA 3, Entrevista realizada em 29/08/17).

Trabalhamos em equipe, todas as vezes que nos reunimos para estipularmos uma meta, vamos juntos fazer, é um trabalho em equipe, buscando informações, conversando, entrando em contato com as famílias através da direção da escola e da pedagogia (PROFESSOR, Entrevista realizada em 28/08/17).

Vemos, conforme as respostas dos docentes, que eles têm conceitos divergentes sobre a ação da equipe gestora. A Professora 1 alega nunca ter sido solicitada diretamente, no sentido de auxiliar a escola a combater o abandono e evasão. Os demais professores veem que a escola solicita ações que objetivam prevenir essa problemática. Soares et al (2015, p. 760) comenta que em relação aos fatores internos que ocasionam a evasão “tem-se a diferença de linguagem dos

atores escolares, atitudes dos professores, características da direção, o programa pedagógico da escola, entre outros”.

Ao nos depararmos com as respostas dos docentes, vemos que se confirma o pensamento de Soares *et al*, visto que a escola não parece ter uma unidade de pensamento, reflexão da equipe e posteriores ações estruturadas visando prevenir o problema. Cada profissional da escola parece realizar ações diferentes, cada um pensando o que acredita ser melhor para estimular o aluno a frequentar as aulas. Acontece que a instituição de ensino demanda uma linha de pensamento, proposta no PPP, que deve emanar de todos os funcionários, de forma que estes compreendam que todos realizam ações visando criar um ambiente seguro e acolhedor para o aluno e isso vai desde a merenda produzida, ao porteiro que saúda os estudantes na entrada, até o professor em sala de aula.

Concluindo nossa entrevista, porém, com o intuito de saber as possíveis alternativas que os entrevistados têm para minimizar o problema do abandono na escola pesquisada, perguntamos de que forma eles podem ajudar a escola a reduzir as taxas de abandono escolar.

Tirando leite de pedra, basicamente, que é o que a gente tenta fazer todo dia. Tentamos conscientizar nossos alunos, lembra-los da questão do vestibular, de que eles são a escola pública, logo a universidade pública é para eles, para isso, precisam correr atrás, fazer a parte deles, e não podem desistir. “-Ah! Mas, a gente tem problema”. Falo para eles, problema todo mundo tem, então é passar por cima disso e tentar lidar. Mas, até que ponto o que eu falo, em relação ao que a família incentiva, é complicado estabelecer (PROFESSORA 1, Entrevista realizada em 29/08/17).

Tento fazer minha parte, converso com os alunos, sempre chamo se tem um menino que falta muito, chamo na minha mesa, pergunto por que ele tá faltando, o que tá acontecendo, tento incentivar para que ele não falte mais, se houver algum problema que ele venha até o gestor conversar e explique o motivo, mas que ele não abandone; geralmente isso dá certo. Quando falo: “Fulano” tu tá faltando muito. Vem a resposta: “Ah! Professora, é porque aconteceu isso, aquilo”; tá bom, então para de faltar, já vi muitos alunos que pararam de faltar (PROFESSORA 2, Entrevista realizada em 29/08/17).

Acompanhando melhor os alunos que são infrequentes, que retornam à escola e, tentando organizar uma maneira para que eles recuperem os conteúdos, e não desistam novamente (PROFESSORA 3, Entrevista realizada em 29/08/17).

Nós, os professores, devemos estar sempre buscando inovar e renovar as aulas, os métodos, a metodologia, hoje, temos muitos recursos disponíveis que podem ajudar os alunos, então não se pode

mais pensar em uma metodologia de dez anos atrás. Temos hoje, pois, ninguém faz mais seminário, fazemos filmes de curta-metragem, que é uma novidade, uma nova experiência, que tem sido muito importante. Temos que ter criatividade para também atrair o aluno, mas, sabemos que só isso não é necessário, o grande problema realmente está lá fora e aí que nós temos que romper essas muralhas e vencer as questões sociais (PROFESSOR, Entrevista realizada em 28/08/17).

Analisando as respostas dos entrevistados, constatamos que todos chamam para si a responsabilidade em ajudar a escola nas ações para minimizar os índices de abandono, considerando que eles têm papel importante em relação ao incentivo, mobilização e articulação junto aos alunos. Isso se confirma quando eles procuram dinamizar suas aulas, conforme fala do Professor, e fazem, junto à equipe gestora, o acompanhamento constante da frequência dos alunos.

Para corroborar a resposta dos entrevistados tomamos como base o posicionamento de Batista (2009) *apud* Castro (2006) que elucidam:

Nesse sentido, acompanhar o aluno em todo o seu aprendizado, enquanto sujeito individual e social ainda constitui uma prática válida no sistema educacional. Assim, todo o saber – fomentado em sala de aula e na troca de experiência entre educando x educador, passa a ser relevante no tocante à construção de um modelo de ensino-aprendizagem (p. 03).

Vemos que há um interesse dos docentes em acompanhar os estudantes conforme o pensamento de Batista, tanto que a Professora 2 cita que em muitos casos, através de conversas, ela já conseguiu conscientizar os alunos a voltarem a frequentar as aulas assiduamente. O Professor também menciona que a inovação metodológica consiste em prática que estimula os seus discentes, além da Professora 1, que faz a relevante reflexão defendendo as universidades públicas para os alunos de escola pública.

Outro instrumento usado na pesquisa foi o questionário, aplicado a 18 alunos, os quais constatamos como abandono escolar, nos anos de 2014, 2015 e 2016. Conforme relatamos na seção 2.2 do presente capítulo, fomos procurados por mais um aluno que abandonou a escola em 2013, interessado em participar da pesquisa, sendo este seu desejo, ele passou a participar do questionário, totalizando 18 alunos.

Para melhor análise das respostas às questões, fizemos a tabulação dos dados, utilizando tabela e gráficos. A aplicação do questionário durou quase duas

semanas, em virtude das constantes ausências dos alunos às aulas. Houve o caso de um aluno que já estava ausente há mais de cinco dias, solicitei à secretária da escola que entrasse em contato com os responsáveis do referido aluno, para saber porque ele não estava vindo para escola, e se ele havia falado a respeito do questionário e do Termo de Assentimento. Quem atendeu o telefonema foi a mãe do estudante, a mesma se surpreendeu com as ausências do filho à escola, alegando que todos os dias ele saía para a aula. No dia seguinte ao contato, a referida mãe compareceu à escola, trazendo o aluno e entregou o questionário respondido e o termo de assentimento assinado.

O primeiro questionamento feito aos alunos foi a respeito do ano em que ingressaram na escola e, qual série estavam cursando, conforme podemos observar na Tabela 11.

Tabela 11 – Percentual de alunos por ano do primeiro ingresso na escola e a série que estavam cursando.

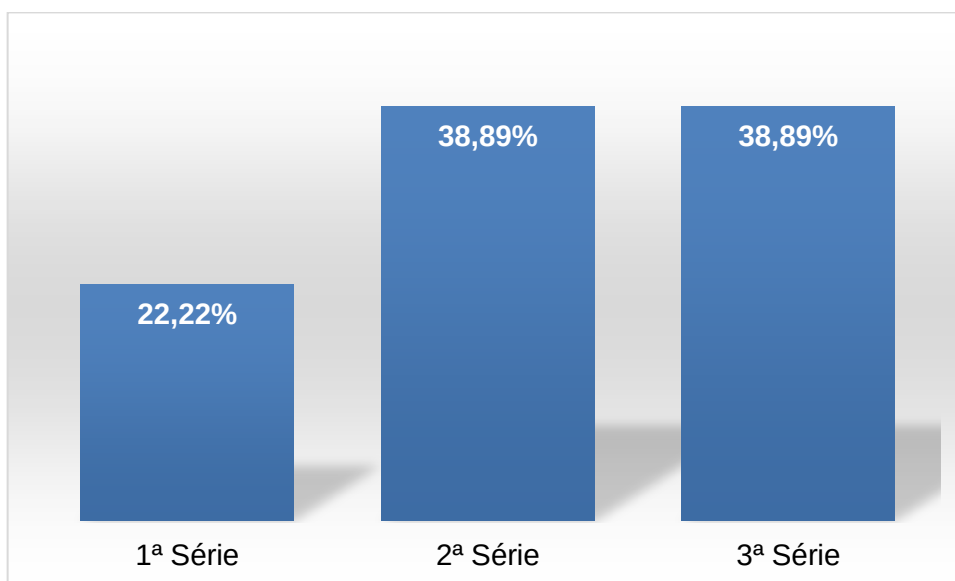
Ano de ingresso na escola	Percentual	Para cursar
2013	5,56%	1ª série
2014	55,55%	1ª série
	5,56%	2ª série
2015	11,11%	1ª série
	11,11%	2ª série
2016	11,11%	1ª série

Conforme constatamos, dos quatro anos em análise, o ano de 2014 foi o que apresentou maior percentual de alunos que ingressaram principalmente na 1ª série, e que também deixaram de frequentar, ou seja, os 55,55% de alunos já deveriam ter concluído o ensino médio até 2016, e os 5,56% de alunos deveriam ter concluído em 2015. O aluno que ingressou em 2013 deveria ter concluído o ensino médio em 2015; os 11,11% de alunos que ingressaram em 2015, deveriam concluir neste ano de 2017, e os outros 11,11% alunos deveriam ter concluído em 2016; e os 11,11% de alunos que ingressaram em 2016, este ano deveriam cursar a 2ª série.

Porém, conforme poderemos constatar no Gráfico 03, o qual apresenta as respostas ao questionamento acerca da série que estão cursando esse ano de 2017, 22,22% ainda permanecem na 1ª série, esse número corresponde a quatro, dos 18 alunos participantes da aplicação, 38,89% estão na 2ª série e, 38,89% estão na 3ª série, números esses correspondentes a sete dos 18 alunos, ou seja, sete

estão na 2ª série e sete estão na 3ª série. É inegável que esses alunos sofreram uma perda grande no sentido de se formarem na idade correta, mas o relevante nesse momento para a escola é conseguir mantê-los frequentando as aulas, evitando, assim, maiores perdas futuras.

Gráfico 03 – Percentual de alunos participantes da pesquisa por série em curso em 2017.



Fonte: Elaborado com base nas respostas do Questionário da Pesquisa

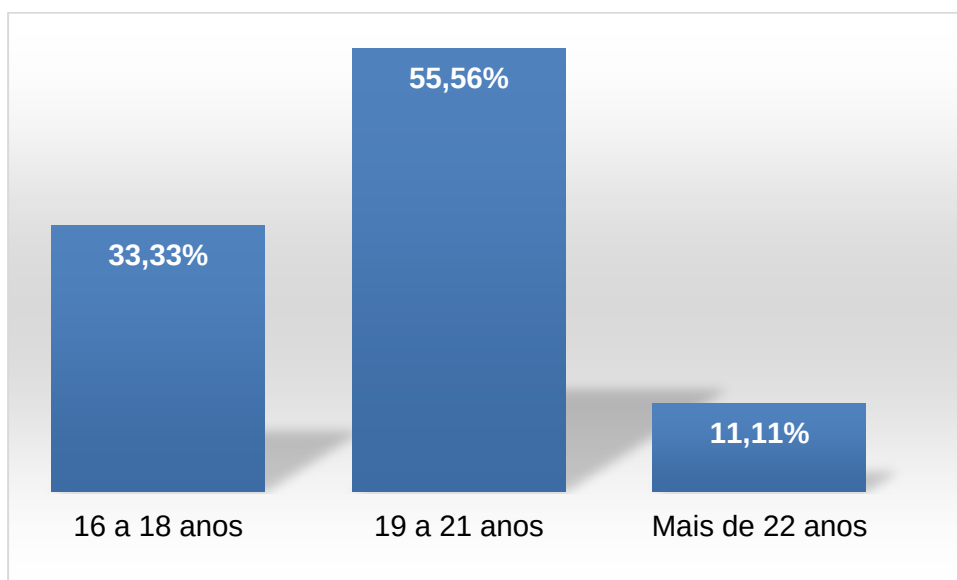
Intentando identificar se haveria diferença quanto ao gênero, no quantitativo de alunos que abandonaram a escola, constatamos que não há diferença. Dos alunos participantes da aplicação, 50% são do sexo masculino e 50% do sexo feminino. Nesse momento, nossa pesquisa diverge do que encontramos como resultado de outros estudos, o estudo de Soares *et al* (2015, p. 770) demonstra que os indivíduos do sexo masculino possuem uma maior tendência a abandonar a escola. Em nosso estudo esse paradigma muda e ambos os sexos possuem a mesma probabilidade de se ausentarem das aulas.

Verificamos também, por meio do questionário, a faixa etária em que os alunos participantes estão nesse ano de 2017, com o desejo de analisarmos a distorção idade-série. Constatamos que 33,33% estão com distorção de dois anos e 66,67% estão com distorção acima de três anos, conforme demonstra o Gráfico 04. Os teóricos mencionam que quanto maior essa distorção dos alunos, mais complicado fica de eles acompanharem as aulas:

[...] os alunos mais velhos têm dificuldades em estar no mesmo ambiente com colegas mais novos, e vice-versa, a distorção impulsiona o abandono na escola. Distorções no fluxo educacional também podem indicar múltiplas reprovações no passado, o que tende a ter um efeito cumulativo no desestímulo do estudante (CASTELAR, 2012, p. 18).

Em virtude desse cenário, a situação dos alunos que responderam ao questionário se torna preocupante, visto que a grande maioria deles (66,67%) está com uma distorção idade-série de mais de três anos, o que os separa da faixa etária dos demais alunos da escola e, muitas vezes, cria um abismo entre os estudantes que culmina em novo abandono.

Gráfico 04 – Faixa etária dos alunos que participaram da pesquisa.



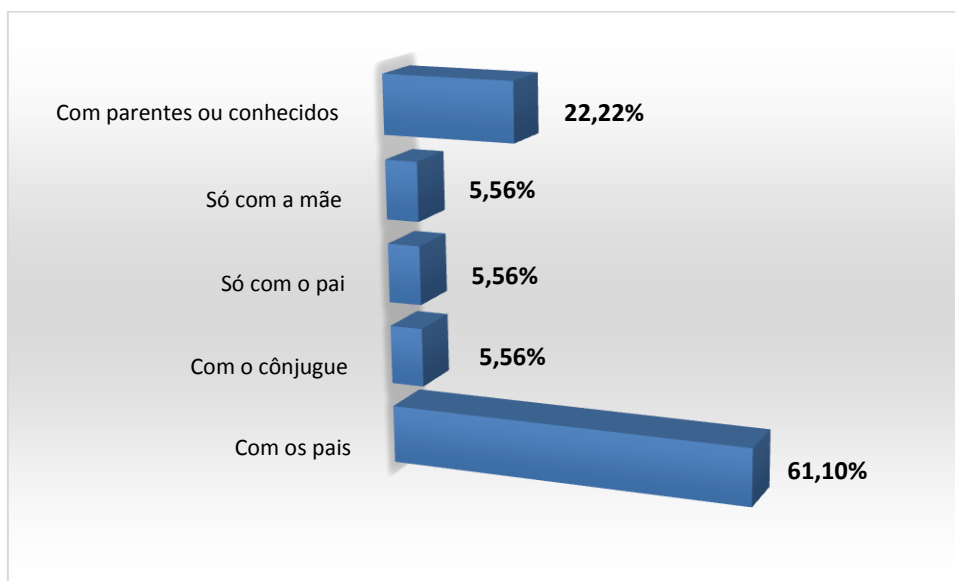
Fonte: Elaborado com base nas respostas do Questionário da Pesquisa

Esse resultado salienta a necessidade de se estabelecer políticas educacionais de correção de fluxo para o Ensino Médio, uma vez que no Estado do Amazonas só temos um projeto de correção de fluxo voltado para o Ensino Fundamental, denominado Projeto Avançar. Conforme apresentamos no Capítulo 1, o Estado do Amazonas encontra-se entre os estados com maior número de alunos em distorção idade-série. Mesmo não sendo esse o foco de nossa pesquisa, enfatizamos que essa situação é causada pelo abandono escolar.

Procuramos identificar também, por meio do questionário, com quem os alunos residem em seus domicílios, o que nos possibilitou analisar se esses alunos

possuem ou não apoio familiar. O Gráfico 05, que apresenta com quem os alunos moram distribuídos em percentual, constatamos que 61,10% moram com os pais, percentual correspondente a 11 alunos; 22,22% moram com parentes ou conhecidos, percentual correspondente a quatro alunos; 5,56% moram com o cônjuge, 5,56% moram com só com o pai e 5,56% moram apenas com a mãe (o percentual de 5,56% corresponde a um aluno).

Gráfico 05 – Com quem os alunos moram



Fonte: Elaborado com base nas respostas do Questionário da Pesquisa

O Gráfico 05 evidencia uma realidade preocupante que nos foi revelada pela entrevista com os professores. Estes alegaram, repetidas vezes, que necessitam do apoio das famílias dos alunos e que, em muitos momentos não possuem. A Professora 1 pontua que as ações que a escola desenvolve contra o abandono não possuem o auxílio da família: “O problema é que isso teria que ser uma ação conjunta com a família também, às vezes a própria família ignora, avalia de um processo de ensino-aprendizagem”. Essa omissão da família consiste em uma problemática social:

O futuro de um povo, que ancora na forma como suas crianças são educadas, poderá ficar comprometido em comunidades, onde as escolas públicas estão em ruínas, as famílias desarticuladas, os meios de comunicação não têm compromisso com a educação e a sociedade não incentiva, nem estimula o desenvolvimento educacional (BORJA, MARTINS, 2014, p. 99).

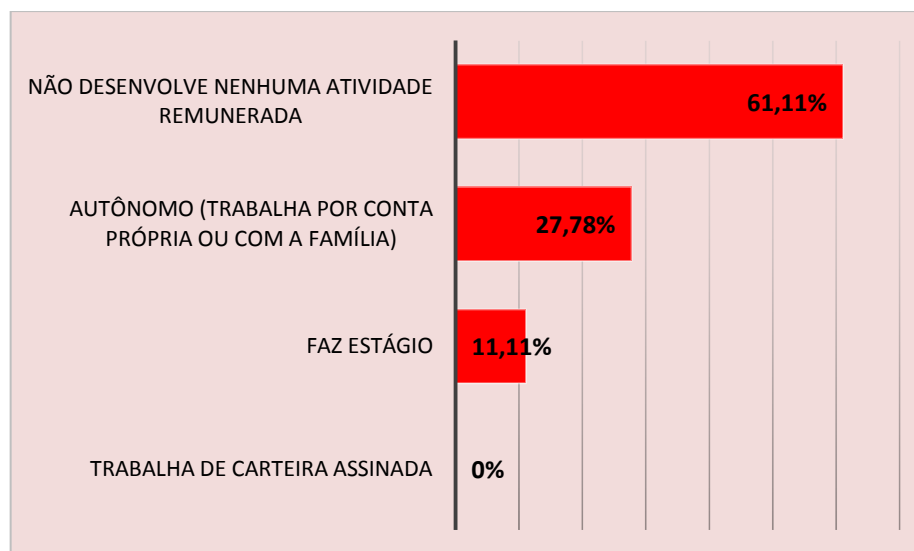
Nesse cerne, Borja e Martins complementam o que relata a Professora 1, pois se a família é inserida em uma sociedade, esta é o reflexo daquela, e se a família estiver desestruturada, a sociedade também poderá estar gerando um panorama preocupante no cenário educacional.

Observemos que 61,1% dos jovens submetidos ao questionário, lembrando que todos eles já abandonaram a escola em um dado momento, residem em seus domicílios com seus pais. Isso evidencia o que a Professora 1 relatou, a família, de alguma forma, acaba aceitando que o filho deixe de frequentar a escola, o que dificulta o trabalho da instituição de ensino, no combate à evasão e abandono. Em seu relato, a Professora 2 também traz à tona essa situação:

No que está ao nosso alcance a gente faz, mas precisamos de mais ajuda; precisa chamar os meninos, verificar se há problema familiar, se é problema com drogas, se é problema financeiro, muitas vezes a maioria deles é problema familiar, tem problema em casa com a família (PROFESSORA 2, Entrevista realizada em 29/08/17).

Diante desse entendimento de que a família muitas vezes surge como aquela que não auxilia a instituição de ensino a orientar os estudantes sobre a necessidade de frequentar as aulas e, de que ainda pior, a família pode ser a causadora do abandono, apresentando alguma desestruturação ou problema que atrapalhe o aluno a ir à escola, sabemos que qualquer ação voltada à redução dos níveis de abandono escolar precisa e deve incluir a família de forma massiva.

Com o propósito de conhecermos melhor os alunos participantes da pesquisa e de identificarmos as causas do abandono escolar, questionamos se os alunos desenvolvem alguma atividade remunerada. Conseguimos identificar que 61,11% não desenvolvem nenhuma atividade, ou seja, dos 18 alunos, 11 dependem totalmente de seus responsáveis; 27,78% desenvolvem uma atividade autônoma, sozinho ou com a família, esse percentual corresponde a cinco alunos; e 11,11% fazem estágio remunerado, sendo este percentual correspondente a dois alunos, conforme apresenta o Gráfico 06.

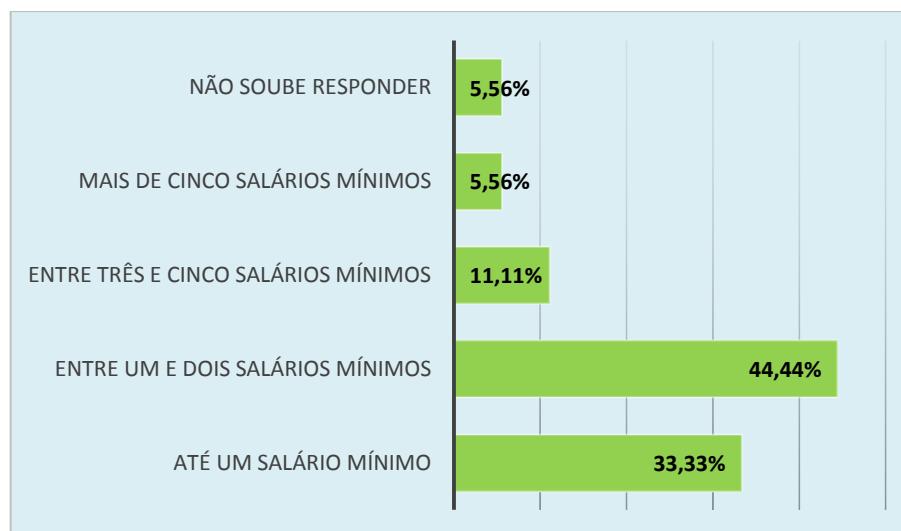
Gráfico 06 – Percentual de alunos por atividade remunerada.

Fonte: Elaborado com base nas respostas do Questionário da Pesquisa

Conforme o panorama apresentado no Gráfico 06, notamos que a maioria dos alunos que são público-alvo desta pesquisa (aqueles que abandonaram a escola nos últimos três anos e retornaram nos anos posteriores) não desenvolve atividade remunerada, o que demonstra que esse não é o principal motivo de os estudantes deixarem de frequentar as aulas na escola pesquisada. Acontece que, em uma conjuntura onde 38,89% dos alunos que já abandonaram a escola, estão exercendo atividade profissional (entre estágio e trabalho autônomo) não podemos deixar esse percentual esquecido. Borja e Martins (2014, p. 98) observam, sobre isso, que os “alunos, por diversas circunstâncias iniciaram sua vida adulta precocemente, alegaram que a necessidade de trabalhar era muito mais importante que a vontade de voltar a estudar”.

Isso nos leva a crer que o trabalho é uma das principais causas que coadunam para o abandono. A Professora 3 pontua o trabalho como um fator expressivo, pois na opinião dela há uma necessidade financeira: “Primeiro econômico, a maioria procura trabalho e não consegue conciliar”.

A pergunta anterior nos levou a questionar qual a renda familiar dos alunos participantes da pesquisa. Percebemos que 44,44% têm renda familiar até dois salários mínimos e 33,33% até um salário mínimo, 11,11% têm renda entre três e cinco salários mínimos, 5,56% têm renda acima de cinco salários mínimos e 5,56% não souberam responder, conforme podemos constatar no Gráfico 07.

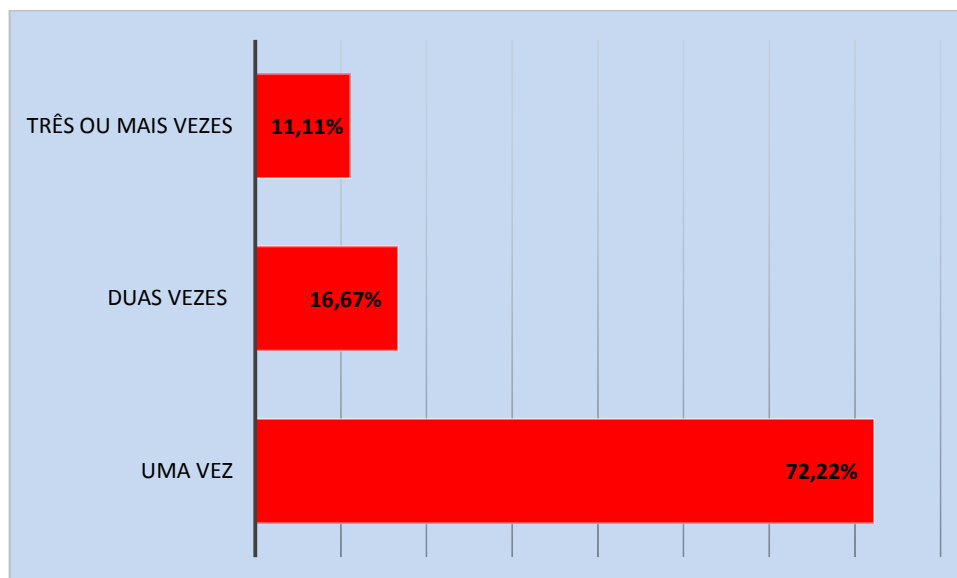
Gráfico 07 – Renda familiar dos alunos participantes da pesquisa.

Fonte: Elaborado com base nas respostas do Questionário da Pesquisa

Conforme se observa no Gráfico 07, a maioria das famílias desses estudantes vive em situação financeira precária, visto que alimentar uma família com até dois salários mínimos em nossa cidade, com o custo de vida alto a que temos acesso, deve ser uma tarefa complexa. Isso explicaria porque 38,89% dos nossos alunos busca emprego ou estágio, visando uma compensação financeira para suas famílias. Conforme Soares *et al* (2015, p. 760): “O mercado de trabalho tem influência considerável sobre a decisão de abandono, principalmente para aqueles com maiores problemas financeiros na família”.

Perguntamos aos alunos quantas vezes eles já abandonaram a escola, e obtivemos o resultado de que 72,22% abandonaram uma vez, ou seja, 13 dos 18 alunos, 16,76% abandonaram duas vezes, percentual correspondente a três alunos e 11,11% abandonaram mais de três vezes, sendo esse percentual correspondente a dois alunos.

Gráfico 08 – Percentual do número de vezes em que o aluno já abandonou a escola.

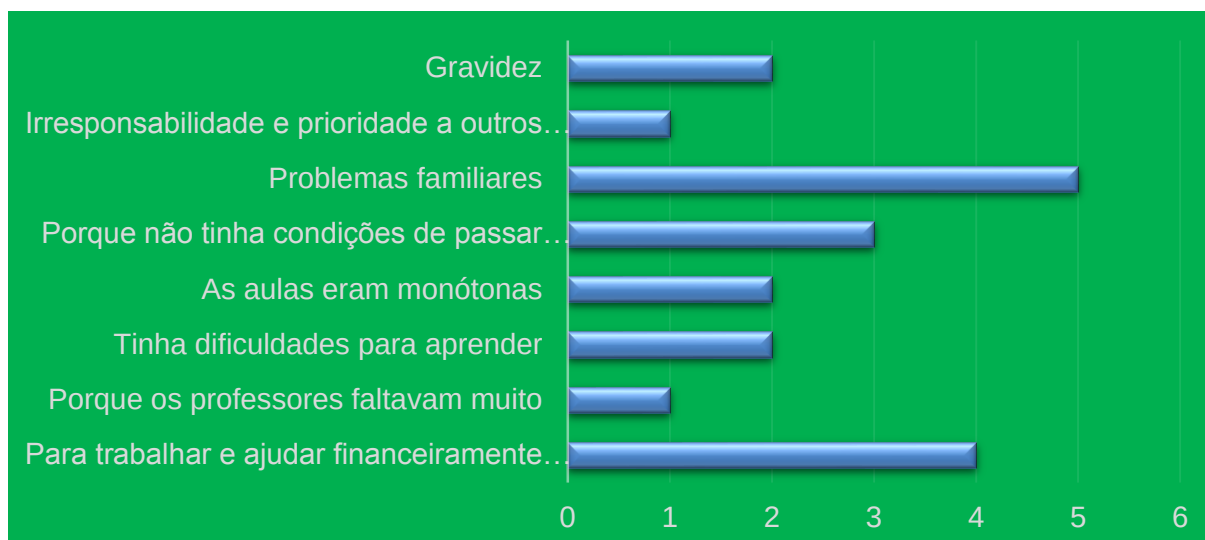


Fonte: Elaborado com base nas respostas do Questionário da Pesquisa

Nesse quesito tivemos uma surpresa positiva, pois a maioria dos alunos abandonou os estudos apenas uma vez. Tal resultado nos leva a crer que, se estimulados em suas atividades discentes, os estudantes da escola analisada permanecerão frequentando. Sabemos que, quanto maior o percentual de desistências, maior seria a possibilidade de esses alunos se evadirem.

Perguntados sobre os motivos que os fizeram deixar de frequentar a escola em 2016, ou nos anos anteriores, conforme o ano de ingresso e abandono de cada aluno participante da pesquisa, os mesmos apontaram as principais causas, as quais estão relacionadas, conforme podemos verificar no Gráfico 09. O motivo principal apontado foi a necessidade de trabalhar para ajudar financeiramente a família, outros dois motivos que foram apontados por três, dos 18 alunos, foram os problemas familiares e a impossibilidade de passar de ano.

Observamos que os alunos destacaram que os 11 motivos abordados no questionário estão presentes nos fatores que os levaram a abandonar a escola, considerando tanto aspectos internos e externos, que interferem diretamente na decisão do aluno em deixar de frequentar a escola, ou seja, de abandonar os estudos.

Gráfico 09 – Causas do abandono escolar apontadas pelos alunos.

Fonte: Elaborado com base nas respostas do Questionário da Pesquisa

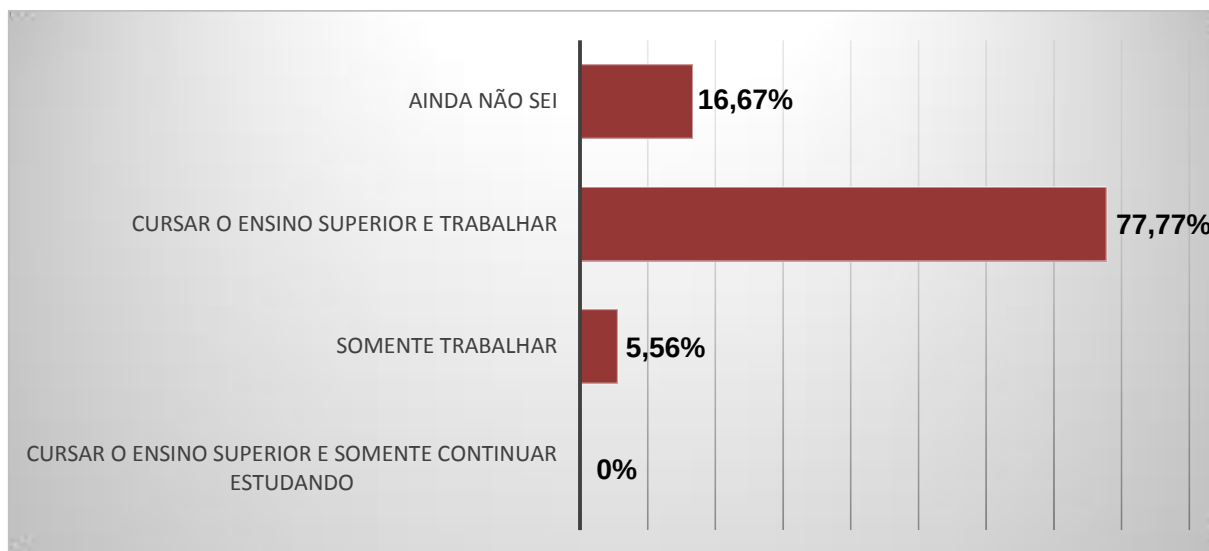
Diante das respostas dos estudantes, percebemos que a maioria deles deixou de frequentar a escola para trabalhar e auxiliar financeiramente em casa, possibilidade já aventada em outros momentos deste estudo, quatro alunos escolheram essa possibilidade, o que vai ao encontro da resposta contida no Gráfico 06, em que 38,89% dos estudantes demonstram desenvolver atividades remuneradas. As demais possibilidades, como os problemas familiares, gravidez, notas abaixo da média, que culminariam em uma possível reprovação, também foram apontadas pelos docentes em suas respostas à entrevista.

Vemos, ainda, que tanto fatores internos da escola (como a monotonia das aulas, a possibilidade de ser aprovado ao final do ano letivo, as faltas de professores e as dificuldades de aprendizagem), quanto os fatores externos (gravidez, viagens com familiares, cuidado com filhos, trabalho) influem no ato de os alunos terem abandonado a escola. Notamos, ainda, que os resultados se aproximaram, pois 12 foram os fatores externos que influenciaram na saída dos alunos da escola e 11 os fatores inerentes à escola que culminaram no abandono dos alunos. Isso mostra, mais uma vez, a relevância de a escola e a família estarem próximas, visando o bem-estar dos estudantes. Só dessa forma a instituição de ensino criará um ambiente aprazível para os estudos que seja priorizado também pelos familiares dos estudantes.

Perguntados sobre suas pretensões após concluírem o Ensino Médio, constatamos que 77,77% desejam cursar o ensino superior e trabalhar, 16,67% não

souberam responder, 5,56% desejam somente trabalhar, e nenhum pretende seguir carreira acadêmica, conforme podemos observar no gráfico 10.

Gráfico 10 – Pretensões dos alunos após a conclusão do Ensino Médio.



Fonte: Elaborado com base nas respostas do Questionário da Pesquisa

Esse resultado, apresentado no Gráfico 10, mais uma vez retoma a necessidade familiar de complementação de renda por parte dos estudantes do ensino médio. O ideal seria que esses adolescentes escolhessem unicamente voltar-se aos estudos, fossem esses de nível técnico ou universitário. Isso faria com que depreendessem melhor as habilidades e competências inerentes à profissão que eles escolhessem. Porém, devido à realidade e necessidade financeira de suas famílias, 77,77% deles preferem trabalhar concomitantemente aos estudos, como forma de melhorarem a condição familiar. Esse não é o ideal, visto que os sobrecarrega ainda muito jovens, mas o fato de a maioria deles desejar progredir com os estudos, demonstra que a escola vem conseguindo despertá-los para o interesse pelo futuro educacional como pressuposto para uma carreira de sucesso.

Professora 1 demonstra uma mentalidade relevante ao tentar estimular os alunos para o estudo universitário:

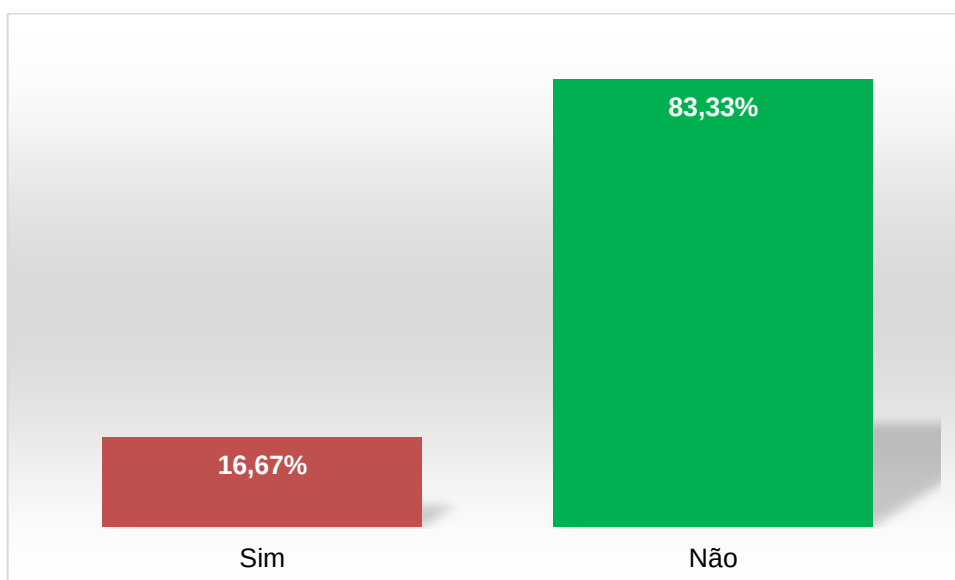
Tentamos conscientizar nossos alunos, tenta lembrar, no meu caso, por exemplo, que trabalho ensino médio e tem a questão do vestibular, eu tento lembrar para eles que eles são a escola pública, que a universidade pública que é para eles; então que eles têm que correr atrás, que eles têm que fazer a parte deles, que eles não

podem desistir (PROFESSORA 1, Entrevista realizada em 29/08/17).

Mas, a realidade da escola é bem diferente disso, pois mais de 80% dos estudantes (somando-se os que desejam trabalhar e cursar o ensino superior, aos que querem somente trabalhar) parecem relativamente voltados ao mundo do trabalho.

Para identificarmos se escola desenvolveu alguma ação para resgatar os alunos que abandonaram, perguntamos se, em algum momento, algum funcionário da escola entrou em contato com ele ou com sua família para saber os motivos que o levaram a deixar de frequentar a escola. Constatamos que apenas 16,67% responderam que sim, ou seja, apenas três dos 18 alunos participantes, os demais assinalaram que não houve nenhum contato, conforme demonstra o Gráfico 11.

Gráfico 11 – Percentual de quantos alunos receberam contato da escola quando deixaram de frequentar.



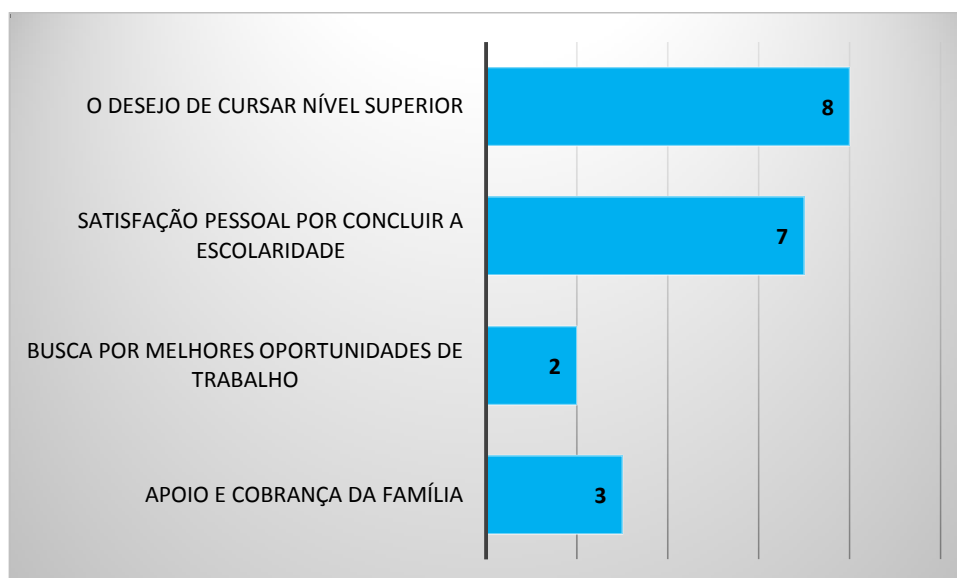
Fonte: Elaborado com base nas respostas do Questionário da Pesquisa

O Gráfico 11 demonstra que a escola não contactou ou não conseguiu contatar os alunos que abandonaram os estudos, nos últimos três anos. Essa porcentagem é relativamente alta, pois o trabalho contra o abandono tem como uma de suas principais ações de combate, o contato com alunos e familiares, visando sensibilizá-los à relevância da frequência escolar. A Pedagoga alegou, em sua entrevista, que a escola faz esse acompanhamento: “é uma vigilância para ver onde o aluno está,

para ver se o aluno entra, o professor comunica, o pedagogo passa para o gestor, o gestor solicita para a secretária fazer ligações, entrar em contato através de telefonemas”. Porém, por algum motivo, tem havido falhas nesse processo comunicacional com a família e os alunos que abandonaram as aulas.

Com objetivo de coletar subsídios para a elaboração do PAE, perguntamos aos alunos participantes da pesquisa, quais os motivos que os fizeram retornar para a escola. Os mesmos aprontaram como fatores: primeiramente o desejo de cursar o nível superior, em segundo lugar a satisfação pessoal por concluir a escolaridade, em terceiro lugar o apoio e cobrança da família e, em quarto lugar, a busca por melhores oportunidades de trabalho, conforme podemos verificar no Gráfico 12.

Gráfico 12 – Motivos que levaram os alunos a retornarem para a escola.



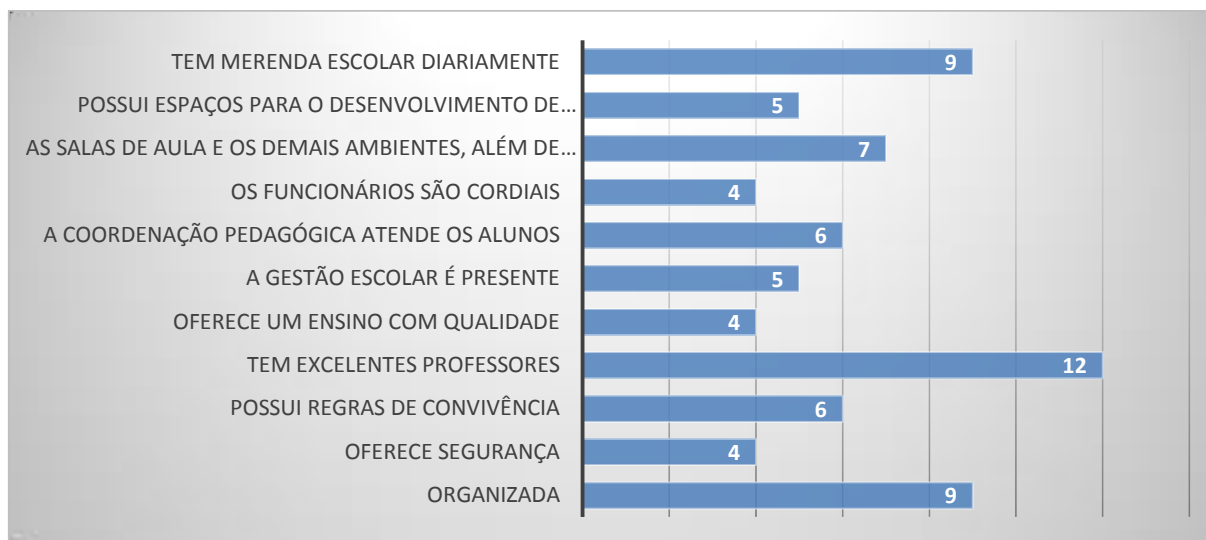
Fonte: Elaborado com base nas respostas do Questionário da Pesquisa

O Gráfico 12 corrobora o entendimento dos professores de que a família poderia apoiar mais a escola, no sentido de auxiliar na conscientização dos alunos, acerca da relevância de continuarem os estudos. Essa busca da escola em relação à família deve ser constante e a recíproca é necessária. Aparece ainda, no gráfico, um desejo, pela maior parte dos alunos questionados, de cursar a universidade, o que demonstra que muitos deles, depois de abandonarem e voltarem para a escola, se apercebem da relevância dos estudos para a vida profissional.

No questionário, solicitamos que os alunos assinalassem os pontos positivos da escola. Constatamos que a maioria considera, em primeiro lugar, que a escola tem excelentes professores, em segundo lugar estão o fato de a escola ter merenda

diariamente e a organização. Os alunos procuram sinalizar todos os pontos, conforme podemos observar no Gráfico 13.

Gráfico 13 – Pontos positivos da escola apontados pelos alunos.



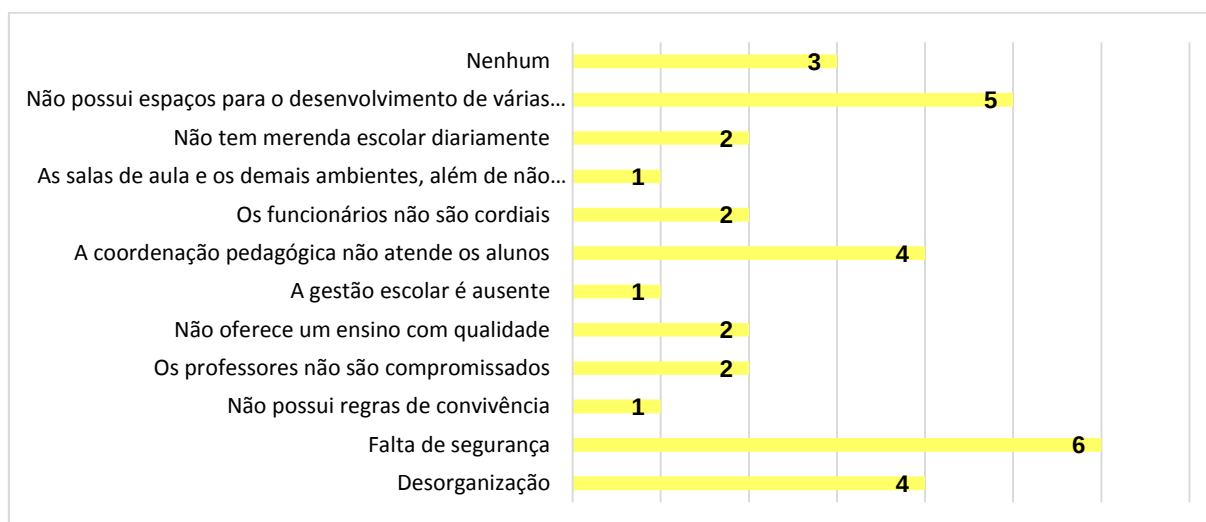
Fonte: Elaborado com base nas respostas do Questionário da Pesquisa

Os fatores positivos da escola, segundo o olhar dos estudantes, parecem corroborar alguns aspectos anteriores. Por exemplo: os alunos citam a existência diária de merenda escolar, como algo que os motivou a voltar a estudar. Esse fator demonstra que a alimentação é uma prioridade para esses estudantes, o que explica o fato de muitos deles terem deixado a escola a fim de trabalharem para auxiliar na renda familiar. Um aspecto realmente favorável consistiu em os estudantes terem salientado a qualidade dos docentes, o que demonstra que estes têm realmente se esforçado no sentido de manter os alunos na escola, buscando metodologias diferenciadas, que os estimulem no cotidiano em sala de aula, conforme mencionou o Gestor: “escola, professor, pedagogia, criando novas metodologias para que o aluno dentro de sala de aula se sinta atraído por estar presente na escola todos os dias”.

Solicitamos aos alunos que assinalassem também os pontos negativos da escola, considerando que esse apontamento nos serviu para identificarmos as fragilidades, para pontuarmos no PAE, com o objetivo de sanarmos tais pontos. Pudemos constatar no Gráfico 13, que os alunos apontaram como principal ponto negativo a falta de segurança, em segundo lugar o fato de a escola não possuir

espaços para o desenvolvimento de várias atividades (pedagógicas, recreativas e esportivas).

Gráfico 14 – Pontos negativos da escola apontados pelos alunos.

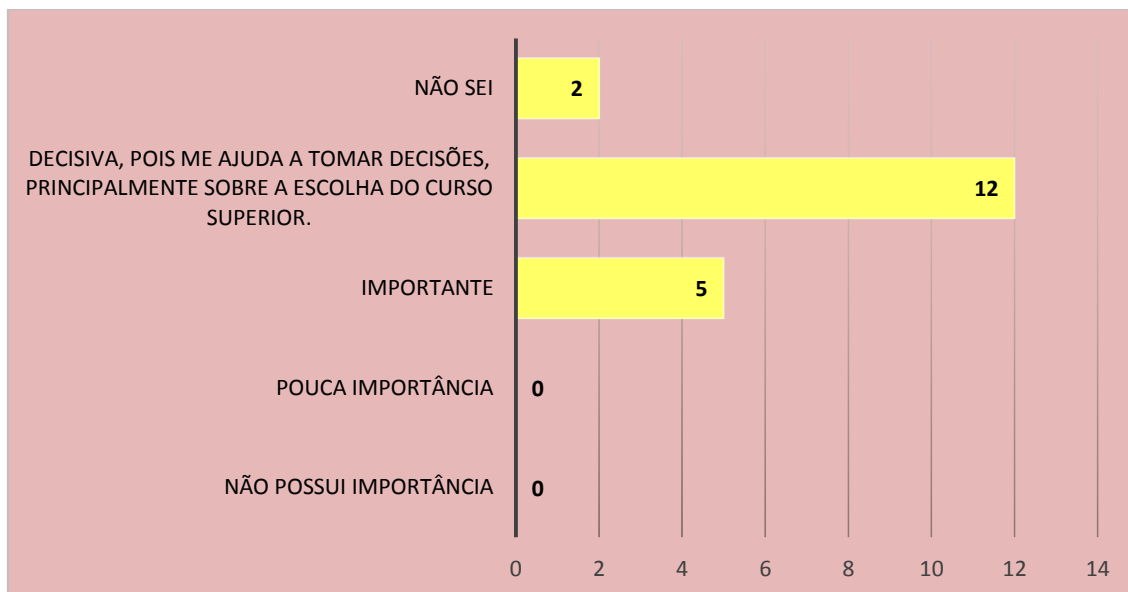


Fonte: Elaborado com base nas respostas do Questionário da Pesquisa

Ao verificarmos os pontos negativos da escola, percebemos que o entorno da mesma não garante a segurança que os alunos necessitam para saberem que chegarão na escola e voltarão para seus domicílios com tranquilidade. Essa questão de segurança pública é um problema que a escola não possui recursos para resolver. O que está ao alcance da instituição de ensino são campanhas visando combater a violência e promovendo a ordem e a lei, junto a sua comunidade.

Os alunos demonstram, ainda, sentir falta de espaços diferenciados, onde eles possam desenvolver atividades extra ou mesmo curriculares, mas utilizando metodologias que fujam ao contexto da sala de aula. Um fator que chamou atenção foi o fato de eles não se sentirem representados pela coordenação pedagógica, a mudança dessa postura pode e deve ser uma das ações contempladas no PAE.

Para finalizarmos as perguntas do questionário e buscando conhecer a importância da escola para a vida dos alunos, solicitamos que os mesmos apontassem o grau de importância da mesma. Observamos que um aluno pontuou que a escola é importante para ele e que ela é decisiva para ajudá-lo a tomar decisões, principalmente sobre a escolha do curso superior e apenas dois não souberam responder, conforme poderemos constatar no Gráfico 15.

Gráfico 15 – A importância da escola para os alunos participantes da pesquisa.

Fonte: Elaborado com base nas respostas do Questionário da Pesquisa

O resultado dessa indagação foi extremamente relevante pois, diante dele, verificamos que os alunos gostam da escola e consideram aquilo que ouvem e aprendem nela para tomarem suas decisões, inclusive em relação ao futuro. Esse ponto de partida é primordial para que o PAE possa ser aceito e bem-sucedido quando aplicado na instituição escolar.

2.4. Achados da pesquisa

Foram muitos os aspectos relevantes levantados quando ouvimos gestor, pedagoga, professores e alunos da escola estudada. Quando pensamos nas respostas apresentadas pela equipe gestora da escola, vemos que precisa haver uma conjugação de esforços, onde a gestão compreenda melhor os conceitos de abandono e evasão, buscando inclusive apoio junto às instâncias superiores, como a Coordenadoria Distrital de Educação 03, visando liderar um processo árduo, mas que culminará com resultados de aprendizagem melhores e, conseqüentemente, de abandono e evasão menores.

O gestor demonstra, em suas respostas, não ter conhecimento acerca dos dados dos anos anteriores em relação ao abandono e à evasão, além de desconhecer os conceitos acerca desse tema. Esse é uma das questões que contemplaremos no PAE e que devem ser sanadas. Não apenas o gestor da escola,

mas todos os servidores devem conhecer esses dados para que possam estar envolvidos em seu combate e prevenção.

Em relação à pedagoga, compreendemos que ela se encontra em um período de licença, direito de qualquer servidor público e que precisa ser respeitado, mas no momento de seu retorno, acreditamos que o gestor precisará muito da ajuda dela para compreender melhor a realidade da escola, afinal, ela trabalha nela há muitos anos e isso pode auxiliá-lo a compreender o contexto e as problemáticas que são vivenciadas. A pedagoga da escola demonstra, ainda, que conhece os conceitos em relação à temática do abandono e da evasão, o que pode ser um recurso humano da escola, utilizado nas ações do PAE.

Os professores, em suas respostas, mostraram ter visões diferentes acerca do conceito de abandono e evasão. Esse momento da pesquisa foi relevante para que percebêssemos que cada docente atua no sentido de combater o abandono de sua maneira, o que demonstra que a escola não possui uma organização atitudinal em torno desse tema. Esse consiste em um aspecto que será relevante no PAE, que a escola possua ações direcionadas e que todos os servidores as conheçam e trabalhem em torno delas.

Em muitos momentos aparece na fala dos professores que a equipe da escola trabalha unida contra o abandono escolar, mas eles evidenciam que essa união ocorre apenas nas reuniões bimestrais onde se discute o rendimento e possibilidades de melhoria dele. Através do PAE, esperamos que tais reuniões se transformem em ações efetivas e que ocorram com maior frequência, visto que, como já mencionamos anteriormente, um bimestre letivo sem aulas é o suficiente para que se configure o abandono. Nesse sentido, se a escola se organizar de forma mais eficaz, pode evitar que o abandono ocorra ao final dos bimestres.

Um fator positivo do trabalho docente na escola consiste na boa vontade dos mesmos em auxiliar na luta contra o abandono. Ainda que nem todos os docentes possuam o conhecimento teórico necessário, ou ações estruturadas pela escola, em conjunto, esses professores demonstram em suas salas de aula, desenvolver ações que eles acreditam que estejam ajudando a manter os alunos frequentes. Essa atitude dos professores revela que eles estão interessados em auxiliar a escola em relação à problemática em questão.

Os alunos foram preponderantes para que compreendêssemos melhor a realidade em que vivem as dificuldades que enfrentam e a percepção que possuem

do panorama escolar. Com esse aparato, poderemos pensar em um Plano de Ação Educacional que motive toda a comunidade escolar a dar o seu melhor pela aprendizagem desses estudantes. Precisamos conjugar esforços para que os estudantes da escola compreendam que o ensino médio consiste em um momento imprescindível em suas vidas acadêmicas, no sentido em que os prepara para o vestibular, escolha que determinará a vida profissional que seguirá.

Verificamos que alguns fatores externos foram determinantes para que esses alunos decidissem deixar a escola, os principais deles consistiram em questões familiares, como gravidez, problemas com a família, viagens e, principalmente, para trabalhar e ajudar em casa. Esse cenário se repetiu quando os alunos foram inquiridos acerca do que almejavam para além do ensino médio e 77,77% deles afirmaram que desejavam ingressar na universidade e trabalhar.

Isso demonstra que até mesmo aqueles que objetivam continuar os estudos, ainda focam no desejo de obtenção de renda, o que possivelmente visa dar mais conforto às famílias. Percebemos, ainda, que a necessidade familiar dessa complementação de renda se tornou evidente quando os alunos foram inquiridos acerca da situação financeira dos seus responsáveis, no que 44,44% responderam que possuem renda de um a dois salários mínimos. Sabemos que esse valor é insuficiente e que, se imaginarmos que as famílias podem ser numerosas, a problemática financeira é ainda maior.

Os fatores internos que contribuíram para que os alunos abandonassem a escola são diversos: o receio dos alunos, de provavelmente não serem aprovados ao final do ano letivo, a monotonia das aulas, dificuldades de aprendizagem e as faltas dos docentes. Esses aspectos que os alunos citaram como preponderantes para que eles abandonassem a escola são recorrentes em muitas escolas, pois quando os alunos não possuem o conhecimento necessário para a aprovação em determinada disciplina, eles preferem desistir a buscar os docentes e equipe gestora no intuito de solicitar ajuda dos mesmos. Sabemos que, para que tal postura mude, é necessária uma aproximação entre os servidores da escola e os estudantes, para que estes se sintam confortáveis de expor suas dúvidas, dificuldades e críticas àqueles.

Notamos, ainda, que no momento em que são indagados acerca dos aspectos negativos da escola, os alunos mencionam que não possuem espaços voltados à utilização de aulas lúdicas, com metodologias diferenciadas; questionam

ainda o atendimento que recebem no setor pedagógico da escola, acreditando que suas demandas não são priorizadas; reclamam da desorganização da instituição escolar; e clamam por mais segurança no entorno da escola. Sabemos que esta última reclamação não depende exclusivamente de uma resolução por parte da equipe gestora da escola, pois consiste em uma problemática de governo e da sociedade.

Quanto ao atendimento pela equipe pedagógica, pensamos que essa mudança deve ser uma prioridade da equipe gestora. As demais críticas, como a desorganização, as aulas em outros espaços e que priorizem metodologias inovadoras, podemos resolver instigando os professores a participarem efetivamente do PAE. Ademais, pensamos que a aplicação do Plano de Ação Educacional pode consistir em ferramenta que, futuramente, mudará o conceito que os estudantes possuem sobre a escola.

Quando pensamos no que ocasionou o retorno desses estudantes que haviam abandonado a escola, percebemos que há aspectos cotidianos que estão estruturados de forma organizada na escola e que precisam continuar assim, como: a merenda escolar frequente, o espaço físico da escola organizado, a cordialidade dos funcionários, o trabalho exímio dos professores, a existência de regras de convivência, entre outros. Diante desses fatores, percebemos que para esses estudantes voltarem para a escola, eles precisaram lembrar aspectos positivos que os fizeram desejar frequentar novamente as aulas.

Em virtude de alguns desses fatores serem relacionais, proporemos no PAE que todos os membros da escola, sejam eles administrativos ou pedagógicos, compreendam a relevância de tratar os alunos e seus familiares com respeito, cordialidade e urbanidade, o que faz com que a comunidade se sinta valorizada no ambiente escolar.

Vemos, ainda, que muitos estudantes retornaram à escola visando alcançar futuramente a universidade, ou satisfazer um desejo pessoal de concluir os estudos. Isso demonstra que por mais que tenha havido algum entrave que impediu que o aluno continuasse seus estudos anteriormente, no momento eles se sentem seguros da necessidade de, ao menos, concluírem o ensino médio e, outros, desejam ainda galgar maiores patamares acadêmicos.

3. Plano de Ação Educacional

O Plano de Ação Educacional (PAE) consiste em uma ferramenta que visa sugerir ações possíveis de serem realizadas, no contexto da escola pesquisada: uma instituição de ensino regular, de nível médio, pertencente à Rede Estadual de Ensino do Amazonas. Objetivamos, primeiramente, a prevenção ao abandono e à evasão. Em virtude dos casos de abandono e evasão já existentes, também pensamos em estratégias de combate, intentando resgatar alunos que, por algum motivo, já tenham abandonado a instituição escolar.

Sabemos que o público-alvo do PAE são os alunos foco desta pesquisa, lembrando, que a nossa proposta de plano será voltada à dimensão escolar. As ações que aqui serão apresentadas podem sofrer modificações conforme for necessário, afinal:

[...] os sistemas de ensino como um todo, e os estabelecimentos de ensino, como unidades sociais, são organismos vivos e dinâmicos e como tal devem ser entendidos. Ao serem vistos como organizações vivas, caracterizadas por uma rede de relações entre todos os elementos que nelas interferem, direta ou indiretamente a sua direção demanda um novo enfoque de organização (LÜCK, 2013, p. 38).

Percebemos, conforme a autora, que a gestão da escola precisa se adequar e se modificar conforme surjam as questões cotidianas demandando essa necessidade. Ora, se a própria gestão precisa entender que a escola é mutável, nós, enquanto pesquisadores precisamos compreender nossas limitações e aceitar possíveis adequações ao PAE conforme a escola precise.

Vários atores serão preponderantes para o desenvolvimento do PAE na escola, pois todos os servidores estarão envolvidos em pelo menos uma das ações por ele propostas. Para que todos eles compreendam as ações que estamos sugerindo, haverá um momento de sensibilização junto à gestão, para que esta converse com os servidores, explanando sobre o sentido da aplicação deste Plano de Ação Educacional na escola estudada. Corroboramos que todos precisam não apenas entender o Plano, mas também sentir-se parte dele e opinar:

Na medida em que se conseguir a participação de todos os setores da escola – educadores, alunos, funcionários e pais – nas decisões sobre seus objetivos e funcionamento, haverá melhores condições

para pressionar os escalões superiores a dotar a escola de autonomia e de recursos (PARO, 2016, p. 17).

Se este Plano for simplesmente imposto como tarefa a ser executada, soará aos servidores como mais trabalho para que eles desempenhem e, conseqüentemente, deve gerar resistência. Ao contrário, pensamos que o PAE deve ser levado à ciência de todos, para que discutam as ações e as melhorem e adequem, conforme acreditarem ser melhor para o contexto da escola.

Para que este Plano ganhe efetividade na escola, um fator preponderante consiste na efetivação da gestão democrática, onde se entenda o gestor como um líder, mas que ganha força através de uma escola onde todos tenham oportunidades de opinar e tomar decisões. Esse cenário resulta de uma escola onde:

[...] Não faz falta um chefe, ou um burocrata; à escola faz falta um colaborador, alguém que, embora tenha atribuições, compromissos e responsabilidades diante do Estado, não esteja apenas atrelado ao seu poder e colocado acima dos demais” (PARO, 2016, p. 135).

Uma gestão democrática vai ao encontro do que foi apresentado por Paro, pois ela contempla e agrega todos os servidores de forma que eles compreendam o seu papel na escola e o primordial: que o aluno é o foco do trabalho de cada funcionário. Nesse ínterim, se o aluno consiste na prioridade de todos, a frequência e permanência dele dentro da escola deve ser tarefa que envolva cada membro da comunidade escolar. Só através dessa compreensão, o PAE elaborado terá sustentação dentro da escola, pois os funcionários administrativos, pedagógicos e os alunos serão as engrenagens de funcionamento deste Plano.

Nas seções 3.1 a 3.6, apresentamos as oito ações que julgamos pertinentes de ocorrerem na escola pesquisada. Esclarecemos que tentamos contemplar todos os envolvidos na comunidade escolar, de forma que as ações fossem divididas entre eles.

3.1. Formação dos servidores da escola acerca do Abandono Escolar

Para que haja a formação com os servidores da escola é necessária a realização de um diagnóstico do abandono e da evasão. Nele, precisaremos compreender os resultados dos anos anteriores, compará-los com os resultados

atuais, e buscar, mensalmente, verificar aqueles estudantes que já devem ser considerados infrequentes e, por isso, entrar nas ações de combate da escola.

A equipe gestora deve, junto à secretaria, verificar os resultados de rendimento dos anos anteriores, via SIGEAM e SIGEAM/Web, nos quais aparecerá o número de alunos que abandonaram a escola. Além disso, é relevante estabelecer um comparativo entre os últimos três anos. A secretaria da escola deve, ainda, verificar se esses alunos que abandonaram a escola realizaram matrícula em alguma outra instituição de ensino o que, caso não tenha ocorrido, configura a evasão.

Tal levantamento deve ser realizado antes de iniciarem as aulas. Os números que resultarem dessa verificação devem ser utilizados na formação, para que todos os funcionários da escola saibam que o trabalho que estão desenvolvendo gerará mudança nos resultados futuros de abandono.

Outro momento atrelado a essa ação consiste na verificação mensal dos alunos que estão infrequentes. Analisa-se o número de faltas, verificando, equipe gestora e professores, quais alunos costumam faltar às aulas com certa constância (para isso será criado um formulário através outra ação deste plano). Essa verificação não pode ser bimestral, visto que um bimestre já é o suficiente para que o abandono se configure e, como pretendemos evitá-lo, devemos, mês a mês, analisar a frequência dos alunos junto aos docentes. Tal tarefa pode ser realizada utilizando a ferramenta do Diário Digital atrelada ao formulário que veremos na próxima seção.

A ação propriamente dita, no sentido de evitar a problemática inerente ao abandono, consiste em uma formação, explanando os principais conceitos de abandono e evasão escolares, mostrando ainda como funciona o cálculo do rendimento escolar e, ainda, como este influencia no resultado do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) da escola.

Normalmente o primeiro passo a ser dado para que se entenda o panorama do abandono, seria analisar os números que identificam os alunos evadidos e que abandonaram a escola nos anos anteriores e, mesmo, no ano vigente. Ocorre que, diante das entrevistas, ficou evidente que a gestão da escola e alguns professores desconhecem os conceitos relativos ao abandono e a evasão escolares, o que demonstra que, primeiramente, a comunidade escolar deve se reunir em formação, para compreender melhor essas duas problemáticas. Sabemos que se a equipe

pedagógica desconhece a problemática do abandono, a equipe administrativa, provavelmente, também deve ter a mesma dificuldade.

Para que isso ocorra, a gestão da escola buscará auxílio da Coordenadoria Distrital de Educação 03, no sentido de solicitar que, durante a jornada pedagógica do ano de 2018, que é uma ação realizada anualmente pela SEDUC/AM, a coordenadora do abandono escolar possa passar um dia na escola, nos turnos matutino e vespertino, para realizar formação aos servidores.

Essa formação terá carga horária de quatro horas: duas horas para explanação acerca da teoria e dos conceitos concernentes ao abandono e à evasão, uma hora para explanação (essa pode ser feita até pela pedagoga da própria escola) sobre a estrutura de cálculo do rendimento escolar (esclarecendo-se como o abandono influencia nesse resultado) e também o cálculo do IDEB, além dos resultados dos anos anteriores da escola, em relação ao abandono e à evasão, e uma hora para que sejam tiradas as dúvidas e discutidos os aspectos que os servidores julgarem necessários na análise da problemática.

Essa formação servirá, de certa forma, como primeiro contato com os servidores da escola, no sentido de motivá-los a participar da prática de combate e prevenção ao abandono e evasão. Lembramos que, nessa formação, todos os servidores da escola devem estar contemplados: auxiliares de serviços gerais, merendeiras, vigias, professores, pedagoga, gestor, assistentes administrativos e a secretária.

Tais servidores precisam compreender que toda e qualquer atitude no trato com os alunos é determinante para a permanência deles na escola, desde o bom dia ao entrarem, uma escola limpa e organizada, um atendimento atencioso na secretaria, a merenda com sabor apazível, as aulas dinâmicas e com metodologias estimulantes, uma pedagoga que compreenda e busque auxiliar os alunos, a gestão sanando os problemas sempre que eles aparecerem, entre outros.

Quando inquiridos sobre as problemáticas da escola, os alunos citaram que: a escola é desorganizada (04 alunos), os funcionários não são cordiais (02 alunos), o ensino oferecido não é de qualidade (02 alunos), a coordenação pedagógica não os atende (04 alunos). Todas essas críticas demonstram que a escola precisa se reestruturar para receber os estudantes com cordialidade, de forma que o atendimento a eles seja eficaz e resulte em resolução das demandas discentes.

Essa ação, se bem executada, fará com que os servidores da escola compreendam que o papel deles na escola é fundamental para a permanência dos estudantes e que, ao contrário, se eles destratarem os alunos ou deixarem de lhes prestar atendimento, estarão convergindo rumo ao abandono dos alunos da escola.

AÇÃO 01	DESCRIÇÃO
What O que será feito? (etapas)	Formação com os funcionários da escola (tanto administrativos quanto pedagógicos) sobre Abandono escolar.
Why Por que será feito? (justificativa)	Para que todos compreendam o conceito de cada problemática e auxiliem na prevenção e combate.
Where Onde será feito? (local)	Na própria escola.
When Quando será feito? (tempo)	Durante a jornada pedagógica de 2018.
Who Por quem será feito? (responsabilidade)	Equipe gestora em parceria com a Coordenadoria Distrital de Educação 03.
How Como será feito? (método)	Primeiramente a escola realizará um diagnóstico dos resultados de evasão e abandono dos anos anteriores. Posteriormente, a equipe gestora da escola buscará apoio junto à Coordenadoria Distrital de Educação 03, visando trazer à escola o profissional da CDE responsável pelo abandono, para realizar uma formação com carga horária de 04 horas para os turnos matutino e vespertino. Nessa formação serão utilizados os dados levantados e aspectos teóricos relacionados ao tema.
How Much Quanto custará? (custo)	Sem custo financeiro.

3.2. Criação do formulário de frequência

Esse formulário tem como objetivo facilitar a verificação, por parte dos professores, da frequência escolar dos alunos. Através dele, os docentes assinalarão sempre que um aluno obtiver um determinado número de faltas em suas disciplinas. Posteriormente, os professores entregarão o formulário ao setor pedagógico da escola, que tomará as providências cabíveis. A relevância desse formulário ocorre devido ao fato de que o gestor, ou o pedagogo, teriam que acessar disciplina a disciplina no Diário Digital para conseguirem mensurar a quantidade de

faltas dos estudantes e, através do formulário, esse levantamento de dados já estará pronto, facilitando o trabalho do gestor e do pedagogo.

É interessante que, no próprio formulário, constem os dados do aluno, bem como telefone dos responsáveis. Isso facilitará o trabalho da pedagoga, que deverá contatar os pais do estudante sempre que necessário. Esse documento deve ser solicitado mensalmente dos professores, para que a verificação seja contínua e a ação evite futuros casos de abandono. Como os docentes conseguem facilmente visualizar esse número de faltas do Diário Digital, e possuem horário de trabalho pedagógico (HTP), fora de sala de aula, justamente para resolver demandas como essas, um tempo de HTP ao mês seria suficiente para que o formulário fosse preenchido.

Esclarecemos que esse documento, de forma nenhuma deve servir para ser arquivado ou armazenado em determinado local da escola, como o setor pedagógico. Ele deve ser uma ferramenta útil, contínua e que sirva realmente para mensurar as possibilidades de infrequência e deve ser arquivado no setor pedagógico apenas para fins de possíveis futuros problemas recorrentes com o mesmo estudante, mas, enquanto estiver sendo utilizado, ele deve estar acessível para a gestão e a pedagoga trabalharem tais dados.

AÇÃO 02	DESCRIÇÃO
What O que será feito? (etapas)	Elaboração de um formulário a ser entregue pela equipe gestora aos docentes de todas as disciplinas.
Why Por que será feito? (justificativa)	Para que a escola possa gerar o controle mensal dos alunos infrequentes e contatá-los.
Where Onde será feito? (local)	Na escola.
When Quando será feito? (tempo)	Antes do início do ano letivo.
Who Por quem será feito? (responsabilidade)	Equipe gestora.
How Como será feito? (método)	O gestor, a pedagoga e a secretária da escola se reunirão para elaborarem o documento.
How Much Quanto custará? (custo)	R\$ 100,00 ao mês para impressão dos formulários.

3.3. Reunião com os pais e/ou responsáveis

A ação 03 tem como objetivo sensibilizar a família quanto à problemática do abandono e evasão. Ela ocorrerá através de uma reunião, no início do ano letivo, na qual serão explanados os conceitos de abandono e evasão, bem como demonstrado aos pais, como a ocorrência de ambos influenciam no rendimento escolar. Nessa reunião, a equipe gestora da escola mostrará, ainda, aos pais e/ou responsáveis dos estudantes, o rendimento dos três anos anteriores, enfatizando os índices de abandono.

Durante a reunião, a equipe gestora deve mostrar, ainda, o índice de alunos que abandonaram a escola e não voltaram, ou não se matricularam em nenhuma outra instituição de ensino, evidenciando ainda que, em muitos casos, esses alunos não voltam a frequentar a escola ao longo de muito tempo, o que prejudica a formação dos estudantes. Esse momento pode ocorrer na quadra ou no pátio, a critério da escola, de forma que o local garanta conforto aos pais. É importante que nesta data, assim como nos outros dias, os pais sejam muito bem tratados na escola, desde o momento da entrada, até a saída, visto que é um momento de sensibilização e precisamos aproximar os pais da escola e fazê-los perceber a relevância da formação no ensino médio na vida de seus filhos.

Muitas empresas do Distrito Industrial de Manaus possuem, em sua entrada, um banner com a seguinte frase: “Estamos há X dias sem acidentes de trabalho. Seguindo essa ideia, o gestor de nossa escola produziria um banner, em uma empresa especializada na impressão do mesmo, onde haveria a seguinte frase: “Nossa escola, até o dia de hoje, possui X alunos que abandonaram os estudos neste ano letivo, contribuam, vamos zerar esse número”. É evidente que o número de alunos que abandonaram seria variável e a escola o mudaria sempre que necessário.

Mas o interessante é que esse banner esteja exposto durante a reunião, fazendo com que os observassem quantos estudantes deixaram de frequentar as aulas. O objetivo dessa exposição seria sensibilizar os pais para essa realidade e buscar, junto a seus filhos, que eles não fizessem parte da estimativa.

A cada reunião bimestral com os pais, o gestor faria a exposição do banner com o número de abandonos, mantendo-o sempre atualizado e evitando que a ação caísse no esquecimento e perdesse o sentido. O custo do banner no mercado local

é de, aproximadamente, R\$ 60,00, podendo-se encontrar até valores mais baratos. O papel que o gestor deve trocar, com os números, a cada mês, poderá ser impresso na própria secretaria da escola, evitando maiores despesas.

Se bem cuidado e mantido sempre limpo, muito provavelmente esse banner possa ser utilizado por mais de um ano letivo. Lembramos que o layout do banner, para economizar, pode ser feito por algum funcionário da própria escola que detenha conhecimento de uso do programa Power Point. Assim, a escola custearia apenas a impressão.

AÇÃO 03	DESCRIÇÃO
What O que será feito? (etapas)	Reunião com os pais de todos os alunos da escola, traçando um panorama acerca da evasão e abandono e utilizando um banner para demonstração dos resultados atuais da escola.
Why Por que será feito? (justificativa)	Visando sensibilizar e trazer informação aos pais acerca do abandono escolar..
Where Onde será feito? (local)	No pátio da escola/na quadra da escola.
When Quando será feito? (tempo)	Início do ano letivo.
Who Por quem será feito? (responsabilidade)	Equipe gestora da escola.
How Como será feito? (método)	A equipe gestora da escola reunirá todos os pais que comparecerem para explanar acerca do rendimento escolar dos anos anteriores e como os índices de abandono influencia nesses resultados.
How Much Quanto custará? (custo)	A impressão do banner custaria em torno de R\$ 60.

3.4. Intervenção com alunos infrequentes

Essa ação consiste em uma tarefa que parece simplória, mas que nem sempre aparenta ter sido executada na escola. No questionário com os alunos, constatamos que a grande maioria deles nunca havia sido procurada pela equipe gestora da escola para uma conversa sobre o motivo da infrequência. Além disso, muitos deles responderam que a coordenação pedagógica não os atende em suas necessidades. Em virtude disso, sempre que no diagnóstico mensal vierem à tona

alunos que têm sido infrequentes nas aulas, estes devem ser convocados pela equipe gestora para uma conversa.

No momento em que ocorrer essa intervenção, gestor, pedagoga e os professores que puderem comparecer à reunião, devem estar cientes de que podem surgir diversas problemáticas aventadas pelos alunos e muitas delas podem ser inclusive, críticas a aspectos do cotidiano escolar. Quando isto ocorrer, os profissionais da escola devem saber lidar com a situação, tendo a calma e sabedoria necessárias para conduzir a discussão e admitir as possíveis falhas que a escola tenha cometido.

Caso os problemas citados pelos alunos venham de outras esferas, que estejam fora do ambiente escolar, é relevante ainda que a equipe gestora possa orientá-los e buscar auxiliá-los nas dificuldades que enfrentam fora da escola. Somos cientes que a escola não tem responsabilidade sobre os atos, por exemplo, da família, mas, enquanto profissionais da educação, podemos e devemos buscar esforços e meios para garantir a frequência de nossos alunos, ainda que os problemas aventados por eles não estejam em nossa competência direta.

Se, em algum momento essa infrequência persistir, a escola deve buscar apoio junto ao Conselho Tutelar e à Coordenadoria Distrital de Educação 03, ou ainda em outros órgãos governamentais, no intuito de esgotar todos os recursos a que pode recorrer. E, muitas vezes, as famílias dos alunos possuem um maior respeito por outros órgãos que não desgastam relação no trato cotidiano com elas, como é o caso das instituições de ensino.

Tais conversas sempre devem acontecer em um ambiente privado, como a sala da gestão, visando evitar constrangimentos aos alunos, caso os demais colegas saibam o motivo da conversa. Precisamos resguardar nossos alunos de forma sábia e constante. Isso evita que eles criem uma resistência aos professores e equipe gestora que costuma ser um dos motivos da evasão e abandono.

AÇÃO 04	DESCRIÇÃO
What O que será feito? (etapas)	Sempre que for identificado um aluno infrequente, esse será convocado para conversa com a equipe gestora.
Why Por que será feito? (justificativa)	Visando conscientizar os alunos da relevância da frequência escolar, bem como compreender as necessidades deles enquanto indivíduos, que podem atrapalhar o cotidiano na escola.

Where Onde será feito? (local)	Sala da gestão da escola, ou outra sala que proporcione privacidade na conversa com os alunos.
When Quando será feito? (tempo)	Ao longo do ano letivo.
Who Por quem será feito? (responsabilidade)	Gestor e pedagoga (se possível, convocar também o professor de língua portuguesa e matemática).
How Como será feito? (método)	Através de uma conversa entre as partes, visando compreender a realidade e necessidade do estudante e fazê-lo perceber a relevância da assiduidade escolar.
How Much Quanto custará? (custo)	Sem custo financeiro.

3.5. Palestras sobre as profissões

Para que essa ação aconteça, a equipe gestora da escola buscará profissionais de carreira, que se proponham, gratuitamente, a palestrar aos alunos da escola. Essas palestras ocorreriam ao longo do ano letivo (seria interessante que houvesse ao menos uma a cada bimestre), conforme a disponibilidade de cada profissional. Estes, durante as palestras, fariam do percurso formativo que tiveram para a construção de suas carreiras.

É preponderante que o profissional convidado, além de citar a sua formação técnica ou universitária, explanando como ela ocorreu, durante qual período, as concessões que ele precisou fazer durante os estudos, etc., fale ainda sobre a formação que ele teve durante o ensino médio. Nosso objetivo com essa retomada é que o estudante se veja no profissional, enquanto esse ainda era um jovem, como os nossos alunos são.

Tal aproximação se dará visando fazer com que os alunos se espelhem na conduta que aquele profissional teve durante o ensino médio dele, e percebam que a etapa de escolaridade em que se encontram já funciona como um pressuposto da vida acadêmica universitária ou técnica que eles obterão. Como estão em fase decisiva para os vestibulares para ingressar na faculdade, os alunos podem traçar um paralelo com o período vivido pelos profissionais.

É relevante ainda que, durante a palestra, os profissionais relatem para os alunos sobre as conquistas patrimoniais que a carreira os trouxe (como objetos, carros, casa, etc.), bem como a realização de se trabalhar fazendo algo que nos traga prazer (falando do cotidiano, horário de trabalho, benefícios trazidos pelo

emprego, etc.). Devemos, ainda, proporcionar aos alunos da escola um momento para que sanem suas dúvidas e possa questionar acerca da carreira do profissional, bem como quaisquer outras indagações que possam surgir durante a palestra.

AÇÃO 05	DESCRIÇÃO
What O que será feito? (etapas)	Palestras sobre as profissões para todos os alunos do ensino médio.
Why Por que será feito? (justificativa)	Para estimular os alunos a galgarem uma carreira profissional e se espelharem nos profissionais que palestrarão, compreendendo o processo formativo percorrido pelos profissionais.
Where Onde será feito? (local)	Na Sala de Mídia da escola.
When Quando será feito? (tempo)	Durante todo o ano letivo.
Who Por quem será feito? (responsabilidade)	Equipe gestora.
How Como será feito? (método)	A equipe gestora buscará profissionais com carreiras de sucesso para palestrarem acerca de suas formações acadêmicas para os alunos.
How Much Quanto custará? (custo)	Sem custo financeiro.

3.6. Criação da brigada de combate ao abandono.

A ação 06 consiste na criação de uma Brigada de Combate ao Abandono, visando envolver os alunos na causa de prevenção e combate ao abandono. Para que ela seja constituída, os professores conselheiros de cada turma da escola (da 1ª à 3ª série do ensino médio), irão propor a criação da mesma e explicar para os alunos como ocorrerá o seu funcionamento. O ideal é que a escolha dos membros se dê por interesse e não por eleição, no intuito de só participarem os alunos que estiverem realmente objetivando ajudar a causa. Porém, se houver um grande número de interessados em cada turma, se fará necessária uma votação.

Propomos que a brigada de cada sala possua, no máximo, três componentes e, no mínimo, dois. Esse número pequeno de alunos evita que o grupo cresça demais e acabe desvirtuando o sentido da sua formação. Essa instituição dos grupos deve ocorrer, prioritariamente, no primeiro mês do ano letivo, para que eles já comecem a desempenhar suas atividades e auxiliar os docentes.

A Brigada de Combate ao Abandono terá as seguintes funções:

- Os alunos farão, junto aos docentes, o acompanhamento da frequência dos colegas, verificando quantas faltas esses obtêm;
- A Brigada de Combate ao Abandono servirá como elo entre os docentes e a equipe pedagógica, podendo aquela levar para essa o formulário de frequência escolar, explanando sobre a infrequência dos colegas;
- Os integrantes da brigada serão essenciais no momento de se contatar os estudantes (essa consistindo em sua função primordial), pois normalmente os alunos trocam número de telefones e se conectam através das Redes Sociais, ou ainda residem uns perto dos outros, o que faz com que o estudante tenha maior facilidade de encontrar um colega do que a própria escola.

A Brigada de Combate ao Abandono, nesse sentido, funcionará como um apoio da instituição escolar, para contatar os alunos e também criar esse ambiente na escola onde toda a comunidade esteja, junta, compreendo as ações que a escola realizará para sanar a problemática apresentada. Essa brigada funcionará ao longo de todo o ano letivo e, caso algum aluno seja transferido da escola, este deve ser substituído o mais rapidamente possível. Pensamos que, talvez, os alunos sendo sensibilizados pelos seus próprios colegas, isso surta um efeito positivo, diminuindo o abandono escolar.

AÇÃO 06	DESCRIÇÃO
What O que será feito? (etapas)	A criação de uma Brigada de alunos visando combater o abandono.
Why Por que será feito? (justificativa)	Para auxiliar os docentes e a equipe gestora na identificação dos alunos infrequentes, bem como envolver os estudantes na política escolar de combate ao abandono.
Where Onde será feito? (local)	Na própria escola.
When Quando será feito? (tempo)	Ao longo de todo o ano letivo.
Who Por quem será feito? (responsabilidade)	Equipes compostas por três alunos de todas as salas.
How Como será feito? (método)	No início do ano letivo, o professor conselheiro de cada turma, irá reuni-la para decidirem quais alunos participarão da Brigada de Combate ao Abandono.
How Much Quanto custará? (custo)	Sem custo financeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo de caso visou identificar e propor ações para resolução das principais causas do abandono escolar em uma escola estadual de Manaus. Essa escola obteve, nos anos de 2014 a 2016, elevadas taxas de abandono, conforme descrevemos no Capítulo 1. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa onde buscamos conhecer e compreender essas causas, que ocasionaram as elevadas taxas de abandono. Nosso objetivo primordial, nesse sentido, foi desenvolver um estudo que não somente identificasse as possíveis causas do abandono na escola pesquisada, mas que também descrevesse tais causas, as analisasse, e propusesse ações que as solucionassem.

Durante a pesquisa, identificamos que o abandono escolar é ocasionado por vários fatores, tanto internos como externos à escola, onde houve uma equiparação entre os fatores, tanto o que ocorre dentro da instituição escolar, quanto o que ocorre fora dela (nos ambientes familiar, na comunidade ou no transporte até a escola) influenciam quase que igualmente os alunos a desistirem dos estudos.

Para a compreensão da problemática no âmbito do ensino médio, descrevemos no Capítulo 1 a situação do Abandono Escolar no Brasil, onde abordamos acerca das políticas públicas educacionais voltadas para essa modalidade de ensino, as ações desenvolvidas pelo Ministério da Educação para redução do abandono, com base nos dados do MEC e do INEP. Apresentamos a situação do abandono escolar no Amazonas, descrevendo os projetos implementados e as ações desenvolvidas pela Secretaria de Estado da Educação do Amazonas (SEDUC/AM) que, por meio das ações da GEPPAE, tem buscado reduzir as taxas do abandono em todas as escolas da rede estadual de ensino, promovendo condições de ingresso e de permanência do aluno até o fim dos seus estudos.

Nesse momento, produzimos, ainda, um comparativo das taxas do abandono escolar, nos últimos três anos, entre os estados da Região Norte e constatamos que o Amazonas está entre os três estados que apresentaram maiores taxas de abandono nos últimos três anos. Descrevemos a caracterização da Coordenadoria Distrital de Educação 03, à qual a escola está ligada diretamente, apresentando os dados estatísticos do abandono escolar das escolas sob sua coordenação, as quais atendem o Ensino Médio, num total de 14 escolas.

Nesse capítulo, pudemos perceber as ações que vêm sendo desenvolvidas pela equipe responsável da CDE-03 no acompanhamento do abandono escolar. Constatamos que a Coordenadoria precisa de mais recursos humanos e financeiros para lidar com o abandono, pois possui 38 escolas sob sua responsabilidade e apenas três profissionais que lidam diretamente com esse tema, para auxiliarem um grande número de escolas.

Finalizando o Capítulo 1, apresentamos a situação do abandono escolar na escola foco deste estudo, conforme dados do rendimento escolar dos anos de 2014, 2015 e 2016, descrevendo as informações qualitativas e quantitativas por série e turno, bem como, relatando, de forma sucinta as ações que já foram desenvolvidas e quais foram seus resultados. Isso nos permitiu verificar o que já vem sendo feito de forma efetiva e possíveis ações a serem implementadas no PAE para complementar o que já vem sendo feito na escola. Claro que as ações da escola ainda eram realizadas timidamente, e sem um envolvimento de todos, havia ações pontuais desenvolvidas por profissionais que se sentiam à vontade para realizá-las. Mas, sabemos que as ações precisam ser em conjunto, democráticas e discutidas constantemente e o PAE visa corrigir esse cenário.

No Capítulo 2, apresentamos o desenvolvimento da pesquisa, primeiramente descrevendo o percurso metodológico adotado, que foi o da pesquisa qualitativa por meio de um estudo de caso; descrevemos os eixos de análise, sendo este o nosso referencial teórico, enfatizando os textos em que os autores tratam dos fatores internos e externos à escola relacionando-os ao abandono escolar. Como abordado por Batista *et al* (2015) as várias dimensões presentes nas causas do abandono, não devem ter seus fatores estudados de forma isolada.

Apresentamos também, a análise dos dados coletados por meio de entrevistas e aplicação de questionário. Por meio das informações obtidas, foi possível compreendermos o papel de cada um, gestor, pedagoga, professores, alunos, quanto aos resultados do rendimento da escola. Percebemos que há um distanciamento entre o fazer pedagógico e os resultados, ou seja, falta por parte da gestão ou dos professores, a compreensão acerca das consequências que o abandono escolar ocasiona nos resultados da escola, isso, para que se possa pensar em ações visando a redução das taxas não só de abandono, como também da reprovação do aluno, principalmente por faltas. Cada membro da comunidade escolar interna, precisa se sentir corresponsável pelos resultados e agir de forma

conjunta, para que tanto o sucesso como o insucesso da escola, possa ser um resultado de todos.

No Capítulo 3, apresentamos o Plano de Ação Educacional (PAE), o qual propõe à escola pesquisada, ações para redução do abandono escolar. Tais ações indicam a participação de todos os membros da comunidade escolar e foram elaboradas buscando atender as especificidades da escola e do seu público-alvo.

Por fim, consideramos que as ações para prevenção e o combate ao abandono escolar, devem ser revistas e repensadas a cada novo ano letivo pois, os fatores que ocasionam essa problemática surgem a cada novo abandono, cabendo à escola ter um olhar diferenciado para cada aluno, fazendo o acompanhamento durante todo o ano letivo e, até o fim dos seus estudos, só então, terá sua função cumprida.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS, **Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino**. 2016. Disponível em: < www.seducam.gov.br >. Acesso em: 03 de janeiro de 2017. (2015b)

_____, **Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino. Sistema Integrado de Gestão Educacional do Amazonas (SIGEAM)**. 2016. Disponível em: <<http://www.educacao.am.gov.br/sistema-integrado-de-gestao-educacional-do-amazonas-sigeam>>. Acesso em: 20 de dezembro 2016. (2016a)

_____. **Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino. Coordenadoria Distrital de Educação 03. Organograma**. Manaus, AM, 2016. (2016b)

_____, **Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino. Plano Estadual de Educação PEE decênio-2015-2025**. 2015. Disponível em: < www.seducam.gov.br >. Acesso em: 03 de julho de 2015.

_____, **Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino. Ligações feitas aos pais/responsáveis dos alunos que deixaram de frequentar a escola até outubro de 2016**. Quadro elaborado pela autora.

_____, **Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino. Gerência de Programas, Projetos e Atendimento ao Escolar (GEPPAE). Programas e Projetos para correção da distorção idade-série**. Disponível em: < www.seducam.gov.br >. Acesso em: 25 de outubro de 2016. (2016d)

_____, **Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino. Gerência de Programas, Projetos e Atendimento ao Escolar (GEPPAE). Ações da SEDUC para combater o Abandono Escolar**. Disponível em: < www.seducam.gov.br >. Acesso em: 04 de novembro de 2016. (2016e)

ANDRÉ, Marli. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, nº 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.

BATISTA, Santos Dias; SOUZA, Alexsandra Matos; OLIVEIRA, Júlia Maria da Silva. **A evasão escolar no ensino médio: um estudo de caso**. Revista Profissão Docente, Uberaba, v.9, nº 19, www.uniube.br/propep/mestrado/revista. 2009.

BORJA, Izabel Maria França de Souza; MARTINS, Alcina Manuela de Oliveira. **Evasão escolar: desigualdades e exclusão social**. Revista Liberato, Nova Hamburgo, v. 15, nº 23, p. 01-104, jan-jun. 2014.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional**. Promulgado em 5 de outubro de 1988;

_____. **Emenda Constitucional nº 59/2009**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm. Acesso em: 03 de janeiro de 2017.

_____. Fundação Lemann e Meritt (2012). Portal QEdu.org.br: **Censo Escolar - Taxas de rendimento**. Disponível em: <http://www.qedu.org.br/brasil/taxas-rendimento>. Acesso em: 20 de janeiro de 2017.

_____. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação-FNDE: **Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE)**. 2005. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/dinheiro-direto-escola/dinheiro-direto-escola-apresentacao>. Acesso em: 15 de junho de 2017.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira INEP. **Censo Escolar: 2014, 2015 e 2016**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>. Acesso em: 04 de outubro de 2016.

_____. INEP. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2016**. Brasília: Inep, 2017. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas>. Acesso em: 09 de setembro de 2017.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB nº 9394/96. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 09 de maio de 2017.

_____. **Lei nº 11.274/06: Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm. Acesso em: 28 de janeiro de 2017.

_____. **Lei nº 13.415/17: Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm. Acesso em: 18 de fevereiro de 2017.

_____. Ministério da Educação. **Portaria nº 1.146 de 22 de novembro de 2013: Institui o Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio e define suas diretrizes gerais, forma, condições e critérios para a concessão de bolsas de estudo e pesquisa no âmbito do ensino médio público, nas redes estaduais e distrital de educação**. Disponível em: http://pactoensinomedio.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5. Acesso em: 04 de outubro de 2016b.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Disponível em: http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/resolucao_ceb_002_30012012.pdf. Acesso em: 04 de outubro de 2016.

_____. Ministério da Educação. **Plano Nacional da Educação – decênio 2014-2024: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB fácil: leitura crítico-compreensiva, artigo a artigo**. 22ª ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2014.

CASTELAR, Pablo Urano de Carvalho; MONTEIRO, Vitor Borges; LAVOR, Daniel Campos. **Um estudo sobre as causas de abandono escolar nas escolas públicas de ensino médio no Estado do Ceará**. JEL CLASSIFICATION: I20, C23, J18. ÁREA IPECE - Área 2: Economia Social, 2012.

LÜCK, Heloísa. **As Dimensões da Gestão Escolar e suas competências**. Editora Positivo. Curitiba. 2009.

_____. **Liderança em gestão escolar**. 8ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

_____. **Concepções e processos democráticos de gestão educacional**. 9ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

MICARELLO, Hilda, PALÁCIOS, Manuel, DUTRA, Rogéria. **Estudo de Caso**. 2015. Disponível em: <http://www.ppgp3.caedufif.net/mod/resource/view.php?id=1257>. Acesso em: 20 de Agosto de 2016.

MINAYO, Cecília de Souza (Org.), DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 26ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, A.S.; THUMS, A.; ALVES, K.I. **Evasão e abandono escolar: do princípio da fuga ao caminho da permanência**. In: FRISCH, R. (Org.). Ensino Médio: caminhos e descaminhos da evasão escolar. São Leopoldo: Oikos, 2015, p.45-64.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011. Disponível em: [http://www.academia.edu/13299266/Manual de metodologia científica](http://www.academia.edu/13299266/Manual_de_metodologia_cientifica). Acesso em: 02 de abril de 2017.

SEDUC, SIGEAM. **Sistema Integrado de Gestão Educacional do Amazonas. Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino do Amazonas**. Disponível em: <http://www.sigeam.am.gov.br/>. Acesso em: 20 de março de 2016.

SOARES, Tufi Machado; FERNANDES, Neimar da Silva; NÓBREGA, Mariana Calife; NICOLELLA, Alexandre Chibebe. **Fatores associados ao abandono escolar no ensino médio público de Minas Gerais**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. 3, p. 757-772, jul./set. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201507138589>. Acesso em: 23 de maio de 2016.

TOKARNIA, Mariana. **Educação: Estudo mostra que 1,3 milhões de jovens de 15 a 17 anos abandonam a escola**. Agência Brasil. Disponível em:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-02/13-milhao-de-jovens-entre-15-e-17-anos-abandonam-escola-diz-estudo>. Acesso em: 29 de dezembro de 2016.

APÊNDICE A: ROTEIRO PARA ENTREVISTA DO GESTOR E DA PEDAGOGA

Nome: _____

1. Há quanto tempo atua como gestor (a), ou pedagogo (a) nessa escola? _____
2. Quantas horas, por dia, você permanece na escola? _____
3. Qual a sua formação (grau de instrução): _____
4. Em sua opinião, quais são as atribuições do gestor escolar, ou do pedagogo (a)?
5. Como você avalia a ferramenta Diário Digital? Quais são seus pontos positivos e negativos?
6. Como é feito o preenchimento do Diário Digital?
7. Em sua opinião, qual o papel do gestor (a), pedagogo (a), quanto ao uso do Diário Digital?
8. Em sua opinião, qual a diferença entre abandono escolar e evasão escolar? _____
9. Sobre o rendimento escolar, em que momento você faz o acompanhamento? Exemplo: mensal, bimestral, semestral ou anual? _____ Você informa os professores os dados do rendimento da escola? _____ Se a resposta for afirmativa, de que forma? _____
10. Com base nos resultados do rendimento dos últimos três anos, a escola tem apresentado elevadas taxas de abandono escolar, porém, essas taxas vêm reduzido cada ano; em sua opinião, quais foram ações foram desenvolvidas para que isso acontecesse?
11. Você sabe quantos alunos deixaram de frequentar a escola em 2016? _____
12. Dos alunos que deixaram de frequentar a escola em 2016, você sabe quantos retornaram em 2017? _____
13. Em sua opinião, quais os motivos que levam os alunos a deixarem de frequentar a escola? _____
14. Em sua opinião, o que a escola pode fazer para ajudar a gestão no combate ao abandono escolar? _____
15. Quais as ações desenvolvidas pela Coordenadoria para ajudar a escola no combate ao abandono escolar?

APÊNDICE B: ROTEIRO PARA ENTREVISTA DOS PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO

Nome: _____

1. Há quanto tempo você trabalha na escola? _____
2. Em sua opinião, quais foram as melhorias que aconteceram com a implantação do Diário Digital? _____
3. Em que momento você preenche o Diário Digital? _____
4. Como você faz o acompanhamento da frequência dos alunos? É possível fazer o levantamento dos alunos infrequentes e informar a pedagoga ou ao gestor? _____
5. Em sua opinião, qual a diferença entre abandono escolar e evasão escolar? _____
6. Como é feito esse preenchimento do Diário Digital? _____
7. Em sua opinião, quais as dificuldades em lidar com o aluno que abandona e depois retorna à escola? _____
8. Com base nos resultados do rendimento dos últimos três anos, a escola tem apresentado elevadas taxas de abandono escolar porém, a cada ano, essas taxas tem reduzido; em sua opinião, quais ações foram desenvolvidas pela escola para que isso acontecesse? _____
9. Com base na pergunta anterior, em sua opinião quais ações ainda precisam ser feitas? _____
10. Dos alunos que deixaram de frequentar a escola em 2016, você sabe quantos retornaram em 2017? _____
11. Em sua opinião, quais os motivos que levam os alunos a deixarem de frequentar a escola? _____
12. Em algum momento a escola solicitou sua ajuda para redução do abandono escolar? _____
13. De que forma você poderia ajudar a escola a reduzir as taxas de abandono escolar? _____

APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

1. Em que ano você ingressou nessa escola? Para cursar qual série?

2. Qual série você está cursando em 2017?

☐ 1ª

☐ 2ª

☐ 3ª

3. Qual o seu sexo?

☐ Masculino

☐ Feminino

4. Sua idade atual está entre:

☐ 16 e 18 anos

☐ 19 e 21 anos

☐ Mais de 22 anos

4. Você mora:

☐ Com os pais

☐ Com cônjuge

☐ Sozinho

☐ Com outros parentes ou conhecidos

☐ Outro: _____

5. Você desenvolve alguma atividade remunerada?

☐ Trabalha de carteira assinada

☐ Faz estágio

☐ Autônomo (trabalha por conta própria, ou com a família)

☐ Não

6. Qual a renda familiar da sua casa:

☐ Até um salário mínimo

☐ Entre um e dois salários mínimos

☐ Entre três e cinco salários mínimos

☐ Mais de cinco salários mínimos.

7. Durante o Ensino Médio, quantas vezes você abandonou já abandonou a escola?

☐ Uma vez

☐ Duas vezes

☐ Três ou mais vezes

8. Quais os motivos que fizeram você deixar de frequentar a escola em 2016? Você pode marcar mais de uma opção, se for o caso.

☐ Para trabalhar e ajudar financeiramente em casa

☐ Porque os professores faltavam muito

☐ Tinha dificuldades para aprender

☐ As aulas eram monótonas

☐ Porque não tinha condições de passar de ano

() Outras causas. Quais? _____

9. Quando terminar o Ensino Médio, você pretende:

- () Cursar o ensino superior e somente continuar estudando
- () Somente trabalhar
- () Cursar o Ensino Superior e trabalhar
- () Ainda não sei

10. Em algum momento algum funcionário da escola entrou em contato com você ou sua família para saber os motivos que o levaram a deixar de frequentar a escola?

- () Sim
- () Não

11. Se sua resposta for afirmativa, de que forma a escola entrou em contato?

- () Recebi ligações telefônicas
- () Recebi a visita do (a) gestor (a) da escola
- () Fui procurado(a) pelos professores da escola
- () Outra forma: _____

12. O que o motivou a voltar para a escola?

- () Apoio e cobrança da família
- () Busca por melhores oportunidades de trabalho
- () Satisfação pessoal por concluir a escolaridade
- () O desejo de cursar nível superior
- () Outro: _____

13. Assinale os pontos positivos da escola: Você pode marcar mais de uma opção, se for o caso.

- () Organizada
- () Oferece segurança
- () Possui regras de convivência
- () Tem excelentes professores
- () Oferece um ensino com qualidade
- () A gestão escolar é presente
- () A coordenação pedagógica atende aos alunos
- () Os funcionários são cordiais
- () As salas de aula e os demais ambientes, além de serem apropriados, são limpos diariamente
- () Possui espaços para o desenvolvimento de várias atividades (pedagógicas, recreativas e esportivas)
- () Tem merenda escolar diariamente

14. Assinale os pontos negativos da escola: Você pode marcar mais de uma opção, se for o caso.

- () Desorganização
- () Falta de segurança
- () Não possui regras de convivência
- () Os professores não são comprometidos
- () Não oferece um ensino com qualidade

- ☐ () A gestão escolar é ausente
- ☐ () A coordenação pedagógica não atende os alunos
- ☐ () Os funcionários não são cordiais
- ☐ () As salas de aula e os demais ambientes, além de não serem apropriados, não são limpos diariamente
- ☐ () Não tem merenda escolar diariamente
- ☐ () Não possui espaços para o desenvolvimento de várias atividades (pedagógicas, recreativas e esportivas)

15. Qual a importância da escola para o seu futuro?

- ☐ () Não possui importância
- ☐ () Pouca importância
- ☐ () Importante
- ☐ () Decisiva, pois me ajuda a tomar decisões, principalmente sobre a escolha do curso superior.
- ☐ () Não sei

**ANEXO A - Meta 3 suas respectivas estratégias - Plano Nacional de Educação
vigência 2014-2024**

PNE
Tema: Ensino Médio
Meta 3
Universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de quinze a dezessete anos e elevar, até o final do período de vigência deste PNE, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para oitenta e cinco por cento.
Estratégias
3.1. Institucionalizar programa nacional de renovação do ensino médio, a fim de incentivar práticas pedagógicas com abordagens interdisciplinares estruturadas pela relação entre teoria e prática, por meio de currículos escolares que organizem, de maneira flexível e diversificada, conteúdos obrigatórios e eletivos articulados em dimensões como ciência, trabalho, linguagens, tecnologia, cultura e esporte, garantindo-se a aquisição de equipamentos e laboratórios, a produção de material didático específico, a formação continuada de professores e a articulação com instituições acadêmicas, esportivas e culturais;
3.2. O Ministério da Educação, em articulação e colaboração com os entes federados e ouvida a sociedade mediante consulta pública nacional, elaborará e encaminhará ao Conselho Nacional de Educação (CNE), até o segundo ano de vigência deste PNE, proposta de direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para os (as) alunos (as) de ensino médio, a serem atingidos nos tempos e etapas de organização deste nível de ensino, com vistas a garantir formação básica comum;
3.3. Pactuar entre União, estados, Distrito Federal e municípios, no âmbito da instância permanente de que trata o § 5º do art. 7º desta lei, a implantação dos direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que configurarão a base nacional comum curricular do ensino médio;
3.4. Garantir a fruição de bens e espaços culturais, de forma regular, bem como a ampliação da prática desportiva, integrada ao currículo escolar;
3.5. Manter e ampliar programas e ações de correção de fluxo do ensino fundamental, por meio do acompanhamento individualizado do (a) aluno (a) com rendimento escolar defasado e pela adoção de práticas como aulas de reforço no turno complementar, estudos de recuperação e progressão parcial, de forma a reposicioná-lo no ciclo escolar de maneira compatível com sua idade;
3.6. Universalizar o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), fundamentado em matriz de referência do conteúdo curricular do ensino médio e em técnicas estatísticas e psicométricas que permitam comparabilidade de resultados, articulando-o com o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), e promover sua utilização como instrumento de avaliação sistêmica, para subsidiar políticas públicas para a educação básica, de avaliação certificadora, possibilitando aferição de conhecimentos e habilidades adquiridos dentro e fora da escola, e de avaliação classificatória, como critério de acesso à educação superior;
3.7. Fomentar a expansão das matrículas gratuitas de ensino médio integrado à educação profissional, observando-se as peculiaridades das populações do campo, das comunidades indígenas e quilombolas e das pessoas com deficiência;
3.8. Estruturar e fortalecer o acompanhamento e o monitoramento do acesso e da permanência dos e das jovens beneficiários (as) de programas de transferência de renda, no ensino médio, quanto à frequência, ao aproveitamento escolar e à interação com o coletivo, bem como das situações de discriminação, preconceitos e violências, práticas irregulares de exploração do trabalho, consumo de drogas, gravidez precoce, em colaboração com as famílias e com órgãos públicos de assistência social, saúde e proteção à adolescência e juventude;
3.9. Promover a busca ativa da população de quinze a dezessete anos fora da escola, em

articulação com os serviços de assistência social, saúde e proteção à adolescência e à juventude;
3.10. Fomentar programas de educação e de cultura para a população urbana e do campo de jovens, na faixa etária de quinze a dezessete anos, e de adultos, com qualificação social e profissional para aqueles que estejam fora da escola e com defasagem no fluxo escolar;
3.11. Redimensionar a oferta de ensino médio nos turnos diurno e noturno, bem como a distribuição territorial das escolas de ensino médio, de forma a atender a toda a demanda, de acordo com as necessidades específicas dos (as) alunos (as);
3.12. Desenvolver formas alternativas de oferta do ensino médio, garantida a qualidade, para atender aos filhos e filhas de profissionais que se dedicam a atividades de caráter itinerante;
3.13. Implementar políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito ou quaisquer formas de discriminação, criando rede de proteção contra formas associadas de exclusão;
3.14. Estimular a participação dos adolescentes nos cursos das áreas tecnológicas e científicas.

Fonte: Brasil (2015).

ANEXO B - Plano Estadual de Educação do Amazonas, Meta 3 – Ensino Médio

PEE
Tema: Ensino Médio
Meta 3
Universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 a 17 anos e elevar, até o final do período de vigência deste PEE, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 70%.
Estratégias
3.1 Participar das discussões nacionais sobre o programa nacional de renovação do ensino médio, a fim de inovar com abordagens interdisciplinares estruturadas pela relação entre teoria e prática, por meio de currículos escolares que organizem, de maneira flexível e diversificada, conteúdos obrigatórios e eletivos articulados em dimensões como ciência, trabalho, linguagens, tecnologia, cultura e esporte;
3.2. Participar, em regime de colaboração com a União e ouvida a sociedade mediante consulta pública, da elaboração da proposta de direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para os (as) estudantes de ensino médio, com vistas a garantir formação básica comum;
3.3. Participar do pacto entre os entes federados para a implantação dos direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que configurarão a base nacional comum curricular do ensino médio;
3.4. Realizar, em articulação com os órgãos competentes, busca ativa da população de 15 a 17 anos que se encontra fora da escola, a partir da vigência deste PEE;
3.5. Assegurar, com apoio do governo federal, a aquisição de equipamentos, laboratórios, livros didáticos, paradidáticos ou apostilas que contemplem o Referencial Curricular, assim como a produção de material didático específico para a etapa do ensino médio, na vigência do PEE-AM;
3.6. Garantir a formação continuada de professores (as) que atuam no ensino médio, inclusive por meio de realização de oficinas por áreas afins, a partir do primeiro ano de vigência do PEE-AM;
3.7. Realizar acompanhamento individualizado do (a) estudante com rendimento escolar defasado, visando à correção de fluxo do ensino fundamental, por meio de adoção de práticas como reforço escolar no turno complementar, estudos de recuperação e progressão parcial, de forma a reposicionar esse aluno em sua série/ano, compatível com sua idade, até o final da vigência deste PEE;
3.8. Utilizar os resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como instrumento de avaliação sistêmica para subsidiar políticas públicas para a educação básica, de

avaliação certificadora, possibilitando aferição de conhecimentos e habilidades adquiridas dentro e fora da escola, e de avaliação classificatória, como critério de acesso à educação superior, comparando esses resultados com a avaliação estadual;
3.9. Utilizar os resultados do SADEAM como instrumento de avaliação sistêmica para subsidiar e potencializar as políticas públicas com objetivos de melhorar os indicadores de rendimento das escolas públicas;
3.10. Redimensionar a oferta de ensino médio nos turnos diurno e noturno, bem como a distribuição territorial das escolas de ensino médio, de forma a atender a toda a demanda, de acordo com as necessidades específicas dos (as) estudantes, a partir do primeiro ano de vigência deste PEE;
3.11. Implementar políticas de prevenção à evasão escolar, motivada por quaisquer preconceitos sociais;
3.12- Implantar políticas públicas de correção de fluxo que atendam a meta e diminuam consideravelmente essa distorção.

Fonte: Amazonas (2015)